

Ana Filipa Araújo Luz

2º Ciclo de Estudos em Sociologia

Manobras na Cidade

2012

Orientadora: Professora Doutora Natália Maria Azevedo Casqueira

Classificação: Ciclo de estudos:

Dissertação/relatório/Projeto/IPP:

RESUMO

O presente relatório de estágio – Manobras na Cidade – debruça-se sobre um estudo de caso - Manobras no Porto - um projeto de intervenção/ação integrada e transversal no centro histórico do Porto.

Este relatório é o resultado do estágio curricular realizado na Opium, no âmbito do Mestrado em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Assumimos a cidade como palco privilegiado de afirmação cultural e identitária, procuramos emergir na realidade do festival Manobras no Porto e perceber quem são os protagonistas da cidade em Manobras.

O trabalho de investigação foi realizado através de uma consulta de estudos sobre as indústrias criativas por via do estágio realizado, realização de entrevistas semiestruturadas aos técnicos da Opium e a cinco proponentes de projetos integradores do Manobras, e análise documental. Procedeu-se a uma reflexão sobre o papel das indústrias criativas como instrumento de intervenção no território através da cultura.

A pertinência do objeto passa por perceber o papel das indústrias criativas como impulsionador do envolvimento comunitário em grandes eventos culturais. Procuramos ensaiar, deste modo, uma perspetiva compreensiva que se aproxime do impacto do festival no envolvimento comunitário. Através da aproximação empírica que levamos a cabo neste estudo foi-nos possível chegar a algumas conclusões, tais como o facto de as indústrias criativas representarem um setor de divulgação e ampliação da cultura nos espaços públicos, e também, que os projetos culturais que envolvem a comunidade propiciam a regeneração urbana e consolidam a identidade e coesão social, reforçando a identidade e imagem da cidade. O incremento de políticas públicas é fundamental para que estas ações possam acontecer.

Palavras-chave: Manobras no Porto, cultura, indústrias criativas, participação local

ABSTRACT

The present internship report – Manobras na Cidade – addresses about a case studie – Manobras no Porto – a project of intervention/action integrated and transversal in the historic center of Porto.

This report is the result of an internship held at Opium, under the Master of Sociology provided by Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

We have assumed the city as a privileged stage of cultural and identity affirmation, we intend to emerge in the reality of the festival Manobras no Porto and to perceive who the protagonists of the city in Manobras are.

The investigation work was accomplished through consulting studies about creative industries through the internship, semistructured interviews with technicians of Opium and five project proponents integrated in Manobras, and documentary analysis. There has been a reflection on the role of creative industries as an instrument of intervention in the territory through culture.

The relevance of the object goes through having a perception of the role of the creative industries as a driver of community involvement in cultural events. With this, we seek to rehearse a comprehensive perspective that approaches to the impact of the community involvement in the festival. Through the empirical approach that we take in this study we were able to come to some conclusions, such as the fact that the creative industries represent a sector of dissemination and expansion of culture in public spaces, and also, that the cultural projects that involve the community provide urban regeneration and strengthen the identity and social cohesion, reinforcing the identity and image of the city. The growth of public policies is essential to make these actions happen.

Keywords: Manobras no Porto, Culture, Creative Industries, Local Participation

RÉSUMÉ

Le présente rapport de stage – Manobras na Cidade – s’appuie sur une étude de cas – Manobras no Porto – un projet d’intervention / action intégré et transverse dans le centre historique du Porto.

Ce rapport est le résultat d’un stage de fin d’études dans la société Opium, dans le cadre de la conclusion du Master en Sociologie pour le Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Nous avons pensé, la ville comme scène privilégié d’affirmation culturel et identitaire et nous avons aussi essayé d’émerger dans la réalité du festival Manobras qui à lieu à Porto et en parallèle percevoir qui sont les protagonistes de la ville en Manobras.

Le travaille d’investigation à été réalisé a travers d’une consulte d’études sur les industries les plus créatives, des entretiens semi-structurelles aux techniciens de l’Opium et à 5 soumissionnaires des projets intégrateurs du Manobras et aussi d’une analyse documenté. Nous avons procédé a une réflexion sur le papier des industries créatifs comme un instrument d’intervention dans le territoire a travers de la culture.

La pertinence de l’objet est donc lie à une perception du papier de ces industries créatives comme stimulateurs de l’implication communautaire en des grands événements culturelles. Nous avons donc essayé, une perspective compréhensible que se rapproche de l’impact du festival dans l’intervention communautaire. Á travers de l’approximation empirique que nous avons pris pour réaliser cette étude, nous avons arrivé à des conclusions tels que l’idée des industries créatives comme un secteur de divulgation et amplification de la culture dans les espaces publiques, et aussi que les projets culturels qui vont impliquent la communauté vont rendre propice la régénération urbaine et consolident l’identité et cohésion sociale en renforçant l’identité et image de la ville. L’incrément de politiques publiques est ainsi fondamental pour faire apparaître ces types d’actions.

Mots clés: Manobras no Porto, Culture, industries créatives, participation sociale

AGRADECIMENTOS

A realização deste relatório jamais seria possível sem o precioso apoio e suporte de algumas pessoas.

Gostaria de agradecer a todos os que tornaram possível a concretização de um objetivo tão marcante como este. Obrigada a todos aqueles que acompanharam o meu percurso académico, e que me auxiliaram em todos os momentos, professores, em especial à minha orientadora Professora Doutora Natália Azevedo, colegas, equipa da Opium. Um agradecimento especial para a minha família e amigos que foram o meu “porto seguro” durante este último ano. Um sincero agradecimento pela disponibilidade e incentivo nos momentos de angústia, pelo apoio oferecido ao longo deste processo de enriquecimento profissional e pessoal.

Obrigada a todos os que me ajudaram a percorrer este longo caminho, pela paciência demonstrada e por nunca me terem deixado desistir. Obrigada!

ÍNDICE

Índice de Tabelas.....	VII
Índice de Quadros	VIII
Lista de Siglas	IX
Introdução	1

Capítulo I | Manobras na Cidade – Que cidade é esta? Que cidade pode ser esta?

1.1 A Cultura, a Cidade e a Criatividade.....	5
1.2 Cultura como Vetor Estratégico de Revitalização Urbana.....	14
1.3 <i>Clusters</i> e Indústrias Criativas.....	19
1.4 Manobras no Porto como Objeto Sociológico	
1.4.1 Problema Científico e Modelo de Análise	25
1.4.2 Procedimentos Metodológicos	27

Capítulo II | Realidade e Dinâmica das Indústrias Criativas: O Estágio na Opium

2.1 Caraterização da Organização.....	33
2.2 Equipa.....	35
2.3 Objetivos, actividades e metodologia do estágio	37
2.4 Festival da Mudança – Caraterização Empírica do Objeto de Estudo Manobras no Porto	37
2.4.1 Caraterização Empírica dos Projetos em Análise	
<i>Casa das Brincadeiras</i>	46
<i>Rádio Manobras</i>	47
<i>Poesias Sonoras e Fado em Tempo Real</i>	49
<i>Olha Lá</i>	50
<i>Porto Próximo</i>	51

Capítulo III | Caraterização Sociodemográfica, Discursos e Representações dos Atores Sociais

3.1 Caraterização Sociodemográfica dos Entrevistados	53
--	----

3.2 Reflexão sobre os Discursos e Representações Sociais dos Entrevistados 54

Considerações Finais 81

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 86

ANEXOS

Anexo 1 – Guião de Entrevista Semiestruturada – Técnicos da Opium 91

Anexo 2 – Guião de Entrevista Semiestruturada Proponentes dos Projetos Integradores do Manobras 93

Anexo 3 – Guião de Análise das Entrevistas – Técnicos da Opium 95

Anexo 4 – Análise Horizontal das Entrevistas – Técnicos da Opium 4

Anexo 5 – Guião de Análise das Entrevistas – Proponentes dos Projetos 4

Anexo 6 – Análise Horizontal das Entrevistas – Proponentes dos Projetos 4

Anexo 7 – Grelha de Situação de Observação 4

Anexo 8 – Grelha de Situação de Observação nº1 4

Anexo 9 – Grelha de Situação de Observação nº2 4

Anexo 10 – Grelha de Situação de Observação nº3 4

Anexo 11 – Grelha de Situação de Observação nº4 4

Anexo 12 – Grelha de Situação de Observação nº5 4

Anexo 13 – Grelha de Situação de Observação nº6 4

Índice de Tabelas

Tabela 3.1 – Caraterização Sociodemográfica dos Entrevistados..... 4

Índice de Figuras

Figura 1.1 – Tolerância, Criatividade e Crescimento Económico	4
Figura 1.2 – Modelo de Análise	4
Figura 2.1 – Estrutura de Gestão Manobras no Porto	4
Figura 2.2 – Fases Manobras no Porto 2011	4
Figura 2.3 – Projetos Desenvolvidos pela Opium.....	4

Lista de Siglas

ADDICT – Agência para o Desenvolvimento das Indústrias Criativas

CCDR-N – Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte

EEM – Entidade Empresarial Municipal

FEDER – Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

LIPOR – Serviço Intermunicipalizado de Gestão de Resíduos do Grande Porto

ON.2 – O Novo Norte

PIB – Produto Interno Bruto

QREN – Quadro de Referência Estratégico Nacional

URBACT – Urban Development Network Programme

VAB – Valor Acrescentado Bruto

INTRODUÇÃO

O trabalho que se segue consiste no relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Sociologia, administrado pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tendo como objeto de estudo o festival realizado no Porto - Manobras no Porto - e como ponto de partida do ponto de vista teórico a dinâmica das indústrias criativas.

Tem como referencial empírico, do ponto de vista macro, o trabalho realizado pela Opium, no que concerne às indústrias criativas tentamos perceber de que forma o papel da instituição tem repercussões na divulgação e ampliação da cultura.

Do ponto de vista micro este exercício sociológico configura-se em torno do objeto Manobras no Porto - *projeto de intervenção / ação integrada e transversal no Centro Histórico do Porto*, cofinanciada pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, através do Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN) 2007-2013, no âmbito do ON.2- *O Novo Norte* (Programa Operacional Regional do Norte 2007-2013).

O mestrado foi constituído por três semestres de cariz teórico, durante os quais se adquiriram as bases necessárias à realização do trabalho sociológico, e um semestre de cariz prático onde houve a possibilidade de pôr em prática os conhecimentos adquiridos, tomar contacto com o mundo cultural e aprender como ultrapassar dificuldades advindas do processo de trabalho. Assim, o estágio curricular, realizado na Opium, entidade que assegura a operacionalização do Manobras no Porto, foi uma etapa essencial, pois permitiu obter um acesso direto ao objeto de estudo, uma vez que é uma das entidades organizadoras.

Orientamo-nos pela questão lançada por Carlos Fortuna e Augusto Santos Silva: “Poderá, sem moralismos nem nostalgias, o “palco” do espectáculo urbano, que os centros das cidades e os seus espaços públicos representam, tornar-se lugar de paragem, ocupação e localização das acções sociais, interrompendo a tendência para o seu uso como suporte apenas de passagem veloz dos sujeitos?” (Fortuna e Silva, 2001, p. 413). Para dar resposta a estas questões é importante caracterizar o festival Manobras no Porto, daqui em diante e por forma a simplificar a leitura será denominado de Manobras, o desafio é o de equacionar até que ponto as cidades em que vivemos são culturalmente sustentáveis ou simbólica e funcionalmente congruentes com o seu passado, poderão as atividades desenvolvidas no Manobras representar um reforço da cidadania, poderão ser uma alavanca de coesão social e territorial? Impõe-se, por isso, o despertar da nossa imaginação sociológica, e perspetivar este festival como ferramenta de regeneração urbana e transformação da imagem e vivência da cidade a nível local.

O objetivo passou por analisar cinco projetos integradores no programa do Manobras no Porto que tiveram como enfoque primordial o envolvimento da comunidade. A escolha destes projetos prende-se com o fato de terem em comum as seguintes características: pretendem envolver a comunidade local nas suas ações, são projetos que estão inseridos na 1ª convocatória do Manobras no Porto, e porque têm um propósito de continuidade. Ao analisarmos estes projetos em específico consideramos que, por terem uma ação transversal e prolongada no tempo, possibilita a perceção de quem são os protagonistas da cidade e de que forma a cultura pode ser vetor de participação ativa da comunidade.

Perspetivamos o nosso objeto com base nos discursos dos técnicos da Opium e também por via dos discursos e representações dos proponentes dos cinco projetos inseridos no Manobras. Fazemo-lo ainda a partir da análise documental recolhida durante o estágio na Opium.

O estágio decorreu num período de balanço e avaliação do festival, e esta inserção possibilitou avaliar mais de perto o que foi feito e procurar propostas dedicadas a melhorar e potenciar as “Manobras”. Foi uma base importante de trabalho de investigação pois permitiu a consolidação de conhecimentos, a integração na realidade e dinâmica das indústrias criativas, a compreensão de como se organiza um grande evento, acompanhamento das atividades de diagnóstico, análise, avaliação e planeamento do Manobras no Porto.

Neste sentido, a relevância deste objeto e o desafio a que nos propomos é o de refletir sobre o atual debate da relação entre a cidade e a cultura, e sobre o papel emergente das indústrias criativas, com particular enfoque para a região norte de Portugal. A este propósito pretendemos emergir na realidade do Manobras no Porto, perceber quem são os protagonistas da cidade em Manobras, por forma a compreender quais são os aspetos que poderão consolidar os grandes eventos culturais na cidade do Porto que estimulem o envolvimento comunitário, afinal os centros históricos são lugares de gentes, de simbolismos, de história, de significados, é possível criar estruturas no espaço local que fomentem a participação dos atores sociais? Interessa também questionar como poderá um festival como o Manobras reavivar elementos degradados na paisagem urbana. Um outro objectivo foca-se na tentativa de apreender como o Manobras poderá encorajar o envolvimento ativo dos habitantes da cidade, isto é, como poderá estimular o envolvimento das pessoas e das gentes do Centro Histórico do Porto, por forma a usufruir deste espaço como um palco privilegiado de afirmação cultural e identitária da cidade?

A oportunidade para a realização deste festival surge a partir do “Estudo Macroeconómico para o Desenvolvimento de um Cluster de Indústrias Criativas na Região do Norte”¹ no qual se constata sobre a atual situação socioeconómica da região: “necessidade de encontrar novos sectores de actividade, mais inovadores e com maior capacidade de servir de interface entre o meio académico e científico e o meio empresarial; existência de uma rede de universidades e estabelecimentos de ensino politécnico que criam uma população com apetência para serem dinamizadores de indústrias da criatividade e que muitas vezes se perdem, por falta de enquadramento estratégico e também pela inexistência de ofertas de espaços de instalação; existência de um propósito de requalificação de revitalização e até de regeneração urbana nas cidades da região Norte, designadamente no Porto” (AAVV, 2009, p.9).

O presente trabalho assenta numa divisão tripartida por capítulos, o primeiro capítulo incide no enquadramento teórico acerca da literatura existente sobre cultura, indústrias criativas, explanando os conceitos associados e contextualizando-os em termos do evento Manobras no Porto. Neste capítulo abordamos ainda o problema científico e modelo de análise que guiou a nossa pesquisa, bem como os procedimentos metodológicos que adotamos no decorrer do trabalho.

O segundo capítulo trata do contexto do trabalho realizado em estágio. Neste ponto fazemos uma breve apresentação do trabalho realizado pela instituição e da equipa técnica que a constitui. Procedemos igualmente a uma apresentação e explicitação do objeto de estudo – Manobras no Porto. Neste ponto, fazemos uma caracterização empírica dos projetos em análise, com base no trabalho realizado em estágio, bem como a partir dos discursos de cada um dos proponentes dos projetos.

No terceiro capítulo começamos por fazer uma caracterização sociodemográfica dos entrevistados, seguida de uma reflexão e análise dos discursos dos entrevistados face ao presente objeto de estudo. Neste ponto, testamos as propostas apresentadas e damos enfoque à eficácia do projeto analisado no que concerne ao envolvimento da população, recorrendo à análise documental e aos resultados obtidos nas entrevistas semiestruturadas.

¹ O estudo foi promovido pela Fundação de Serralves, em parceria com a Junta Metropolitana do Porto, Casa da Música e a Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense, e teve como missão concretizar uma visão para o sector das Indústrias Criativas para a Região Norte de Portugal (2008)

I | Manobras na Cidade – Que cidade é esta? Que cidade pode ser esta?

1.1 A Cultura, a Cidade e a Criatividade

Pretende-se com este trabalho emergir na realidade do festival Manobras no Porto, um projeto de intervenção/ação integrada e transversal no Centro Histórico do Porto, por forma a perceber quem são os protagonistas da cidade em Manobras, de que forma os projetos que aqui desconstruímos conseguiram captar o envolvimento ativo dos habitantes da cidade, do ponto de vista de que este é um festival que pretende ser uma ferramenta de regeneração urbana e de transformação da imagem e vivência da cidade a nível local.

Tendo em linha de conta estas observações iniciais, o Manobras no Porto pretende assumir-se como uma plataforma de comunicação entre o meio académico, o mercado e a cidade, para que estes três eixos funcionem e colaborem de forma mais próxima para gerar mais valor. Em segundo porque pretende ser uma plataforma aberta e horizontal de criação, isto é, mais do que oferecer um produto cultural acabado, pretende despoletar processos cíclicos e sustentáveis de criatividade urbana. Em terceiro porque o Centro Histórico do Porto apresenta-se como um território privilegiado para se assumir como o palco central destas ações, constitui um contexto patrimonial de inspiração à criatividade e à afetividade, edifica um imenso campo de procura e oferta na área das indústrias criativas. Em quarto, porque pretende fortalecer a cultura da cidade do Porto através da promoção do envolvimento de quem habita a cidade.

Neste sentido já vários autores apontaram para a importância e coerência de projetos com referências locais, a este propósito Carlos Fortuna e Augusto Santos Silva consideram que “as situações de maior sucesso das medidas de renovação e redesevolvimento cultural das cidades (...) surge intimamente associado a um nível elevado de envolvimento e participação cultural dos diferentes agentes locais, suportado por medidas de descentralização e autonomia política. Pelo contrário, na ausência destas medidas e consensos o redesevolvimento cultural das cidades pode redundar em exclusão social (...) a cultura pode surgir como catalisador de novas fronteiras e assimetrias sociais, o que põe em evidência a natureza das políticas culturais e os modos de organização das cidades e dos seus espaços públicos” (cit. por Santos, 2001, p.420).

O Manobras no Porto organiza-se a partir do próprio ecossistema da cidade, estruturado por uma multiplicidade de parceiros que cooperam numa plataforma horizontal de criação, produção e distribuição de novos conteúdos, ao serviço da transformação da cidade. A primeira premissa para um processo de regeneração urbana pela cultura passa por

compreender que a conformação das redes culturais, nomeadamente em forma de *cluster* de negócios criativos, não se pode dar por decisão institucional, mas apenas como processo orgânico movido pelos recursos endógenos da cidade. No entanto, quem planeia e governa a cidade, pode preparar e apoiar um contexto favorável.²

A nossa abordagem teórica está centrada nas indústrias criativas, no papel que este setor de atividade tem vindo a desempenhar no que afere à intervenção nos territórios através da cultura, como instrumento de regeneração física e funcional. Tendo por base o estágio na Opium e o papel desta como prossecutor deste tipo de projetos que visam alargar a base criativa da região e fortalecer a cultura da cidade do Porto.

Tendo em conta a temática central do nosso trabalho, consideramos importante fazer primeiro um enquadramento da cultura no quadro mais geral. Sendo assim, torna-se relevante considerar uma definição do conceito de cultura. Este foi um conceito bastante trabalhado por diversos autores. Em 1871, Edward Tylor definia a cultura como aquele conjunto de elementos que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, usos e quaisquer outras capacidades e costumes adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade (cit. por Crespi, 1997, p.13). Em 1952, - porque já tinham sido enunciados muitos conceitos de cultura -, Alfred Kroeber e Clyde Kluckhohn decidem sintetizar numa lista, elementos enunciados nas definições de cultura, entre os quais: “1) o modo de viver de um povo na sua globalidade; 2) a hereditariedade social que um indivíduo adquire no seu grupo de pertença; 3) uma maneira de pensar, sentir, crer; 4) uma abstracção derivada do comportamento; 5) uma teoria elaborada pelo antropólogo social sobre o modo como efectivamente se comporta um grupo de pessoas; 6) a globalidade de um saber colectivamente possuído; 7) uma série de orientações generalizadas relativamente aos problemas recorrentes; 8) um comportamento aprendido; 9) um mecanismo para a regulação normativa do comportamento; 10) uma série de técnicas que permitem a adequação, quer ao ambiente circundante, quer aos outros homens; 11) um aglomerado de história, de um mapa, de uma peneira, de uma matriz” (cit. por Crespi, 1997, p.13).

Ainda nesta linha de pensamento, Crespi afirma que “os tipos de definição variam na medida em que se coloca a tónica sobre a dimensão *subjectiva* da cultura ou sobre a presença do aspecto humano referente aos valores, modelos de comportamento, critérios normativos interiorizados (modos de pensar, sentir, crer; orientações standardizadas; mecanismos de

² Porto 2.0 Festival da Cidade em Mudança, Fundamentação dos Critérios de Avaliação. Candidatura ao ON.2 – O Novo Norte, EP II – Valorização Económica de Recursos Específicos, objetivo específico Valorização da Cultura e da Criatividade, Sistema de Apoio ao Cluster de Indústrias Criativas – Grandes Eventos. Aviso GE/1/2009. Porto Lazer, EEM.

regulação do comportamento, etc.), ou ainda sobre o carácter, por assim dizer *objectivo*, que as formas culturais assumem enquanto memória colectiva ou tradição codificada e acumulada no tempo (hereditariedade social, depósito do saber, das técnicas, composto de história, superfície geográfica” (Crespi, 1997, p.13-14).

A noção de cultura compreende uma dimensão imaterial (regras, normas, crenças, valores, linguagens, enfim, modos de pensar) e uma dimensão material (instrumentos de trabalho, espaço físico, etc.). As concepções imateriais influenciam não só as práticas sociais como também construções físicas, de entre as quais estão as produções artísticas (ex.: as ideias cristãs influenciaram durante muito tempo as produções artísticas). As construções materiais de uma cultura (como o espaço físico com significado) influenciam também a cultura imaterial e as práticas. A cultura não é simplesmente aprendida e vivida, ela é-nos também imposta. A aprendizagem da cultura dá sentido, ou significado à ação do eu e à ação do outro. Nesse sentido, as culturas influenciam as ações sociais. As concepções culturais dão-nos identidades sociais e razões de viver.

Para Teixeira Fernandes “A sociabilidade é feita de gestos polissémicos e de discursos – demonstrativos ou predicatórios - expressos em múltiplos códigos. Ter em conta este fervilhar lúdico da vida, a sua natural efervescência, a sua exuberância de formas e de ritmos, é também uma condição para que a construção científica não se torne surda ao sentido produzido pela própria realidade. Se uma sociologia da cultura, enquanto sociologia da vida quotidiana, pretende apreender a dinâmica da existência colectiva, nas suas expressões polifórmicas e caleidoscópicas, tem de estar atenta à riqueza dos fenómenos que estuda e sensível ao que, na sociedade, está sempre em vias de aparecer (Fernandes, 1988, p. 139-140).

Malinowski (cit. por Crespi, 1997, p.86) define a cultura como “o todo integral que compõe os instrumentos e os bens de consumo, as castas constitutivas dos vários reagrupamentos sociais, as ideias, artes, crenças e costumes” (...) a cultura encontra-se ligada à base biológica do ser humano e aos problemas que este encontra na sua relação com o ambiente natural.

Embora digamos que a cultura existe nos agentes sociais, a cultura tem dinâmicas próprias. Por exemplo, para que se compreenda a mudança social, devemos compreender a cultura em que ocorre essa mudança social. Destas dinâmicas próprias da cultura, que são a razão de ser do explicar o social pelo social (isto é, a cultura é causa da cultura, seja causa de uma mesma cultura ou de uma cultura diferente), reconhece-se a importância fundamental da dimensão cultural na vida humana.

Nesta ótica a “cultura desenvolve uma função de *mediação simbólica*; a linguagem, as

representações da realidade, as narrativas mitológicas, a religião, a expressão artística, as técnicas, o saber científico, a filosofia, os sistemas de direito, os modelos de comportamento, etc., constituem outras tantas formas que exercem funções de mediação nas nossas relações com o próprio Eu, com os outros, com as coisas” (Crespi, 1997, p.23).

A cultura tem vindo a evidenciar-se como um novo paradigma de desenvolvimento das cidades, ancorado em agendas políticas supranacionais que reconhecem na cultura, no conhecimento, na inovação e na criatividade um potencial de desenvolvimento sustentado e sustentável das cidades.

A cultura surge, assim, como vetor estratégico não só no âmbito de projetos de regeneração física e funcional como também em termos de reconstrução e projeção de uma imagem de marca. Exemplo disso é o aumento progressivo dos investimentos financeiros e logísticos na área da cultura por parte da atuação da política autárquica: “as parcelas do orçamento global das autarquias previstas para a área da cultura cresceram nos últimos anos. Uma substancial parte desse crescimento reflete o investimento feito na construção de infraestruturas locais com valências culturais (...)” (Azevedo, 2003, p.206).

Vários autores têm refletido sobre as transformações ocorridas no campo cultural, e para o papel da cultura que “é o mote para boa parte das intervenções em contexto urbano (...) a cultura motiva, agiliza e legitima muitas das estratégias actuais de reconfiguração física, socioeconómica e identitária do espaço urbano. Para as cidades que, como o Porto, perderam protagonismo económico na sequência de intensos processos de desindustrialização, as actividades culturais surgem como uma nova oportunidade de participação no jogo da competição interurbana. Num contexto como o que acabamos de descrever, a hipótese de interpenetração entre cultura e reabilitação de centros urbanos adquire especial acuidade.” (Queirós, 2007, p.8). A preservação do património material mas também do imaterial é uma dimensão fundamental da conservação da cultura urbana. Deste modo “o papel da cultura na promoção do sucesso das operações de reconversão das áreas centrais das cidades parece poder assumir pelo menos cinco formas distintas:

- Enquanto instrumento particularmente eficaz de justificação e legitimação de estratégias de planeamento e organização urbana e de mobilização de vontades em torno de finalidades políticas;
- Na recuperação física de edifícios e espaços públicos destinados à instalação de associações ou projectos culturais e/ou comerciais ou à dinamização de eventos (não apenas de âmbito local, mas frequentemente de âmbito mais alargado);
- Na recomposição sociodemográfica das áreas urbanas reabilitadas e a reabilitar,

através da criação de um contexto favorável à emergência e consolidação de fenómenos de gentrificação;³

- Na dinamização económica das áreas reabilitadas (aparecimento de novas actividades, atracção de novos residentes e novos visitantes, atracção de novos e mais diversificados investimentos) e das próprias operações de reabilitação (alargamento e diversificação das fontes de financiamento);
- Na renovação identitária e imagética dos contextos reabilitados e a reabilitar, elemento muitas vezes decisivo para a agilização de todos os outros elos de ligação entre cultura e reabilitação urbana (pensemos, por exemplo, na atribuição da designação de “bairro cultural” [cultural district] – ou de “rua das galerias”, se preferirmos – a áreas específicas da cidade e em todas as consequências que advêm da generalização desse tipo de epítetos)” (Queirós, 2007, p.8-9).

Assinalamos que de facto “a intensificação da competição interurbana tem conduzido os planeadores e os responsáveis políticos das cidades a uma corrida aos trunfos capazes de assegurar o reforço da atractividade dos centros urbanos face aos fluxos de investimento hoje globalmente disseminados. A procura de factores aptos a funcionar como elementos de diferenciação tornou-se, nos últimos anos, um dos principais desígnios das cidades, mas a verdade é que o leque de respostas aos problemas que hoje mais afectam os centros urbanos tem-se revelado menos ampla do que seria de esperar, muito por força da estandardização de objectivos e procedimentos (...)” (Queirós, 2007, p.15), isto significa que um modelo de gestão urbana pode ser bem-sucedido num determinado território, mas pode não ser noutra, ou seja, deve-se ter em conta a especificidade de cada território na aplicação das medidas que fomentam a regeneração e desenvolvimento urbano, segundo este mesmo autor esta situação acontece devido precisamente à difusão intensiva de *case studies* e exemplos de boas práticas e pelo decalque destas mesmas experiências desenvolvidas em cidades bem-sucedidas.

Nas últimas décadas em Portugal “a construção de equipamentos culturais, a recuperação de edifícios, a programação regular em equipamentos de domínio artístico, bem como a promoção de eventos culturais de dimensão nacional, são alguns exemplos da intervenção da administração pública nos campos da arte e da cultura. Apesar de estar

³ O processo de gentrificação é dinamizado pela recuperação de zonas degradadas no centro das cidades. O conceito tem uma conotação em termos de classe social e de local, pressupõe a mudança de residentes por grupos de um nível social superior e a alteração do aspecto do bairro e do local. Depois de Ruth Glass (1964) ter publicado pela primeira vez o artigo *Aspects of Change* o conceito *gentrification* assumiu grande relevância (cit. por XEREZ, 2008, p.6).

relacionada com a coesão social (democratização de acesso aos bens e serviços), a acção ao nível da cultura não se pode dissociar do aspecto económico. Segundo Carlos Fortuna, as acções ligadas à cultura, a sua articulação com o turismo local e com modelos de regeneração urbana são, para algumas autarquias, pólos de competitividade económica e de promoção de uma imagem, ou da afirmação de uma identidade local” (cit. por Gomes *et. al.*, 2006, p.27).

Um eixo analítico analisado por António Teixeira Fernandes diz respeito à cultura não ser, de facto, “algo que se junte à vida social como lhe sendo externo e supérfluo. Aparece, antes, como a condição da própria existência humana, no que ela tem de mais característico, pois é pela cultura que aquela existência adquire a sua verdadeira significação e o sentido do seu próprio destino” (Fernandes, 1988, p. 125).

Nesta ótica “a cultura consiste na própria sociedade, enquanto esta oferece às pessoas e aos grupos padrões de conduta. Ela concerne, assim, toda a vida social, na medida em que abarca os seus sistemas de ideação, de representação e de expressão, os seus sistemas éticos e os seus referenciais para a acção. Dá, deste modo, sentido ao mundo e à história, à natureza e ao homem, ao trabalho e ao lazer, às limitações e às aspirações de liberdade, à satisfação e à esperança, à vida e à morte, ao presente e ao futuro (*ibidem*, 1988, p.126).

Uma das orientações mais centrais tem a ver com se caracterizar a cultura como uma “capacidade individual e coletiva numa dinâmica de desenvolvimento e integrada num projeto colectivo para um determinado território. A cultura é pensamento e imaginação, é racionalidade e emoção, é construir e partilhar sentidos de vida” (Matoso, 2010, p.6). Neste sentido, vivemos atualmente uma época em que se dá grande atenção à cultura, e à cultura no sentido de património urbano, isto é, modos de viver, a arte, a língua, as pessoas.

A cultura é cada vez mais o centro das políticas locais, pela importância que vem revelando no contexto de um paradigma de desenvolvimento humano integral. Para além da atenção que lhe é dirigida graças à sua íntima conexão a fatores de índole económica, social e urbana; a sua relevância deve-se essencialmente às relações intrínsecas que mantém com as questões da identidade, da memória, da criatividade, da ciência, e do pensamento e conhecimento crítico (Matoso, 2010, p.6-7). O património cultural constitui, no seu conjunto, com estes aspetos enunciados a memória social, que muitas vezes revela e traduz o espírito e identidade de cada lugar.

Tendo em linha de conta o papel relevante da cultura na cidade, esta é, de facto, hoje o palco do lúdico e da teatralidade. A cultura reveste-se de um carácter dinâmico no interior das sociedades actuais, ela lança a ponte entre o passado e o futuro, accionando as forças que transformam o presente. É a herança e meio para conservar a própria identidade, ela

apresenta-se também como utopia. A imaginação do homem apresenta-se assim como liberdade criadora da sociedade, e a descoberta de uma nova sensibilidade associa-se a uma mudança das estruturas sociais (Fernandes, 1988, p.130-131). Nas últimas décadas têm-se protagonizado projetos e práticas de investimento no setor cultural, devido às transformações ocorridas neste campo, ganham particular relevância a “emergência de novos critérios e instâncias de socialização, ligadas à ascensão da cultura audiovisual e das indústrias culturais, a que nenhum campo artístico parece escapar” (Lopes, 2000, p.2).

Neste sentido o festival Manobras no Porto surge com o intuito de criar uma plataforma horizontal de lançamento de redes culturais que se deverão sustentar e regular por si próprias, tenta convocar durante 24 meses o movimento, a vida e ação, a apelar a gentes e ideias, a criar um aqui e agora que envolve os rostos e corpos da cidade. O festival pretende intervir no território de forma a contribuir para a regeneração sustentável da cidade na perspectiva económica e social, fortalecer a cultura da cidade do Porto a partir da interação entre a cultura existente e a cultura emergente, intervir no espaço público da cidade através do encontro transdisciplinar entre criatividade, conhecimento e economia, envolvendo a comunidade no processo de intervenção.

O festival corrobora a ideia de que “as cidades estão cada vez mais envolvidas em projectos que visam proporcionar uma cultura urbana baseada no usufruto do espaço público e na promoção de uma cidadania que depende da capacidade em fazer assentar a vida quotidiana em actividades de natureza lúdica” (Peixoto, 2003, p.218), pela ação que pretende provocar no território.

Desta forma o festival edifica a teoria de Richard Florida (2002) em que “na economia futura de um país, as cidades serão os actores decisivos (...) os aglomerados urbanos, que apostarem na criatividade serão aqueles, que no quadro da economia do conhecimento, assumirão uma maior relevância. A aposta na criatividade engloba a compilação de atracções de talentos, a existência de universidades e empresas inovadoras localizadas na prática da tolerância.” Esta é a grande aposta do festival, assumir a cultura como um recurso potencial de regeneração da vida pública, intervir no espaço público, no desenho urbano.

Num contexto global que coloca as cidades em competição, a cultura, em particular na sua definição mais funcional ligada às indústrias culturais e criativas, tem vindo a evidenciar-se como um novo paradigma de desenvolvimento, ancorado em agendas políticas supranacionais que reconhecem na cultura, no conhecimento, na inovação e na criatividade um potencial de desenvolvimento sustentado e sustentável das cidades e das regiões.

É importante referir que o estudo parte da hipótese de que o projeto Manobras

reconhece a oportunidade que um festival deste género constitui enquanto motor de regeneração, e incorpora uma reflexão sobre o potencial das indústrias culturais e criativas, aspeto que tem vindo a ganhar protagonismo ao nível europeu.

Não obstante o enfoque dado até agora à cultura e às potencialidades deste campo, importa reter aqui a ideia de que na sociedade portuguesa, relativamente aos públicos e práticas culturais, verifica-se que há uma tendência para uma forte adesão à cultura nos espaços domésticos. Neste aspeto, há uma adesão ao audiovisual e aos *media* interativos (principalmente nas classes médias urbanas com mais capital cultural; isto pode também vir a diminuir o número de idas ao cinema – porque passam a existir meios para assistir aos filmes a partir de casa -, ainda que estas saídas possam ter mais objetivo de relacionamentos sociais do que de visionamento do filme) e há uma diminuição das saídas culturais (que é mais acentuada nas visitas a exposições da “cultura cultivada”).

Consideramos que em Portugal existe um nível muito baixo de práticas criativas e de participação em atividades do campo cultural. Regista-se também uma forte “juvenilidade” das práticas e consumos culturais, o que pode estar também relacionado com a maior escolarização ou com a ausência de inserção laboral por parte dos jovens. A inserção laboral e a entrada na vida ativa são duas variáveis que estão fortemente relacionadas com um brusco envelhecimento cultural. Ou seja, este distanciamento por parte de várias camadas da sociedade para com o campo cultural dificulta que festivais como o Manobras alcancem o sucesso, no entanto, essa aproximação pode ser feita através de diversos agentes, através destes pequenos projetos que são aqui objeto da nossa análise. É possível incutir nos indivíduos uma participação mais ativa nas atividades culturais, através de um conhecimento das reais necessidades dos indivíduos, conjugando aquilo que já existe com o que é novo.

No entanto, tem-se vindo a registar em Portugal, fenómenos de democratização cultural. Assim como o interesse pela área tem vindo a aumentar. Todavia, esta democratização cultural em Portugal é frágil e tardia, e o incremento das práticas e consumos culturais deve-se em grande parte à escolarização dos jovens, que adquirem assim disposições culturais. A democratização cultural tem levado à diversificação e alargamento dos públicos e isto tem levado a uma dissolução do modelo hierarquizado dos níveis de cultura. Num “espírito” de maior abertura, tem-se verificado uma diversificação das práticas e consumos culturais por parte dos públicos. Assim, fortalece-se uma maior aceitação e coexistência de diversas manifestações culturais.

José Madureira Pinto num artigo tornado clássico, afirma claramente intenções de democratização do campo da produção cultural: “propiciar a segmentos populacionais vastos,

sobretudo das camadas populares, o contacto com as formas culturais mais exigentes em termos dos instrumentos estético-cognitivos necessários à sua descodificação e fruição (alargamento de públicos), procurando, de forma tão sistemática quanto possível, que a recepção da obra se prolongue em aproximação empática ao acto criador (participação) e que esta última promova a prazo uma intervenção autónoma e auto-enriquecedora ao nível da criação (democratização da esfera da produção cultural) (cit. por Lopes, 2009, p. 27).

Existem atualmente vários estudos e movimentos que procuram fomentar a regeneração urbana a partir do potencial económico e social da criatividade, é caso do URBACT – programa europeu para o desenvolvimento urbano sustentável, iniciado em 2002, lançado no quadro da Iniciativa Comunitária II, tem como objetivo destacar boas práticas e lições de experiência dos projetos URBAN I, URBAN II e do programa Urban Pilot Projects. Este intercâmbio permite que cidades europeias trabalhem em conjunto com o intuito de desenvolverem soluções para os principais desafios urbanos.⁴

A criatividade é um conceito que tem sido abordado ao longo dos tempos por diversos investigadores e curiosos, assumindo atualmente uma grande importância como motor de mudança e diversidade das sociedades modernas.

Segundo Sternberg e Lubart (1999), a criatividade emerge da combinação de recursos distintos, como as habilidades intelectuais, o conhecimento, os diferentes estilos de pensamento, a personalidade, a motivação e o ambiente ou contexto. As habilidades intelectuais são necessárias para ver os problemas de uma forma diferente, escapando às maneiras convencionais de pensar. Para avançar com a criatividade, é necessário conhecer o território em causa, ter presente os diferentes estilos e personalidades envolvidas.

A criatividade é o processo que cria ideias, a inovação é o processo que as implementa. A título de exemplo, algumas cidades podem ser muito criativas, mas podem não ter as capacidades analíticas, avaliativas e financeiras, para desenvolver soluções inovadoras. A criatividade é uma condição necessária para a inovação, no entanto, para Landry e Bianchini, a inovação é o que conta na maximização do potencial de uma cidade. Se bem que umas cidades especializam-se em criatividade e outras em inovação (1995).

A atracção desta classe criativa às cidades faz com que haja investimento interno e atracção da indústria high-tech, devido aos benefícios que a clusterização traz para a efectiva difusão do conhecimento (Florida, 2002).

⁴ Informações disponíveis em: www.urbact.eu. Consultado em 20 de maio de 2012.

1.2 Cultura como vetor estratégico de revitalização urbana

Como referimos no início deste relatório, o setor cultural tem vindo a desenvolver-se como uma atividade económica e tem conseguido legitimar-se como motor de desenvolvimento das cidades. Consideramos que ao se interligar aspetos económicos, culturais e sociais, a economia criativa pode promover a criação de riqueza, e desta forma tornar-se um fator de atratividade dos lugares.

Neste sentido, as políticas de requalificação urbana enquanto parte integrante das estratégias de desenvolvimento sustentado, têm vindo a reconhecer a indispensável articulação com as políticas culturais.

Os três eixos do desenvolvimento competitividade-inovação-criatividade têm vindo a ser conjugados nos contextos urbanos. É nas cidades que se concentram trabalhadores qualificados, infraestruturas (equipamentos culturais), estabelecimentos de ensino especializado e superior, proximidade a sedes de decisão, realização de grandes eventos culturais, meios de transporte, etc., o que faz com que consigam responder às exigências de flexibilidade da nova economia e se aproximem do conceito de ‘cidade criativa’, termo introduzido por Franco Bianchini (especialista em planeamento cultural) em conjunto com Charles Landry em 1995 (Centeno, 2010, p.129), num período de crise como o que vivemos atualmente urge um novo modelo de desenvolvimento, é necessário dar valor ao capital humano, à criatividade, à imaginação, à inteligência como pontos chave para o investimento e desenvolvimento das cidades, no caso aqui presente, os esforços de análise focalizam-se nos atores sociais que redimensionam o desenvolvimento local a partir da oferta cultural e do envolvimento local nas atividades culturais.

Perante o cenário atual da sociedade, “o crescente interesse de reinvestimento na cidade (...) parece tornar-se cada vez mais, não apenas um objectivo em si, mas um meio, um capital ou recurso fundamental nas estratégias políticas e económicas, na tentativa de influência de públicos ou audiências, consumidores de objectos, serviços e informação” (Rodrigues, 1992, p. 95). Vivemos tempos em que as cidades procuram o reforço de capacidades de captação de bens, de recursos, de pessoas. Procuram criar uma imagem forte de cidade, através de técnicas de marketing urbano, através de eventos que veiculem essa identidade do território.

Num contexto social marcado pelos valores estéticos e simbólicos, em que os atributos culturais e semióticos dos bens importam cada vez mais, as actividades culturais têm vindo a

alcançar um papel central (Lash e Urry, 1994). Segundo Zukin (1995), a cultura torna-se cada vez mais o negócio das cidades, a cultura transforma-se numa mercadoria (quase) omnipresente em meio urbano (cit. por. Scott, 2000).

Desta forma é inegável que “a regeneração/revitalização urbana constitui-se igualmente como um elemento do desenvolvimento regional/local uma vez que sem regeneração/revitalização as cidades perdem o seu potencial e competitividade no contexto espacial que as integra. A consideração do contexto nacional e internacional também enfatiza o papel competitivo das cidades como pólos de desenvolvimento pelo que o processo em causa supõe uma abordagem estratégica à escala (pelo menos) urbana, assente num forte compromisso político das autoridades locais, regionais, nacionais, e supranacionais com a intervenção do sector privado e a participação dos cidadãos (Henriques, 2003, p. 244).

Neste contexto, temos vindo a assistir a transformações nas principais cidades portuguesas, em que se tem vindo a dotá-las de equipamentos a nível físico, recuperação de teatros e cineteatros, entre outros, mas é necessário que esses espaços sejam vivenciados e sentidos como fazendo parte do colectivo, como espaços públicos. Os espaços culturais devem ser vividos e incorporados na experiência local como espaços sociais, para tal têm de ser espaços vivos que inspiram um entendimento comum do lugar, que funcionem como elementos unificadores e ajudem a forjar uma identificação e posse públicas desses espaços; os espaços públicos devem ser feitos o mais públicos possível (Centeno, 2009, p.132-133).

Para tal, o poder político tem hoje o papel de organizar estratégias para atingir metas; observando o que se passa, identifica iniciativas e deve apoiá-las, assegurando que as alternativas estéticas continuem a ser múltiplas (a pseudo-liberalização não tem que conduzir à massificação), dentro da tendência de se passar “do velho modelo de cultura urbana – marcado pela dominância das elites tradicionais no controle das instituições culturais e pela restrição dos públicos – a um outro modelo que integra três grandes linhas tendenciais orientadas: o primeiro para o alargamento e diversificação das audiências; o segundo para a profissionalização da produção e difusão cultural; e o terceiro para a miscigenação das formas de apoio financeiro à cultura” (Santos, 1998, p. 279).

As verdadeiras estratégias de desenvolvimento urbano devem assentar na elaboração de políticas que fomentem um investimento real do que é local e de integração da comunidade, fazendo-a parte integrante desse crescimento e não apenas objetos ou instrumentos de consumo, a nosso ver é necessário promover a participação ativa da população. Deve-se acautelar a identidade do lugar enquanto património a preservar, para

não se perder a memória do lugar, a sua especificidade, a sua diversidade social, política e cultural, porque “é a cultura que oferece a totalidade de sentido e que confere a autêntica finalidade à existência. Por outras palavras, é ela que, clarificando a quotidianidade, permite ao homem, através das representações vividas, descobrir-se como ser com os outros no mundo, isto é, enquanto ser ao mesmo tempo individual e social, e unificar os seus anseios pessoais em projectos colectivos” (Fernandes, 1988, p. 139-140).

O reinvestimento dos poderes públicos locais na imagem da cidade e na higiene urbana, bem como na conservação e reabilitação do património histórico das cidades deve, pois, também ele ser lido na óptica de uma reconfiguração de estratégias face à procura de públicos e capitais privados e suas expectativas crescentes face à cidade. Também por aqui deverá passar o entendimento da “reinvenção do património”, na expressão de Alain Bourdin, a propósito do “retorno” aos centros históricos das cidades, por parte de estratégias residenciais de sectores sociais específicos e de estratégias de reabilitação urbana das operações urbanísticas dos poderes públicos (cit. por Rodrigues, 1992, p. 95).

“As Câmaras Municipais têm sido mais receptoras do que produtoras de política cultural. Ou, dito com mais rigor: têm sido parceiras, cada vez mais presentes e necessárias ao seu sucesso, de programas de origem e enquadramento nacional” (Silva, 2007, p.14). Neste sentido temos como bons exemplos as redes em que a participação do poder local responde à de partilha de custos de investimento de capital e posteriormente de gestão dos equipamentos. Estes investimentos têm, efetivamente, sido recebidos pelos municípios como oportunidades que raramente desperdiçam. Todavia, nem sempre apostar em equipamentos é suficiente. Não basta termos bons equipamentos se não temos uma programação cultural adequada.

Na nossa perspetiva, a intenção do Manobras diferencia-se de outros investimentos públicos pois tem como objetivo central criar uma programação com projetos locais, que envolvam a comunidade. E este é o caminho diferenciador e no qual se deve apostar. “No que toca a um equipamento não basta adquirir e conservar, embora as duas operações tenham custado e custem muito dinheiro aos municípios. Não basta ainda geri-lo, no sentido administrativo da palavra. É preciso animá-lo, usá-lo, fazer dele um pólo de actividade cultural continuada. Neste plano, as Câmaras têm disposto de três recursos: ou asseguram internamente tal tarefa, coisa complicada para a generalidade delas, dada a debilidade da sua estrutura técnica; ou procuram soluções de parceria e complementaridade com a administração central, apostando nos programas que esta valoriza; ou recorrem aos protagonistas locais, quer eles se apresentem como criadores ou produtores individuais, quer estejam reunidos nas associações e cooperativas” (Silva, 1995, p.259).

A interacção entre a cidade e os seus cidadãos, através do “poder da cultura” e do conceito de cidadania conduz, entre outros aspectos, a que cada cidade tenda a ter a sua própria identidade. Esta identidade, associada ao património cultural, encontra expressão privilegiada nos centros históricos. Estes lugares tendem a evidenciar um carácter único ou *genius loci* que lhes é fundamental. Sem ele, a atractividade do lugar fica reduzida e a sustentabilidade da cidade e da sua função turística fica diminuída (Henriques, 2003, p.247).

Segundo Featherston, as zonas conotadas simbolicamente com valores estéticos e com estilos de vida artísticos que progressivamente se vão des-marginalizando, porque a arte é cada vez menos um tema de acesso restrito e a “vida de artista”, conotada por vezes com a boémia e o “des-controle”, é ela própria cada vez menos avaliada negativamente, mas pelo contrário, progressivamente valorizada, fonte de referências a incorporar na estilização da vida de públicos socialmente cada vez mais abrangentes (cit. por Rodrigues, 1992, p. 96).

A regeneração/reabilitação urbana no âmbito do património cultural, do lazer e do turismo, insere-se num contexto mais abrangente que tem a ver com duas tendências recentes, nomeadamente, o revivalismo cultural e a requalificação, valorização e reconquista de determinados espaços pertencentes à cidade.

Neste sentido, “a qualificação do espaço urbano é, assim, uma questão central das políticas locais das nossas cidades e a relação entre acção cultural e qualificação dos espaços urbanos está na ordem do dia” (Peixoto, 2001, p.175), as cidades procuram cada vez mais particularismos que as distingam.

Cada vez mais a indústria cultural se assume como vantagem competitiva das cidades porque atrai investimento, novos negócios, e “massa critica”. Prova disso o apoio prestado às indústrias criativas, através do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER)⁵, do qual nasce o Manobras no Porto.

Apoios para projetos como o Manobras no Porto representam uma tentativa para reviver e rejuvenescer as infraestruturas físicas e sociais da cidade, pela união de duas estratégias culturais: as estratégias para as comunidades criativas (revigorando o capital social urbano e os seus bairros) e as estratégias para as indústrias criativas (atraindo investimento

⁵ No âmbito do “Pacto Regional para a Competitividade da Região Norte” foi identificado um conjunto de Agendas Temáticas Prioritárias a desenvolver para os próximos anos, entre os quais, a Agenda Regional das Indústrias Criativas, definida no “Estudo Macroeconómico para o Desenvolvimento de um Cluster de Indústrias Criativas na Região Norte.

A dinamização desta agenda temática está prevista no objetivo específico: “Valorização da Cultura e da Criatividade”, no domínio da “Valorização Económica de Recursos Específicos”, no âmbito do Eixo Prioritário II do Programa Operacional Regional do Norte 2007-2013. In Aviso de Abertura de Concurso para Apresentação de Candidaturas – SACIC – GE/1/2009.

em áreas inovadoras e promovendo o emprego para os residentes, em 4 áreas estratégicas; design, conteúdos digitais, cinema/TV e música).

“É bom que os eventos sejam em si mesmos uma forma de revitalização do espaço público mas será muito melhor se eles forem acompanhados de um programa prévio coerente, com meios que assegurem uma futura projecção de acções programadas, com uma monitorização e um balanço que visem a continuidade das dinâmicas geradas” (Santos, 2005, p.7). Neste sentido parece-nos relevante que a projetos como o Manobras seja dado o enfoque devido, pois visa valorizar e estimular a cultura local. Emerge nos dias de hoje a necessidade de valorização do espaço, e consideramos que a economia cultural aparece como um dos setores mais dinâmicos para esse efeito. A cidade assume o papel principal, é o lugar de inovação, criatividade, desenvolvimento, é um local privilegiado para os centros criativos de produção cultural e ao mesmo tempo é o lugar do próprio consumo e vivência cultural.

A cultura surge assim como “o mote para boa parte das intervenções em contexto urbano. Crescentemente assumida como elemento decisivo de estruturação das formas de pensar e fazer a cidade, peça fundamental de estratégias de reforço da atractividade dos espaços urbanos relativamente aos fluxos nacionais e internacionais de investimento, a cultura motiva, agiliza e legítima muitas das estratégias actuais de reconfiguração física, socioeconómica e identitária do espaço urbano.” (Queirós, 2007, p.8), de certo modo, para que se consiga alcançar com sucesso estas intervenções no espaço urbano e para que a cultura se assuma como uma peça central da atratividade dos espaços urbanos, é necessária a promoção da coesão interna e de uma participação democrática de todas as expressões culturais. A articulação destes aspetos tendem a consolidar a preservação do património e da identidade dos lugares.

Desta forma, “encontramo-nos hoje num momento em que um conjunto de novos sectores culturais assume um papel estratégico na renovação das cidades e das suas economias locais. Este é o sentido em que falamos de redesenvolvimento das cidades em que pontuam iniciativas culturais diversas que alteram profundamente o significado e o lugar marginal que a cultura, tanto a sua produção como detinha décadas atrás no panorama urbano português. Em redor da cultura e de algumas das suas expressões materiais nas cidades (...) estamos a assistir à criação de novas centralidades urbanas, com renovadas funções (...) associadas a novas modalidades de comunicação e ao surgimento de novos agentes culturais especializados e novos campos de acção de que esta a resultar uma profunda reconfiguração física e também estética e simbólica da cena urbana portuguesa (...)” (cit. por Santos, 2002, p.419).

1.3 Clusters e Industrias Criativas

As indústrias culturais surgem para expressar a ligação existente entre a arte e a economia, em consequência do desenvolvimento das actividades culturais como importantes fontes de riqueza e de trabalho e da necessidade de formulação, desenvolvimento e financiamento por parte das políticas públicas. As indústrias culturais, tendo estado na origem das indústrias criativas, são actualmente, consideradas por muitas instituições e autores de referência como um subconjunto destas (Bendassolli *et. al.*, 2009,p.11).

Desta forma, o termo “indústrias criativas” surge nos anos 90 para designar sectores de actividade nos quais a criatividade é uma dimensão essencial do negócio (*ibidem*, p. 10). É um conceito originalmente desenvolvido em Inglaterra, pelo *Department of Culture, Media and Sports* (UK DCMS), e integra um leque alargado de actividades que normalmente se apresentam com grande diversidade entre si: publicidade, arquitetura, artes visuais e antiguidades, artesanato e joalheria, *design*, *design* de moda, cinema, vídeo e audiovisual, software educacional e de entretenimento, música, artes performativas, edição, *software* e serviços de informática, televisão e rádio.

Esta escolha sugere que o DCMS entendeu que aquelas actividades têm uma característica comum: são suportadas pela imaginação e criatividade individual, associadas à habilidade e talento, produzem riqueza e postos de trabalho através da geração e exploração de novos conteúdos e propriedade intelectual (AAVV, 2008, p.16). “The Creative Industries Mapping Document”, produzido pelo UK DCMS em 1998, identifica as indústrias criativas como uma componente em crescimento da economia britânica, que emprega 1,4 milhões de pessoas, só em Londres cria direta e indiretamente 500.000 empregos, fazendo das indústrias criativas a segunda maior economia de Londres, depois do setor financeiro. Desde a década de noventa, os governos britânicos têm apostado nas indústrias criativas como motor da economia: “Our aim must be to create a nation where the creative talents of all people are used to build a true enterprise economy for twenty-first century – where we compete on brains, not brawn”.⁶ O mapeamento feito pelo DCMS das indústrias criativas teve um papel formativo em estabelecer um discurso político internacional acerca do que são as indústrias criativas, e no que o seu significado mais amplo constituiu para a economia e desenvolvimento⁷ (Flew, 2012).

As indústrias criativas são atualmente um setor emergente em vários países, apesar de

⁶ Tony Blair, 1999

⁷ Tradução da nossa autoria

não ser consensual a definição ou delimitação das atividades que constituem este setor, na sua origem estão um conjunto de atividades criativas tradicionais, que evoluíram devido ao desenvolvimento da tecnologia e do *software*, aqui a Internet teve um papel fundamental no processo de convergência de diferentes tipos de indústrias, conteúdos e plataformas. Entenda-se aqui indústrias criativas as atividades que têm a sua origem na criatividade individual, habilidade e talento, e com potencial de criação de emprego e riqueza, através da geração e exploração da propriedade intelectual.

Caracterizam-se por serem na sua essência uma complexa agregação de setores e subsetores criativos e industriais, sendo as suas fronteiras difíceis de limitar, e por isso existe um profundo debate intelectual e académico na sua definição. No entanto, vários autores não deixam de dar o seu contributo para a sua definição: “a ideia de indústrias criativas procura descrever a convergência intelectual e prática das artes criativas (talento individual) com as indústrias culturais (escala de massa), no contexto de novas tecnologias mediáticas e no escopo de uma nova economia do conhecimento, tendo em vista o seu uso por parte de novos consumidores-cidadãos interactivos” (Hartley, 2005,p.5); “na minha perspectiva, é mais coerente restringir o termo “indústria criativa” a uma indústria onde o trabalho intelectual é preponderante e onde o resultado alcançado é a propriedade intelectual” (Howkins, 2005, p.119).

A utilização do termo “Cluster Criativo” aplica-se, segundo a UNESCO⁸ à concentração geográfica de indústrias criativas (artesanato, cinema, música, publicações, software interativo, design) que unindo os recursos de todos, conseguem otimizar a criação, a produção e a disseminação e exploração de trabalhos criativos. Esta clusterização de atividades leva à formação de redes de trabalho e ao estabelecimento de parcerias. Os *clusters* criativos podem ser locais para viver e para trabalhar, onde os produtos culturais são feitos e consumidos.

Políticos e defensores das artes afirmam que estes são os motores do crescimento económico e do desenvolvimento, e que as mudanças na economia (a globalização, digitalização, o emergir dos trabalhadores do conhecimento, o boom da propriedade

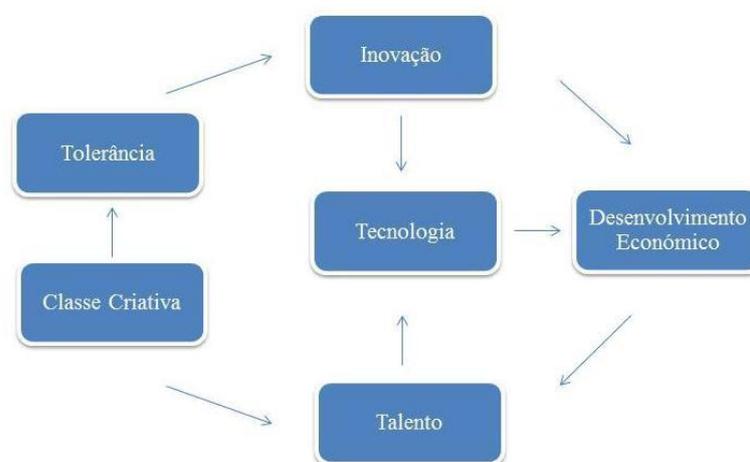
⁸ <http://portal.unesco.org/culture> - A UNESCO define indústrias criativas como sendo as indústrias de base cultural; applies to those industries that combine the creation, production and commercialisation of contents which are intangible and cultural in nature. These contents are typically protected by copyright and they can take the form of goods or services. Depending on the context, cultural industries may also be referred to as "creative industries", sunrise or "future oriented industries" in the economic jargon, or content industries in the technological jargon. The notion of cultural industries generally includes printing, publishing and multimedia, audio-visual, phonographic and cinematographic productions, as well as crafts and design. For some countries, this concept also embraces architecture, visual and performing arts, sports, manufacturing of musical instruments, advertising and cultural tourism. Consultado em 10 de Janeiro de 2012

intelectual) têm tido um efeito catalítico na arte e na cultura. Estas mudanças na economia trouxeram as temáticas criativas ao centro da vida económica, apelando à consciencialização dos governos, para as oportunidades da economia criativa, como um importante indicador da saúde económica. A interceção dos domínios da criatividade, inovação e economia fundamentam o carácter inovador destas indústrias, através do crescimento e difusão das tecnologias de informação e comunicação.

Segundo Richard Florida e Irene Tinagli (2004), a aptidão para competir e prosperar na economia global não se limita apenas à troca de bens e serviços ou ao fluxo de capital e investimento. O crescimento económico baseia-se cada vez mais na “habilidade das nações em atrair, reter e desenvolver pessoas criativas”. A competitividade depende daquilo que estes autores chamam dos 3T’s do crescimento da economia: Tecnologia, Talento e Tolerância (Figura 1.1). A criatividade e elementos da classe criativa estão em locais que possuem estas características, isto é, cada um deles é necessário mas não é suficiente, ou seja, “para atrair pessoas criativas, gerar inovação e estimular o desenvolvimento económico, um lugar deve conter os 3 T’s”.

A Tecnologia é um ponto central dos 3 T’s, “é uma função de concentração de inovação e de alta tecnologia numa região, mas sem o talento do capital humano, a fomentar este desenvolvimento e esta tolerância, o crescimento económico não emerge. O Talento é o elemento seguinte, pois indivíduos com um nível de educação elevado contribuem para o desenvolvimento económico. A Tolerância é o terceiro elemento, quanto mais aberta e tolerante for uma determinada região mais fácil atrairá talento, ou seja, este elemento afecta a possibilidade de um determinado território ter capacidade de mobilizar a sua própria capacidade de criatividade.

Figura 1.1 – Tolerância, Criatividade e Crescimento Económico



Fonte: Florida e Tinagli, 2004

A ADDICT – Agência para o Desenvolvimento das Indústrias Criativas foi criada em 14 de outubro de 2008, com o intuito de prestar serviços de apoio ao empreendedorismo, promover a incubação de negócios, prestar serviços de apoio à internacionalização e à proteção da propriedade intelectual, maximizar os benefícios das novas tecnologias na economia criativa, introduzindo modelos de negócio e de organização inovadores. Estabelecer parcerias e redes e promover a transversalidade entre os setores criativos. Informar e envolver a comunidade em geral sobre a economia e ecologia criativa, promover eventos, desenvolver o mercado local e global. Tornar o setor visível na cidade, na região. Maximizar o papel da criatividade na economia global da região, contribuindo para o aumento dos níveis gerais de inovação.

Nesse mesmo ano é apresentado o Plano de Gestão do Centro Histórico do Porto - Património Mundial⁹, no qual se prevê, segundo o seu principal coordenador (Rui Loza)¹⁰, cinco eixos estratégicos de intervenção. Os dois primeiros, denominados transversais, estão orientados para a proteção, preservação e valorização do centro histórico do Porto, concretamente para a reabilitação física dos quarteirões e do espaço público, bem como para o envolvimento da população. Os restantes eixos, considerados temáticos, têm que ver com os principais recursos que, na ótica de Rui Loza, podem e devem ser aproveitados para o desenvolvimento da Zona Histórica: Turismo, Indústrias Criativas e Rio Douro.

No eixo respeitante às indústrias criativas o documento realça alguns aspetos que consideramos importantes para a nossa análise: “a imagem do lugar é componente determinante (...) essa imagem faz-se de contributos múltiplos e é um elemento que cada vez mais entra na agenda política nomeadamente por via da noção de criatividade” (AAVV, 2008, p.132); a atracção de população jovem e criativa é assumida como uma questão essencial na dinamização do Centro Histórico (*ibidem*, p.136); “reconhecendo os números de indústrias criativas presentes (cerca de 100), actualmente, no centro histórico, com base no diagnóstico elaborado, percebe-se uma orientação natural deste Sítio para actividades relacionadas com a cultura e uma crescente tendência para a atracção de actividades criativas, de carácter recente” (AAVV, 2008, p.218); O Plano de Gestão pretendeu apresentar soluções globais

⁹ Foi apresentado no dia 5 de dezembro de 2008, na Câmara Municipal do Porto, o plano elaborado pela Porto Vivo, SRU. O documento apresenta um conjunto de propostas no âmbito estratégico para a reabilitação futura do Centro Histórico do Porto e um Modelo de Gestão que assenta, fundamentalmente, na articulação dos serviços das diversas entidades envolvidas e na participação de múltiplos parceiros da cidade, numa ótica de cumprimentos de objetivos culturais, turísticos e económicos. Documento disponível em: www.portovivosru.pt, consultado em março de 2012.

¹⁰ Notícia publicada em: <http://www.cm-porto.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=cmp.stories/10708>, consultada em 19 de janeiro de 2012.

para a reabilitação do espaço público e do património imobiliário degradado, bem como de reabilitação do edificado e a salvaguarda dos interesses da população, como eixos transversais, e como eixos temáticos mais fortes a aposta no turismo, no rio Douro e nas indústrias criativas.

No estudo apresentado estes são considerados os eixos essenciais de que a cidade do Porto dispõe para o pleno aproveitamento do potencial que a classificação da UNESCO lhe confere. É a partir destes recursos que a cidade poderá acudir ao desenvolvimento de novas dinâmicas e estimular o crescimento espontâneo, promovendo a criação de um *cluster* neste território, podendo oferecer um meio para o desenvolvimento da autoconfiança dos indivíduos e das comunidades. “Com o desenvolvimento deste projecto devemos identificar e potenciar a atracção de iniciativas que maximizem os valores e potencial do centro histórico enquanto *habitat* natural para estas actividades, estimulando a geração de um *cluster* criativo” (*ibidem*, 2008, p.218).

Os *clusters* criativos devem promover estratégias para o desenvolvimento económico, realçando os benefícios financeiros e culturais, que poderão emergir deste tipo de desenvolvimento, onde o setor económico, esteja ligado a uma preocupação pela regeneração e conservação cultural, as indústrias criativas “têm o potencial de gerar emprego e riqueza através da exploração da propriedade intelectual.”¹¹

O relatório das Nações Unidas¹² sobre o estado das cidades apresenta uma série de estratégias culturais para um desenvolvimento urbano baseado “nas ideias e práticas, dos locais que são exemplos da economia simbólica” (2005). Este relatório refere que a cultura é o elemento comum no pensamento estratégico de muitas cidades. As ferramentas das marcas culturais incluem a revitalização das áreas urbanas periféricas, a preservação e a gentrificação.

A economia moderna e criativa exige, que o produto ou serviço que se oferece se distinga pela imagem de um novo estilo de vida que promove, ou pelo valor cultural que oferece. O papel governamental é fundamental, para a formação de alianças públicas e privadas, para que atraiam e concentrem empreendedores criativos, para que incentivem a participação de outros setores estratégicos, como escolas, universidades, instituições ligadas ao turismo, instituições financeiras, culturais e transportes.

O reconhecimento da importância destas indústrias culturais, como um setor em crescimento não só cultural, mas como um negócio para as cidades, é a base para a edificação

¹¹ Stuart Cunningham, 2003, Diretor do Creative Industries Research and Applications Centre (CIRAC)

¹² “The State of the World’s Cities 2004/2005: Globalization and Urban Culture” – United Nations Human Settlements Programme – UN – Habitat.

de uma sociedade participativa, cooperativa, sustentável e criativa.

Vários estudos apontam para o crescimento económico do setor cultural e criativo, representando 2,6% do PIB da União Europeia e 5 milhões de empregos na UE-27. Em Portugal, no ano de 2006, originou um valor acrescentado bruto (VAB) de 3,7 milhões de euros, e é responsável por 2,8% de toda a riqueza criada nesse ano em Portugal, números superiores, por exemplo, aos do setor alimentar e de bebidas ou aos do setor têxtil e de vestuário. Ao nível do emprego, o setor cultural e criativo era responsável nesse mesmo ano por cerca de 2,6% do emprego nacional total.¹³

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE), em 2009 existiam 342.044 empresas na NUT II Norte. Em Portugal as empresas inseridas no sector das indústrias culturais e criativas correspondem ao código CAE Ver.3 (2007), e tendo em conta essa designação, em 2009 existiam 20.703 empresas com esta classificação.¹⁴ O peso relativo destas empresas no tecido empresarial do Norte de Portugal ascende, em 2009, aos 6,05%.

1.4 Manobras no Porto Como Objeto Sociológico

1.4.1 Problema Científico e Modelo de Análise

Interessa nesta fase que nos debrucemos sobre a questão da metodologia que foi utilizada na presente investigação.

Face ao nosso objeto de estudo – Manobras no Porto – o estágio foi uma etapa importante pois permitiu uma aproximação à realidade em análise, tanto do objeto mais específico do evento em si, como também do dia a dia da instituição.

Permitiu-nos obter uma perspetiva *in loco* da realidade e dinâmica de uma instituição do sector cultural e criativo, bem como uma aproximação ao nosso objeto de estudo, isto é, uma vez que a instituição acolhedora do estágio faz parte da direção executiva do festival, foi possível obter um conhecimento pormenorizado de todas as etapas do festival, desde a candidatura, à execução do Manobras.

Assim sendo, na abordagem sociológica realizada procuramos perspetivar, a partir do nosso foco de análise, algumas das dimensões que constituem o universo das indústrias criativas, perceber o papel da organização na divulgação e ampliação da cultura e de como

¹³ “Estudo das indústrias culturais e criativas em Galicia e o Norte de Portugal”, Agrupación Europea de Cooperación Territorial.

¹⁴ Fonte: Sistema de Contas Integrado das Empresas 2011, CAE Ver. 3 2007-2009. INE.

alcançaram os objetivos previstos no Manobras no Porto.

Para a análise do presente objeto de estudo definimos o seguinte objetivo geral: analisar o envolvimento através da cultura de agentes locais, que impactos tem esse envolvimento na regeneração urbana. Como objetivos específicos pretendemos: analisar o papel das indústrias criativas, tendo como estudo de caso a Opium; analisar a mobilização das entidades locais no festival, quem são os protagonistas da cidade em manobras; de que forma a cultura pode ser usada como vetor estratégico de participação ativa da comunidade, analisar a capacidade do Manobras para reavivar elementos ameaçados pelas paisagens urbanas; analisar o papel da cidade como palco privilegiado de afirmação cultural e identitária.

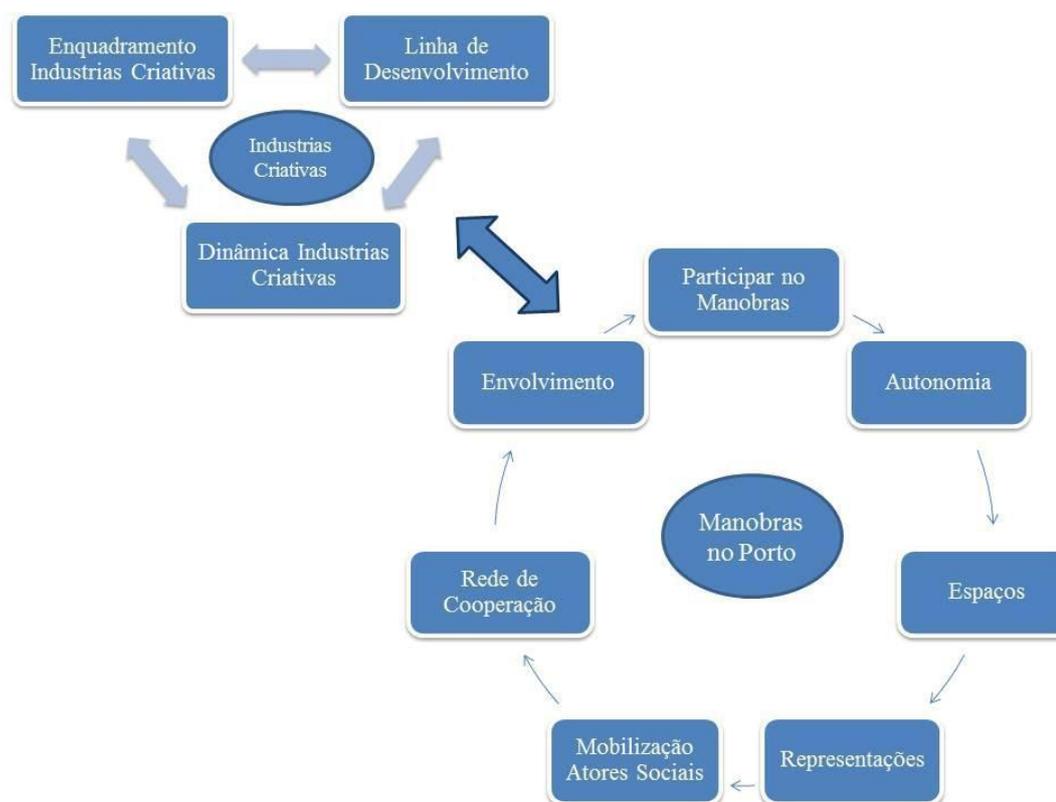
Partindo do pressuposto teórico e objetivos definidos, foram formuladas perguntas chave que auxiliaram a investigação, às quais se pretendia dar resposta ao longo do presente relatório:

- Qual o papel das indústrias criativas como vetor de divulgação e ampliação da cultura no território?
- De que forma o festival Manobras no Porto pode ser usado como ferramenta de regeneração urbana e transformação da imagem e vivência da cidade a nível local?
- Como poderá o Manobras encorajar o envolvimento ativo dos habitantes da cidade?
- De que forma poderão as atividades desenvolvidas no Manobras representar um reforço de cidadania, de coesão social e territorial?
- De que forma será possível criar uma rede de cooperação entre diversos agentes (criadores, moradores, investidores) que possibilite a autonomização da estrutura?
- Como se perspectiva a possível a continuidade destes projetos pós-Manobras?

Tendo por base a análise bibliográfica, as entrevistas, a análise documental e as perguntas de partida, adotamos o seguinte pressuposto teórico orientador da análise: o Manobras no Porto apresenta-se como um instrumento potenciador de mudança ao nível do envolvimento local da comunidade portuense em atividades culturais.

Por forma a desconstruir o envolvimento local no Manobras, base de toda a investigação, foram construídas dimensões analíticas e indicadores, que são apresentados em seguida (Figura 1.2):

Figura 1.2 – Modelo de Análise



1.4.2 Procedimentos Metodológicos

Com o objetivo de caracterizarmos o nosso objeto de estudo elencamos uma série de dimensões de análise que foram fundamentais para a recolha de informação e que, por conseguinte, apoiaram na análise dos dados obtidos, após a realização das entrevistas.

Ao nível da definição de Indústrias Criativas consideramos importante elencar um conjunto de indicadores que irão ajudar a desconstruir quais as representações dos indivíduos em termos do conceito de criatividade, economia criativa e criatividade cultural. Consideramos pertinente integrar este termo visto que o nosso ponto de partida, em termos de análise, inicia-se na abordagem ao papel das indústrias criativas, tendo como estudo de caso a instituição onde decorreu o estágio.

O desafio é o de perceber o papel da instituição na divulgação e ampliação da cultura no território, não só através do conhecimento de outros projetos desenvolvidos pela mesma, mas também, a partir de uma análise da instituição como promotora do festival Manobras no Porto. Em relação à linha de desenvolvimento das indústrias criativas achamos

relevante abordar indicadores como estratégias e criatividade local, cidades e *clusters* criativos. Para a dimensão Dinâmica das Indústrias Criativas achamos pertinente abordar indicadores como: como é que trabalham as empresas do setor, com que profissionais trabalham, que tipos de projetos desenvolvem, como desenvolvem esses projetos.

Portanto, temos duas dimensões principais: Indústrias Criativas e o festival Manobras no Porto. A primeira como linha de enquadramento, a segunda como resultado do trabalho realizado pela primeira. Relativamente à participação no Manobras no Porto fruímos de indicadores como: como é que surgiu a participação no evento, como é que o conceito influenciou a idealização do projeto, e as características principais do projeto.

Para abordarmos a mobilização dos atores sociais, usamos os seguintes indicadores: como convidaram, que meios utilizaram, quais as dificuldades sentidas no processo, como funcionou o processo de trabalho conjunto, quais as relações estabelecidas durante o trabalho entre os participantes e os artistas, que mudanças ocorreram no decurso do trabalho.

Na dimensão “Autonomia dos Projetos”, socorremo-nos de indicadores que refletissem uma possível continuidade pós-Manobras de cada uma das ações: como poderão os projetos funcionar por si próprios, qual a forma de emancipação da estrutura, qual a estratégia para divulgação e ampliação das ações.

Em relação à dimensão das representações dos proponentes dos projetos usamos os seguintes indicadores: balanço da primeira fase do Manobras, quais as principais dificuldades sentidas, o que consideram que há para melhorar, quais as virtualidades do evento, se existe reconhecimento dos participantes, como pretendem estabelecer novas ligações com os participantes.

Para percebermos que espaços foram utilizados pelas ações, questionamos que espaços usaram, qual a relação estabelecida com o espaço, se há possibilidade de permanência nesses espaços, se procuram novos espaços para a segunda fase do Manobras.

Para captarmos o envolvimento da comunidade local usamos indicadores como: quais foram as instituições envolvidas nas ações, que grupos informais estiveram envolvidos, número de participantes, se houve ou não variação do grupo participante.

Em relação à rede de cooperação, usamos o indicador modelo de cooperação de forma a percebermos se esta estrutura tem continuidade e como isso poderá acontecer. Quais os meios necessários para que se transporte a rede criada pelo Manobras para outros focos de ação.

Qualquer objeto que seja foco de análise implica sempre que tomemos um conjunto de decisões importantes por forma a dar resposta às interrogações que motivaram a escolha desse

mesmo objeto. Essas escolhas afirmam-se como o campo de pensamento sobre quais consideramos serem as melhores estratégias de pesquisa para atingirmos os objetivos a que nos propusemos.

Deste modo, o nosso objetivo no presente relatório é o de explorar o envolvimento das entidades locais, como tal, e na medida em que se pretende uma abordagem qualitativa do objetivo em questão: “A conotação qualitativa da pesquisa encontra-se ligada sobretudo à exigência de *compreender* os significados efectivamente vividos e os conteúdos comunicados: neste caso, embora a partir da constatação da relativa frequência de um comportamento, trata-se de o interpretar e avaliar com base na intencionalidade dos actores sociais e nas influências a que estão submetidos, individualizando os particulares processos que, relativamente a valores, modelos ou regras, contribuem, na situação específica, para a construção de uma determinada realidade social” (Crespi, 1997, p.222).

Considerámos por isso mais adequado para a recolha de informação o uso da entrevista semiestruturada, por forma a permitir obter resposta às nossas questões chave sem no entanto excluir as informações inesperadas ou paralelas que pudessem surgir no decorrer do processo de comunicação. Ou seja, pretende-se assim deixar caminho livre às interpretações, representações e expressão de sentimentos dos entrevistados pelas suas próprias palavras, “representações sociais é, assim, essencial para explicar-compreender as dinâmicas em acto num dado contexto social” (Crespi, 1997, p.223).

Segundo Godoy (1995), uma pesquisa de foro qualitativo reúne um conjunto de características que devemos reter: o ambiente natural como fonte fornecedora dos dados e o investigador como o instrumento fundamental para recolher esses mesmos dados; o carácter descritivo que está inerente a este tipo de pesquisa; o significado que as pessoas atribuem às coisas e à sua própria vida, que deve constituir a principal preocupação do investigador; e o carácter indutivo associado a este tipo de pesquisa. Perante o nosso objetivo de análise, a caracterização do Manobras no Porto como projeto de intervenção integrada e transversal no centro histórico do Porto, pretendemos perceber o envolvimento local e de que forma os projetos em análise conseguiram incentivar essa participação, as representações dos agentes sociais implicados relativamente aos impactos do festival e das ações.

A metodologia qualitativa afigura-se como aquela que permite, com maior primor, o desenvolvimento da tarefa a que nos propusemos, através do acesso aos discursos subjetivos, por sua vez estruturalmente influenciados, e foi nesse sentido que foi mobilizada no estudo do papel das indústrias criativas como vetor de regeneração urbana e na forma como estes

projetos captaram o envolvimento comunitário, que constituem o objeto teórico deste trabalho.

Procedemos também à análise documental de toda a informação recolhida durante o estágio, e ainda à observação direta da realidade da instituição acolhedora do estágio com o objetivo de perceber a realidade de uma instituição ligada às indústrias criativas. (Anexo 10)

As técnicas intensivas de recolha de informação permitem alcançar uma profundidade sobre o tema que seria impensável com outras técnicas, ou seja, uma informação muito mais rica, detalhada e, por vezes até, inesperada.

Na presente investigação, as entrevistas estão divididas em duas abordagens distintas. A primeira (Anexo 1) dirigida aos técnicos da Opium focaliza-se mais na abordagem às indústrias criativas, e no papel da instituição como promotor da ampliação e divulgação da cultura nos territórios. A segunda (Anexo 2) é dirigida aos proponentes dos projetos em análise, e por isso, remete para uma abordagem mais aprofundada do próprio Manobras.

Ambos os guiões têm uma divisão temática. O primeiro guião dirigido aos técnicos inicia com uma caracterização pessoal dos indivíduos acerca do seu papel na instituição, de seguida uma parte dedicada à perspetiva dos indivíduos sobre o papel da instituição. Uma terceira parte relativa à linha de desenvolvimento das indústrias criativas e os principais desafios que esta área representa. De seguida, uma parte direcionada para a dinâmica das indústrias criativas, de que forma os indivíduos perspetivam o papel das indústrias criativas como instrumento de intervenção no território através da cultura, qual a estratégia de cooperação entre público e privado, perceber o que tem sido feito para alargar a base criativa da região. A parte final é dedicada à perspetiva dos indivíduos relativamente ao uso da cultura como vetor estratégico de regeneração física e funcional das cidades.

O segundo guião dirigido aos proponentes dos projetos do Manobras inicia com uma abordagem à participação no festival, de seguida tentamos perceber que espaços foram utilizados pelas ações. Contemplamos em diante quem foram os atores, instituições, grupos informais envolvidos. Uma outra parte em que tentamos captar como é que estes projetos conseguiram a participação dos atores sociais nas ações. Na quinta parte dedicamos às representações que os atores dão ao projeto. Na sexta parte refletimos sobre a possível autonomização de cada projeto. E por último, exploramos a possibilidade de se formar uma rede de cooperação entre várias entidades por forma a dar continuidade a estas ações.

Relativamente à análise de conteúdo das entrevistas procedemos a uma análise temática vertical, isto é, realizamos uma análise aprofundada de cada entrevista de cada um dos

atores sociais *per si* procurando a explicação para as nossas questões a um nível singular, isto é, procurando entender as representações de cada um dos entrevistados relativamente a cada um dos projetos, e o maior ou menor envolvimento local em cada um deles, para depois se aplicar uma análise de conteúdo horizontal na expectativa de se poderem estabelecer comparações, relações e agrupamentos.

Paralelamente foram implementadas técnicas de investigação complementares. Por um lado, a análise de fontes documentais permitiu conhecer o quadro teórico que caracteriza o presente tema, assim como possibilitou conhecer aspetos ligados à própria estrutura do Manobras no Porto. Por outro lado, a realização do estágio na Opium, viabilizou captar *in loco* dinâmicas e aspetos do dia a dia da instituição através da observação direta.

Através da realização das entrevistas aos técnicos intentamos emergir na realidade e dinâmica das indústrias criativas pelo papel que cada um deles tem dentro da instituição, bem como de perceber de que forma o campo de ação da instituição tem repercussões na divulgação e ampliação da cultura nos territórios.

Tendo em conta as referidas técnicas de recolha de dados, a nossa amostra é composta pelos três técnicos que trabalham na Opium e por cinco atores envolvidos no desenvolvimento e conceção de diferentes projetos inseridos na programação do evento Manobras no Porto.

De acordo com os objetivos propostos para esta investigação, tornou-se necessário uma aproximação à realidade empírica, em observação direta “para que o impacto seja, de facto, negligenciável, é necessário que o investigador faça parte daquele contexto social ou esteja com ele fortemente familiarizado por socialização ou aproximação prévias” (Silva e Pinto, 2005, p.103), ou seja, o estágio permitiu obter uma perspetiva *in loco* da forma como a instituição trabalha e que tipo de dinâmicas se forma na conceção e monitorização de projetos.

A entrevista semiestruturada enquanto técnica qualitativa foi direcionada aos técnicos e à gerente da Opium, bem como às entidades locais envolvidas no festival Manobras no Porto. Perspetivamos o nosso objeto sociológico com base nos discursos dos atores locais, e nas representações destes a propósito do acontecimento em análise – Manobras no Porto - de forma a caracterizar o festival e perceber quem são os protagonistas da cidade em Manobras.

Na presente investigação, para a análise do objeto de estudo, utilizamos técnicas de cariz qualitativo, a saber, entrevistas semiestruturadas, análise documental e observação direta do dia a dia da instituição acolhedora do estágio, como de cariz quantitativo.

A utilização de métodos combinados no estudo permite a convergência de resultados.

Através da triangulação existe complementaridade, bem como torna-se possível apercebermos das nuances do objeto.

II. | Realidade e Dinâmica das Industrias Criativas - O Estágio na Opium

2.1 Caracterização da Organização

No presente capítulo pretende-se efetuar uma breve caracterização da organização onde decorreu o estágio, bem como uma breve análise da sua origem, missão e valores. Apresentamos também algumas das linhas de ação da organização, dando enfoque ao nosso objeto de estudo – Manobras no Porto. Procedemos a uma apresentação empírica do mesmo, dando prioridade à explanação dos projetos em análise, do qual resulta a presente investigação.

O estágio na Opium teve a duração de 500 horas e caracterizou-se por um contacto próximo com o Manobras, numa fase de avaliação e diagnóstico da primeira fase do evento.

A Opium é uma empresa fundada em 2006 por Joana Meneses e Carlos Martins, está sediada no Porto, na Rua Cândido dos Reis, nº26, e tem como objetivo o desenvolvimento conceptual e implementação de políticas públicas nos setores da economia criativa e do planeamento cultural. Pretende desta forma contribuir para o reforço da atratividade e competitividade dos territórios.

É importante referir que o Manobras é gerido por uma equipa técnica especializada que integra duas dimensões. A primeira dimensão diz respeito à Porto Lazer, EEM que se associa à Porto Vivo – Sociedade de Reabilitação Urbana como parceiro privilegiado no acompanhamento de toda a realização do Manobras, e paralelamente convoca uma rede de parceiros que englobam o ecossistema criativo regional. A segunda dimensão refere-se a, como a Porto Lazer não assegura a tempo inteiro a estrutura de operacionalização do festival subcontratou uma estrutura profissional externa: a Opium Lda. Portanto a direção do festival está a cargo da instituição onde decorreu o estágio.

A Opium define-se como uma empresa de planeamento e gestão cultural. Trabalha na área de análise, desenvolvimento conceptual, moderação e apoio na implementação de políticas públicas.

Tem como missão desenvolver projetos na área das indústrias criativas, colaborando para a competitividade e atratividade dos territórios e das suas comunidades. Desenvolve todo o tipo de projetos no setor cultural, o aspeto comum na maioria dos projetos é a valorização dos recursos endógenos do território onde presta o serviço. Fornece serviços de análise, aconselhamento e planeamento estratégico e operacional nas indústrias criativas e

desenvolvimento do território. Concebe e implementa projetos de intervenção artística, envolvendo as comunidades e oferecendo experiências que perdurem na memória dos públicos.

Nós não queremos estar entre o público e os artistas ou as entidades públicas e privadas, nós queremos criar oportunidades para que elas se encontrem, mas depois o diálogo que se vai estabelecer entre as duas nós saímos do processo e ficamos a ver de fora, como é que corre. Voltamos se percebemos que a coisa não está a correr bem, se existir algum conflito, mediamos mas não interferimos porque esse encontro é importante para que ambos os lados da questão consigam evoluir, quer na sua forma de trabalhar quer na sua forma de pensar e de ver o mundo. Não temos de ser uma almofada de choque entre as duas partes. (Gerente, 31 anos, Opium)

No seu processo de atividade, a Opium experienciou ao nível do seu conteúdo uma evolução em termos de mudança conceptual. Isto é, no início da sua atividade o trabalho focalizava-se em projetos de desenvolvimento territorial. Acabando por se focalizar no setor das indústrias criativas a partir de 2008, com a colaboração no estudo macroeconómico: “Desenvolvimento de Cluster de Indústrias Criativas na Região Norte”.

Seguiu o caminho...não foi tanto uma opção estratégica, foi uma oportunidade que apareceu e que naquele momento pareceu fazer sentido, essa oportunidade foi quando surgiu o concurso para a realização do estudo macroeconómico das indústrias criativas. Até aí estávamos a fazer projetos mais ligados ao turismo, sempre muito na perspetiva de território e de recursos endógenos, mas cuja vocação estava mais ligada ao sector turístico...foi lançado este concurso podiam concorrer as entidades que assim o entendessem, e nós concorreremos e conseguimos ganhar, e foi assim que iniciamos o nosso percurso. (Gerente, 31 anos, Opium)

A grande parte dos trabalhos feitos pela Opium ao nível de consultadoria e apoio a projetos de intervenção urbana estabelece-se com parcerias público-privadas, prestando esses serviços no país inteiro, desde AMP, Guimarães, Braga, Ílhavo, Albergaria, Torres Novas, Loulé.¹⁵

¹⁵ Fonte: conversas com os técnicos da Opium no decorrer do estágio

2.2 A Equipa

Os profissionais da OPIUM reúnem formações em áreas académicas distintas, desde Arquitetura, à Arte ou História. Possuem uma ampla e diversificada experiência profissional em investigação, planeamento e gestão de projetos nas áreas cultural e económica.

Como já referimos, a instituição possui uma equipa interna proveniente de diversas áreas de formação, o que proporciona alguma transversalidade de conhecimentos, e de acordo com a natureza do projeto no qual estão a trabalhar, vai angariando empresas privadas ou profissionais liberais à medida das suas necessidades. Os técnicos representam a faixa etária entre os 31 e os 33 anos.

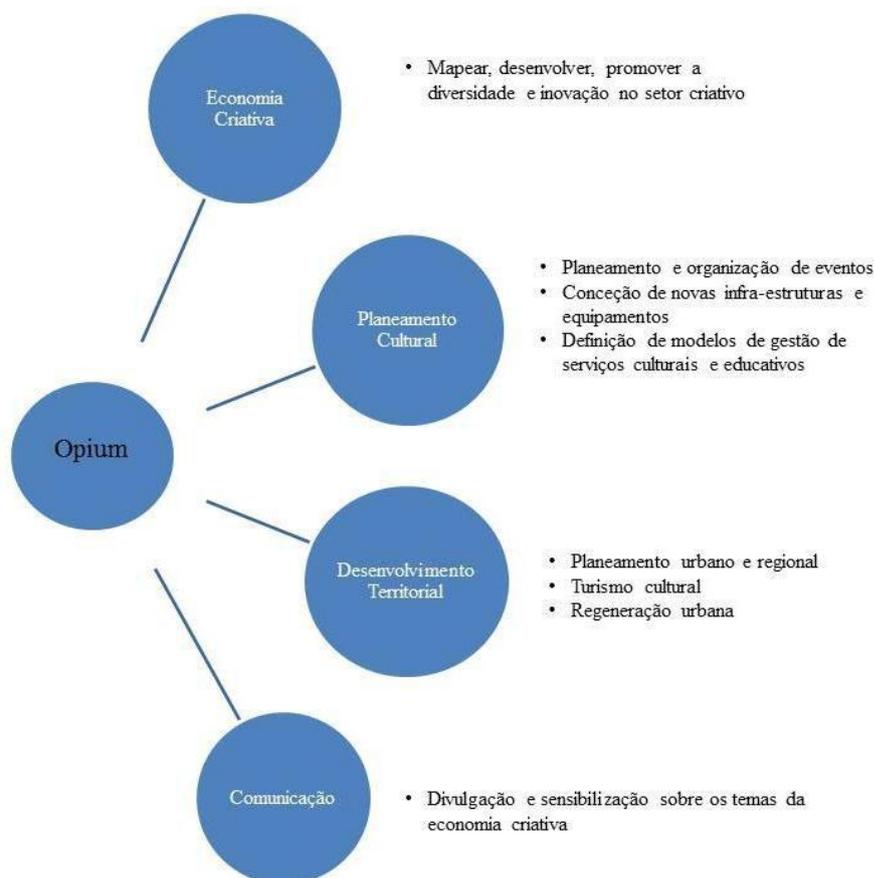
Temos uma equipa interna que nem sempre tem as competências adequadas para os projetos que entretanto conseguimos angariar, quando isso acontece e de acordo com a natureza do projeto tentamos angariar parceiros, sejam empresas privadas ou profissionais liberais que nos permitam dar respostas a algumas variáveis que nós não dominamos nos projetos, no caso dos eventos muitas vezes necessitamos de estruturas que estejam mais ligadas à criação artística e da produção, se estivermos a falar de território interessa-nos trabalhar com alguém do planeamento urbano, por isso os perfis dos profissionais como os clientes são variáveis. (Gerente, 31 anos, Opium)

Na Opium em si como empresa trabalho em vários projetos, de facto tem sido o Manobras no Porto que tem ocupado grande parte do meu trabalho, foi das razões principais pela qual aderi à Opium, porque foi a discutir este projeto que aderi à Opium mas tenho trabalhado pontualmente a formular outras candidaturas para projetos financiados a nível europeu, outros projetos que estão relacionados com espaço, ou com arquitetura, aí posso dar algum conhecimento da minha área que acrescente algo. (Coordenadora Conteúdos, 32 anos, Opium)

Efetua parcerias com câmaras municipais, empresas municipais, entidades públicas e outras empresas e entidades (ADDICT) ligadas ao setor das indústrias criativas. Efetua um acompanhamento regular dos projetos, realiza trabalhos como consultadoria, diagnóstico de necessidades.

A Figura 2.1 resume alguns dos serviços prestados pela Opium nas diversas áreas de trabalho:

Figura 2.1 – Projetos Desenvolvidos pela Opium¹⁶



Como podemos constatar pela Figura 2.1, são diversas as áreas de intervenção da Opium, a título de exemplo, ao nível da economia criativa a Opium esteve envolvida no estudo macroeconómico “Desenvolvimento de um *cluster* de Indústrias Criativas na Região Norte”,¹⁷ é membro da ADDICT, participou na estratégia e plano de ação da TecMaia – Incubadora de Base Tecnológica de Ideias Digitais, está envolvida na conceção do CCTAR – Centro de Criação de Artes de Rua em Santa Maria da Feira, entre muitos outros projetos. Ao nível do planeamento cultural esteve envolvida na conceção da candidatura de Guimarães a Capital Europeia de Cultura, na rede cultural e criativa da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha, no serviço educativo do Centro Cultural de Ílhavo, na candidatura e conceção do Festival do Norte, entre outros.

No que diz respeito ao desenvolvimento territorial a Opium envolveu-se nos mais diversos projetos, como por exemplo ao nível do Programa de Ação Intermunicipal de

¹⁶ Fonte: www.opium.pt

¹⁷ Fonte: www.opium.pt

Serviços Coletivos Territoriais de Proximidade na AMP, no plano de Gestão do Porto Património Mundial promovido pela Porto Vivo, SRU.

2.3 Objetivos, atividades e metodologia do estágio

A definição inicial dos moldes do estágio coincidiu com a fase de monitorização pós-Manobras no Porto, na qual a empresa acolhedora fazia parte da equipa executiva do evento.

A este facto correspondeu o interesse em analisar o envolvimento local nos diversos projetos e de que forma se estava a convocar essas mesmas pessoas para participarem no Manobras. Assim, e numa combinação de vontades, definiu-se que o estágio seria fundamentalmente direcionado para a monitorização e avaliação do Manobras. Pretendia-se uma integração normal no quotidiano da empresa, dando prioridade às atividades definidas anteriormente.

O estágio, como já foi referido decorreu num período de balanço do Festival, o que permitiu ter acesso à documentação feita pela equipa relativamente à avaliação feita pela equipa de Monitorização. O estágio incidu sobretudo numa avaliação da primeira fase do Manobras, e de preparação do ano 2012.

A experiência foi positiva apesar de todos os enviesamentos no que diz respeito às tarefas inicialmente previstas. A integração neste contexto organizacional permitiu sobretudo obter uma visão *in loco* de uma instituição que se orienta especialmente no desenvolvimento de projetos culturais e de implementação de políticas públicas nos sectores da economia criativa e do planeamento cultural, e não tanto no desenvolvimento de tarefas que pudessem auxiliar a realização deste relatório, e também no que concerne às possíveis atividades desenvolvidas por um sociólogo em contexto organizacional.

Através da pesquisa documental, das entrevistas e da observação direta realizada durante o estágio, apresentamos em seguida o resultado dessa pesquisa.

2.4 Festival da Cidade em Mudança – Caracterização Empírica do Objeto de Estudo

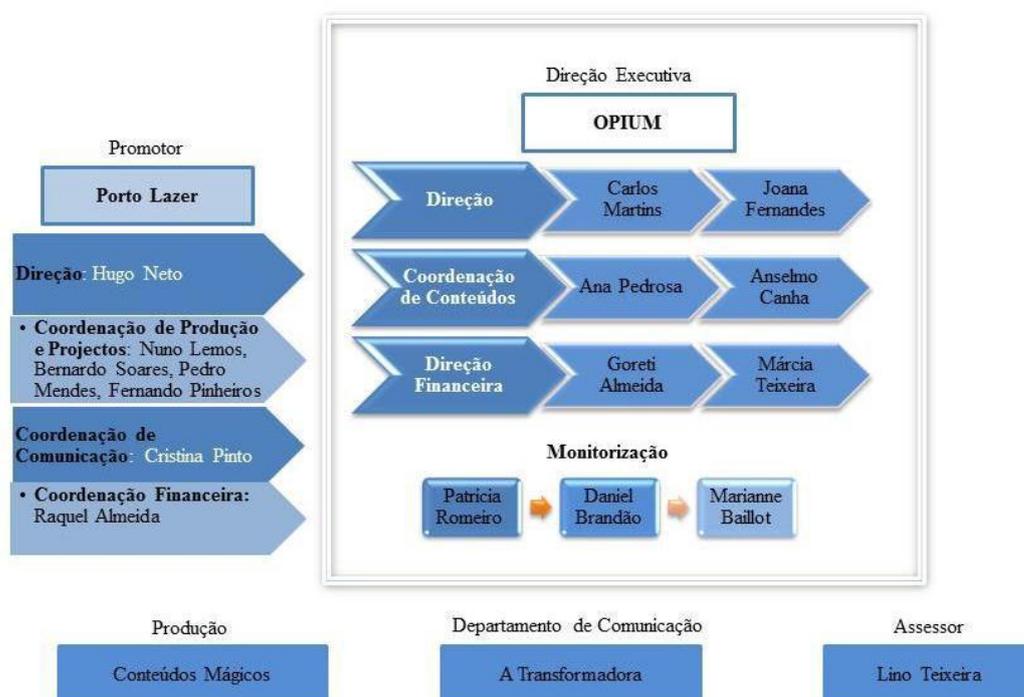
Faremos neste momento uma explanação do que foi recolhido e analisado relativamente ao festival Manobras no Porto, bem como dos cinco projetos aqui analisados.

A realização do Manobras no Porto advém da candidatura submetida pela Porto Lazer ao ON.2 – O Novo Norte, EP II - Valorização Económica de Recursos Específicos, objetivo específico Valorização da Cultura e da Criatividade, Sistema de apoio ao Cluster de Indústrias

Criativas na categoria Grandes Eventos. É um movimento lançado pela plataforma Porto 2.0, programa operacional promovido pela CCDR-N e apoiado pelo QREN. A CCDR-N avaliou esta candidatura com a pontuação mais alta do concurso que disputou (4.7 pontos em 5), reconhecendo desta forma o valor da candidatura. Esta oportunidade permitiu mobilizar um investimento global de aproximadamente 2 milhões de euros, participado em 85% pelo FEDER e os restantes 15% apoiados pela Câmara Municipal do Porto, através da Porto-Lazer, EEM.

Na figura 2.2, apresentamos a equipa que constitui o Manobras:

Figura 2.2 – Estrutura de Gestão Manobras no Porto¹⁸



Ao nível da estrutura de gestão o Manobras é promovido pela empresa municipal Porto Lazer, EEM, assegurando assim o apoio institucional da governação da cidade. Tem como parceiro privilegiado a Porto Vivo – Sociedade de Reabilitação Urbana, com o papel de sensibilizar o programa do Manobras às problemáticas e oportunidades do centro histórico. Paralelamente, convoca ainda uma rede de parceiros que englobam o ecossistema criativo regional e parceiras internacionais. A direção executiva do festival é assegurada pela empresa Opium Lda.

Manobras no Porto oferece uma plataforma de valorização dos recursos específicos da

¹⁸ Fonte: Memória Descritiva Manobras no Porto

região norte, nomeadamente o seu capital criativo e humano e capital simbólico e identitário da paisagem urbana do centro histórico da cidade do Porto, enquanto núcleo capaz de mobilizar a região e de a comunicar internacionalmente.

Manobras no Porto é um festival que decorre em contínuo durante dois anos, tendo lugar no centro histórico da cidade do Porto, ao serviço da sua regeneração urbana, estruturado como ecossistema social, económico e cultural, integra intervenções multidisciplinares e multiculturais no espaço público suportado por uma rede horizontal de parceria, aberta a diferentes atores da cidade, de impacto regional, nacional e internacional, que pretende funcionar como lugar de criação de oportunidades para a mudança da atitude coletiva da cidade, potenciando a criatividade individual e coletiva como força motriz de conexão entre cultura e economia, tendo como impacto o reforço da atratividade da região Norte de Portugal. Não é um festival que se pretende limitar à entrega de uma determinada programação pré-definida, mas sim permitir um processo contínuo de criação, encontro, troca, de questionamento, garantindo desta forma a replicabilidade da iniciativa a nível local.

O Manobras partiu na sua base desse desejo de que simultaneamente de se prestar à cidade e de nascer da própria cidade, a quantidade de parceiros e diversidade, desde o artista individual à instituição local, o centro social, ao café, à companhia de teatro que encontraram aqui uma oportunidade de trabalhar, 100% são pessoas que têm uma relação com o Porto e com a cidade.
(Coordenadora Conteúdos, 32 anos, Opium)

Em termos de objetivos e valores o Manobras no Porto tem como estratégia a regeneração social e económica do centro histórico do Porto, a partir da valorização do potencial criativo local e regional, por forma a contribuir para o reforço da atratividade e competitividade da região Norte.

Trabalha a partir de um *ethos* definido pelos seguintes valores: contribuir para a regeneração sustentável da cidade na perspetiva económica e social, fortalecer a cultura da cidade a partir da interação entre cultura existente e emergente, intervir no espaço público da cidade através do encontro transdisciplinar entre criatividade, conhecimento e economia; consultar e envolver os utentes da cidade no processo de intervenção.

A realização do Manobras no Porto consubstancia a pertinência dos seus objetivos no estudo “Desenvolvimento de um *Cluster* de Indústrias Criativas na Região Norte”, através das seguintes linhas de ação:

- Necessidade de encontrar novos setores de atividade, mais inovadores e com maior capacidade de servir de interface entre o meio académico e científico e o meio empresarial;
- Existência de uma rede de universidades e estabelecimentos de ensino politécnico que criam uma população com apetência para serem dinamizadores de indústrias da criatividade e que muitas vezes se perdem, por falta de enquadramento estratégico e também pela inexistência de ofertas de espaços de instalação;
- Existência de um propósito de requalificação, de revitalização e até regeneração urbana nas cidades da região Norte.¹⁹

O Manobras no Porto tem como estratégia a regeneração social e económica do centro histórico do Porto, pois este constitui um contexto riquíssimo em conteúdos patrimoniais de inspiração à criatividade e à afetividade. Existe uma carência de intervenções e ligações aos circuitos mais jovens da cidade.

Uma das dificuldades que sentimos foi que este território estava muito amargurado com experiências passadas que correram mal, a primeira reação que obtivemos muitas vezes foi de desilusão com o passado e por isso não queriam repetir, não estavam para se sujeitar a mais uma experiência que pudesse correr mal, de rejeição, porque sentem que existe de facto um fosso enorme entre o centro histórico e o resto da cidade, e por isso há uma desconfiança nata, o facto de nós não termos algo muito palpável. (Coordenadora Conteúdos, 32 anos, Opium)

Tem uma vocação temática em que pretende colocar as capacidades da criatividade regionais ao serviço da regeneração urbana, contribuindo na redefinição do papel do centro histórico. Pretende contemplar a realidade criativa de uma região na criação dos seus espaços (nas intervenções sobre o espaço público, no desenho urbano, na reabilitação urbana).

Manobras no Porto organiza-se a partir do próprio ecossistema criativo da cidade; conformação de redes culturais, nomeadamente em forma de *cluster* de negócios criativos; processo orgânico movido pelos recursos endógenos da cidade.

O Manobras no Porto destina-se a novos criadores que procuram o Centro Histórico como lugar de inspiração e de estabelecimento da sua atividade; à rede cultural e criativa da região, à rede de ensino artístico, aos profissionais das indústrias criativas, aos utentes da cidade e do seu centro histórico, aos turistas e visitantes, a todos para quem o centro histórico e a cidade do Porto constituem núcleo de identidade e referência e descobrem na programação

¹⁹ Fonte: Memória Descritiva Manobras no Porto 2011

do Manobras experiências de contacto com a arte e a cultura.

No seu plano de ação o festival assume o desafio de reavivar uma dinâmica cultural na cidade do Porto, que convoque um novo modelo de criação, um novo modelo de autoria e um novo modelo de encontro entre produção e consumo culturais e criativos:

- Laboratório de ideias: trabalho de conceptualização.
- Oficinas Criativas: trabalho de construção criativa e trabalho de campo de observação, pesquisa e experimentação.
- Intervenções: intervenção direta sobre o corpo da cidade, de modo público e acessível;
- Documentação: registo do processo e das manifestações criativas.
- Monitorização: avaliação dos impactos do festival na cidade, de acordo com os propósitos a que se propõem.

O quadro financeiro da operação ascende a um montante no valor de 2.153.380,80€ de investimento total. Tendo por referência a taxa máxima de participação especificada no Aviso de Abertura de Concurso (70%), a operação Manobras no Porto candidata-se a um cofinanciamento no valor de 1.399.188,00€, assegurando a contrapartida nacional no valor de 599.652,00€.²⁰

O festival tem como princípios paradigmáticos:²¹

- Revelar narrativas pessoais e coletivas da vivência da cidade (património imaterial/material).
- Desenvolver a literacia cultural: capacidade de interpretar e atribuir significados às linguagens, lugares, paisagem, expressões culturais, manifestações artísticas.
- Oferecer experiências artísticas e criativas que libertem outras visões da cidade e do mundo.
- Promover a mobilidade entre lugares não comunicantes da cidade.
- Estimular o usufruto e apropriação do espaço público.
- Facilitar a iniciativa da população local.

Manobras no Porto é um festival que decorre em contínuo durante dois anos no Centro Histórico do Porto, ao serviço da sua regeneração urbana, estruturado como ecossistema social, económico e cultural, integra intervenções multidisciplinares e multiculturais no espaço público suportado por uma rede horizontal de parceria, aberta a diferentes atores da cidade, de impacto regional, nacional e internacional.

²⁰ Documentação cedida pela Opium

²¹ Fonte: Memória Descritiva Manobras no Porto, 2011

Manobras no Porto define-se como um processo que visa instalar processos que se enraízem nas instituições e dinâmicas do território, porque apesar de ser um projeto financiado e com um fim definido pretende-se criar um processo de regeneração e continuação, mas com investimento próprio. Assume o desafio de construir um grande evento cultural na cidade do Porto, que convoque um novo modelo de criação, um novo modelo de autoria e um novo modelo de encontro entre produção e consumo culturais e criativos.

É uma iniciativa “imaterial” que pode engendrar mudanças profundas na vivência da cidade: na mudança do olhar que se deposita sobre o centro histórico, na promoção de uma maior educação para o valor do património, na sensibilização para a produção artística, no exercitar da iniciativa e criatividade locais.

Dos vários grupos que estão aqui metidos, os artistas têm uma capacidade especial de projetar o que não se está ainda a ver, de arriscar, de se disporem a perder tempo, ainda que possam sentir alguma resistência, e nesse sentido podem trazer uma capacidade de regeneração que outras áreas podem não ter e também por trabalharem num regime de informalidade em que ao escaparem aos procedimentos todos mais formais, permitem descobrir soluções novas, permitem ir buscar pessoas que estão mais excluídas destes processos, permitindo ganhar uma dinâmica própria proveniente dessa liberdade, e acho que nesse campo a arte e a cultura conseguem movimentar-se melhor. (Coordenadora Conteúdos, 32 anos, Opium)

Constitui uma plataforma de parcerias de entidades locais e criativas que convergem para a melhoria da qualidade de vida deste contexto, servindo de interface entre comunidade, instrumentos de planeamento e entidades governamentais. O estudo *Desenvolvimento de um Cluster de Indústrias Criativas na Região Norte* sublinha já a relação privilegiada que poderá existir entre o Centro Histórico do Porto e as indústrias criativas, numa conexão recíproca de desenvolvimento. Pela heterogeneidade cultural, social, económica, pela densidade de valor simbólico da paisagem, pela proximidade a pé entre lugares, pela informalidade na relação com o espaço, pela referência cultural e conflito entre o histórico e contemporâneo, o centro histórico do Porto encerra potencial de atrair jovens criativos, atividades culturais, criativas e de lazer.

O festival pretende funcionar como uma plataforma de arranque para o interesse dos criativos por esta zona da cidade e a convivência dos habitantes com estas atividades

“externas” e estranhas. Pretende-se gerar iniciativas numa lógica *bottom-up*, de modo a que o processo possa ter continuidade a partir destes mesmos intervenientes, dependendo menos da constituição deste tipo de plataformas prévias e externas. É garantir que o investimento realizado agora tem de facto retorno a médio e longo prazo para o desenvolvimento da região.

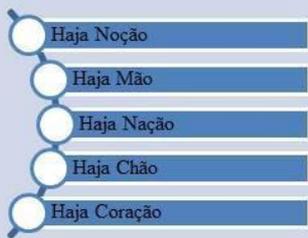
Em alguns momentos até pode ter parecido que aquilo que se atingiu ainda era pequenino mas as transformações num curto espaço de tempo foram tao grandes nas pessoas, nos espaços...que quem estava desde o início conseguia perceber como é que aquela experiência era profunda. Uma das coisas que sentimos alguma frustração é que parte desses ganhos todos não estão muito transmissíveis para fora, porque os parceiros tiveram muito pouco tempo de trabalho, estavam tao aflitos a resolver o seu projeto, e a faze-lo avançar que nem sempre o documentaram tao extensivamente como poderiam ter feito, estão mais concentrados no que é o produto e há coisas muito importantes acontecerem à volta em termos sociais, políticos, em termos de mudar mentalidades e atitudes, e que nem sempre é o que lhes mais interessa, eles não captam, não poem cá para fora e portanto há muito material que não foi posto cá fora, e há outra parte que simplesmente não consegues por cá fora porque o projeto de participação implica que sejas participante e não publico, o espectro de pessoas que de facto participou de alguma forma é sempre muito mais pequenino do que um publico de massas. (Coordenadora Conteúdos, 32 anos, Opium)

Aquilo que nós mostramos - o natural, a praia ou a montanha, mas até na praia e na montanha nós precisamos de encontrar coisas, coisas que nos possam contar um bocadinho daquela historia, e portanto, acho que os grandes desafios são os desafios que sempre existiram, a dimensão cultural e artística é aquilo que nos é mais natural, e acho que as cidades e os lugares estão cada vez mais cientes desta dimensão, e que muitas vezes são os lugares mais pequenos, pela minha experiencia profissional tenho trabalhado em territórios que têm uma densidade populacional mais curta e são muitas vezes estes territórios que conseguem criar algo diferenciador, e acho que a dimensão da economia, o discurso que sempre existiu mas que agora tem mais peso, o acrescentar valor económico é muito importante para que os territórios se possam desenvolver. (Consultora, 33 anos, Opium)

Não é apenas a produção/entrega de um festival com uma dada programação, é um processo contínuo de questionamento, criação, encontro e troca. Só assim se garante a

replicabilidade sustentada desta iniciativa.

Figura 2.3 – Fases Manobras no Porto 2011

Fevereiro 2011	Apresentação Pública do Manobras no Porto
Fevereiro/ Março 2011	Prospecção do Território do Manobras Contactos com Instituições/Parceiros/Artistas/Interlocutores Privilegiados dentro do Território Convocatória para apresentação de Projectos
Março/Abril 2011	Apresentação dos Projetos
Abril/Maio 2011	Avaliação das Propostas recebidas/ Estruturação dos Projetos Aceites
Junho 2011	Definição das Linhas de Ação 
Julho/Agosto 2011	Preparação das Ações Oficinas de Trabalho conjunto entre Artistas e Participantes
Setembro/Outubro 2011	Evento Âncora

A partir da Figura 2.3 podemos ter uma perceção de toda a organização do Manobras no Porto, desde o seu início. A apresentação pública do evento é realizada em fevereiro de 2011, e logo se começa a fazer a prospecção do território do Manobras, ou seja, que espaços poderão ser alcançados. É também nesta fase que se começam a fazer os primeiros contactos com diversas instituições, parceiros, artistas, interlocutores privilegiados dentro do território pretendido, neste caso o Centro Histórico do Porto, e em março a equipa faz a convocatória para apresentação de projetos.

Durante os meses de março e abril à equipa vão chegando propostas de projetos a integrarem o Manobras, e durante os meses de abril e maio a direção de conteúdos analisa essas propostas e vai definindo quais os projetos que se integram nos objetivos do Manobras. A partir da leitura das propostas recebidas a equipa vai delineando linhas de ação, isto é, definindo pequenas categorias de ação dentro do próprio Manobras e elencando dentro de cada categoria quais os projetos que se encaixam em cada linha de ação.

Sendo as linhas de ação definidas, as seguintes: haja noção, haja nação, haja coração, haja mão, haja chão.

Haja Chão reúne ações que representam a infraestrutura para que as restantes atividades do Manobras aconteçam. Estabelecem ligações e interações, envolvem, registam, comunicam, levantam e preparam espaços. Nomeadamente, através da atividade de documentação, esta linha serve ainda a Monitorização e a Comunicação do projeto.

Haja Coração é uma linha de ação que lida com matérias e impactos imediatos e emocionais, ainda assim resultantes de emergir na realidade do centro histórico do Porto. É o modo de envolvimento por excelência, por não necessitar de racionalização ou verbalização excessivas. O som, a música, a experiência em direto assumem o fio condutor. As ações orientam-se numa lógica de Levantamento / Oficina / Debate / Exibição, que as tornam especialmente coesas.

Haja Mão é uma linha de ação em que o conjunto dos seus projetos estrutura uma teia dedicada à conceção e fabricação de objetos, potencializando capacidades particulares da cidade. Compromete artesãos, oficinas e técnicas existentes no Porto, criadores e projetistas. Levanta e trabalha problemas quotidianos. Potencia soluções amadoras. Conquista espaços vagos como novas oficinas. Propõe as oficinas e o lazer como pretexto e modo de encontro. Promove presença física, atividade e debate no centro histórico do Porto. Coloca a questão da produtividade possível dentro do centro histórico do Porto, aproximando a capacidade de criar e projetar, o saber fazer, e a disponibilidade para trabalhar.

Haja Noção dedica-se a descobrir e estimular outros quotidianos no Porto. São ações mais pragmáticas do que sonhadoras, que colocam em debate, de forma objetiva, outros entendimentos de Porto, através das suas dimensões mais essenciais: as rotinas quotidianas, a terra, o alimento, a negociação do espaço público, o comércio, a subsistência e a realização pessoal.

Haja Nação dedica-se a projetar outras imagens do Porto. Na programação são ações aparentemente desligadas mas, cada uma a seu modo, trazem à luz um pedaço da cidade, imaginado em cruzamento com contextos e práticas não usuais. Do desafio destes cruzamentos projetam-se novas visões, revelam-se capacidades e aspirações dos envolvidos nas ações e estimula-se o campo de possibilidades dos apanhados pelos resultados. A Nação Porto imaginada, sonhada a partir da sua diversidade.

2.4.1 Caracterização Empírica Projetos em Análise

- Casa das Brincadeiras- em Construção

A Casa das Brincadeiras em Construção transformou o nº13 da Rua de S. Miguel – uma escola primária desativada em pleno Centro Histórico – num espaço aberto para a comunidade brincar. O projeto foi concebido, construído por Inês Guedes de Oliveira, Leonor Guedes, Nuno Guedes e teve o apoio de Ana Carvalhosa na produção e conceção.

O objetivo da Casa das Brincadeiras em Construção foi o de ocupar um espaço vazio do centro histórico do Porto, transformando-o num espaço impulsionador da criatividade e ludicidade, onde habitantes e artistas partilharam experiências à procura de novas maneiras de olhar, pensar e sentir a cidade, transformando cada sala em espaços de brincadeira e de experimentação abertos a todos os que desejaram construir a sua Casa das Brincadeiras.

A Casa das Brincadeiras proporcionou experiências de fruição estética, criativa e lúdica, abertas a todos, materializadas tanto em instalações que ocuparam o espaço ocupado como em oficinas com artistas.

A Casa das Brincadeiras tem várias vertentes, é um espaço que não existe na cidade, um espaço criativo e de ludicidade, para todas as idades, um espaço tipo parque de diversões, nem é uma ludoteca ao mesmo tempo, não é um espaço onde existem jogos típicos e tradicionais para fazer, é um espaço em que as pessoas vão construindo as suas próprias brincadeiras, é um espaço de muita interação, intergeracional...por outro lado, tem a característica de ser uma coisa que não aparece feita, para além de ser um espaço lúdico e criativo, tivesse uma componente estética muito forte, uma relação muito forte com a parte artística, e que fosse construído com a gente local, daí o nome “em construção”, a ideia é que não aparece feito, vai-se construindo, através das oficinas e de intervenções de artistas e depois foi-se construindo na própria casa. (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)

A missão da Casa das Brincadeiras passou por explorar livremente o lúdico, de forma empática para todos e para todas as idades. Explorar a invenção a partir do banal, do desperdício, do aparentemente sem valor. Um espaço com um conjunto de instalações onde convergem diferentes olhares sobre o lúdico no centro histórico do Porto.²²

²² Ficha Técnica do Projeto, 2011, Opium

A Casa das Brincadeiras conseguiu em 2011 atrair muitas e diferentes formas de brincar e de olhar a ludicidade. Conseguiu criar rotinas durante o tempo em que se estabeleceu como espaço lúdico.

Acho que foi excelente, tivemos as crianças da rua sempre sempre na Casa das Brincadeiras, estiveram sempre presentes, estavam à espera que a gente abrisse à porta...muitos pais e sobretudo mães, e algumas avós. Tivemos também muitas visitas, de centros que não tínhamos trabalhado com eles, um centro de deficientes, até foi comovente, foi impressionante como eles gostaram, a adesão que eles tiveram ao espaço. O centro de dia da sé também nos foi visitar...eu acho que foi uma relação muito boa, uma relação muito próxima. Todos sentimos que foi uma mais-valia, foi um espaço muito bom. (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)

- Rádio Manobras

A Rádio Manobras é um projeto de rádio dedicado ao Centro Histórico da cidade do Porto, e está instalada no Maus Hábitos, pretende ser um espaço de partilha entre os seus habitantes. Pretende desenvolver uma comunicação aberta, plural, não conformada, ativa, e pesquisadora de novos formatos de comunicação radiofónica. Tem como ponto central a reflexão sobre o Porto, em particular o Centro Histórico, e pretende dar voz às pessoas e à cidade. Nasce em setembro de 2011, conseguindo reunir um conjunto de colaboradores e de meios de produção de conteúdos que permitem transmitir 24 horas por dia, sete dias por semana. A Rádio está no ar em 91.5 FM.

O projeto da Rádio Manobras nasceu dentro do próprio projeto do Manobras no Porto, desde logo a sua identidade foi marcada como uma transposição para o meio rádio de todos os objetivos a que o Manobras se propôs. No fundo, a rádio tem como objetivos exatamente os mesmos que o Manobras tem, esses objetivos são concretizados através de uma aproximação ao património imaterial da cidade, pela transmissão do som da cidade, quer seja através das vozes das pessoas, das suas interpretações, das suas histórias, o som no sentido mais sonoplástico da palavra.

Ao mesmo tempo a rádio também nasceu para ser parte da necessidade de criação de um meio de comunicação com a cidade, envolvendo os seus habitantes e os seus agentes de diversas áreas.

A principal característica, missão com que ela nasceu (...) de ser porta-voz dos projetos do manobras, nem da população com aquilo que é o objetivo central do manobras que é valorizar o centro histórico do Porto em todas as suas vertentes, o social, o humano, imaterial, mas os objetivos já se alargaram e agora que estamos a ser cada vez mais uma radio local, uma radio do povo, uma radio do porto para as pessoas do porto, com pessoas do porto. Uma radio com pronuncia quase, em si uma radio dedicada ao porto, que fala de assuntos do porto e daquilo que é interessante para a cidade, vista por pessoas de dentro do porto, uma radio local. (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)

Este projeto de rádio local e comunitária, que tem como principio a autonomia, a abrangência e a integração de visões da cidade e das pessoas que nela trabalham e habitam, constrói-se com uma base profissional mas aberta a colaborações com todas as pessoas e entidades capazes de contribuir para a reflexão e ação sobre o Porto através deste meio de comunicação.

Para 2012, em conjunto com o projeto de Documentação e com o projeto de recolha do Património Sonoro do Porto, a rádio construirá parte significativa dos conteúdos a transmitir: dando novas leituras, manipulando sonoridades, contando novas histórias e mostrando inéditas visões/audições da cidade e das pessoas. Tendo este processo uma componente *online* para uma maior abrangência no território da sua missão. Os objetivos já se alargaram e agora o objetivo passa por ser cada vez mais uma rádio local, uma rádio do povo, uma rádio do Porto para as pessoas do Porto, com pessoas do Porto. Uma rádio com pronúncia, uma rádio dedicada ao Porto, que fala de assuntos do Porto e daquilo que é interessante para a cidade, vista por pessoas de dentro do Porto.

A rádio alcançou até ao momento o objetivo de conseguir ter uma grelha de programação 24 horas por dia, com programas de autor, divulgação musical, incutir a reflexão e discussão sobre a cidade, transmitir materiais documentais gerados pelo Manobras, trabalhos de criação sonora, musical, narrativa, entre outros.

A Rádio Manobras produz conteúdos próprios, desde programas de autor, reportagens, conversas, entrevistas, gravação de concertos, leituras, etc. Realiza emissões em espaços públicos (praças, rua, etc.), o seu objetivo é incrementar a diversidade e qualidade da programação, com ênfase para a aproximação à comunidade do centro histórico.

É um meio democrático de comunicação, é um espaço aberto quem queira participar,

disponível para todo o tipo de intervenções e conteúdos. Articula permanentemente ações de captação e projeções instantâneas com a intensificação de compromissos mais duradouros.²³

- Poesias Sonoras e Fado em Tempo Real

As Poesias Sonoras e Fado em Tempo Real é um projeto que visa divulgar e promover o fado no Porto e o Porto através do Fado, dando visibilidade ao que vai na alma de quem pela cidade passa. Dedicar-se a potenciar o valor artístico e o reconhecimento coletivo do circuito de fado vadio do Porto. Aqui resgata-se a rede de cantores, músicos, casas de fado e aficionados, ligando-a com outras músicas e escritas. Através das oficinas de escrita e fado à desgarrada recolheram-se impressões e vivências para transformar e musicar em fados. Os cantores e músicos devolveram esses contributos em quatro concertos que cantam os bairros da Sé, São Nicolau, Vitória e Miragaia.

O projeto estava um pouco idealizado antes do Manobras. O Manobras foi aquilo que permitiu concretizar o projeto. É um projeto de construção coletiva em que não se limita a uma simples oferta de atividade cultural, portanto o Manobras permitiu através do financiamento concretizar a ideia e chamar as pessoas.

Queremos cantar poesia do porto, queremos cantar poesia do Porto feita por pessoas do Porto, se as pessoas não fazem poesia o que é que vamos cantar? Vamos estar nós a fazer poesia? A nossa parte é arranjar musica e músicos para que as pessoas possam ver os seus poemas cantados, também damos oportunidade das pessoas os cantarem para quem não sabe fazer poemas ou para quem tem algumas dúvidas também facilitamos a realização dos poemas através de profissionais que podem dinamizar sessões para que as pessoas ao final de algum tempo já possam estar a escrever poesia para fado, portanto é um serviço feito para eles, se não houverem pessoas que não queiram esse serviço as coisas não resultam. (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)

A missão do “Poesias Sonoras e Fado em Tempo Real” é estimular a que se faça nova produção em torno do fado vadio, através do encontro entre fadistas e músicos de outros géneros musicais, é um encontro de casas de fado, de lugares, de toda uma rede dispersa de fado vadio existente na cidade do Porto. Este projeto estimula os seus participantes à improvisação, à expressão, à criação.

²³ Ficha Técnica do Projeto, 2011, Opium

- Olha Lá

O projeto “Olha Lá” explora encontros entre várias culturas lusófonas na cidade, através do teatro, da fotografia e do diálogo. A autoria do projeto é da Associação 10pt – Criação Lusófona, pelas mãos de Miguel Pinheiro.

Parte da recolha de testemunhos de gentes do Porto sejam elas naturais do Centro Histórico ou cidadãos de língua portuguesa em diáspora que encontraram no Porto o seu porto de chegada. O processo iniciou-se com raides de fotografia e materializou-se em ações variadas, como cartazes espalhados pela cidade com grandes planos de personagens do Centro Histórico. O processo culminou com uma exposição coletiva de fotografias, resultante de uma oficina aberta de captação de imagens do centro histórico do Porto (na Casa-Museu Guerra Junqueiro), uma exposição de fotografia de rua de grande formato, com os rostos da cidade, ciclo de conversas, e uma peça de teatro, resultante da recolha e escrita de histórias de vida locais, no Abrigo dos Pequenininos, às Fontainhas.

Eu gosto de acreditar que é um projeto participativo, de recolha de poesia popular, poesia aqui é poesia da vida, é poesia do dia-a-dia, que é algo poético, popular, e que é algo quer muito fazer duas coisas: quebrar a invisibilidade duma serie de pessoas do porto e outra é tentar criar beleza onde ninguém normalmente vê essa beleza. Através da exposição de rua, que tivemos os cartazes pela rua, nós conseguimos não só quebrar um pouco dessa invisibilidade, como apresentamos várias cores, desde o mais branquinho ao mais escuro. O que nós quisemos fazer era isso, o participativo, o poético e a quebra da invisibilidade das pessoas. (Artista, 33 anos, 10pt)

Através da fotografia, moradores no Centro Histórico do Porto e Lusófonos da Diáspora foram desafiados a captar a cidade sob vários pontos de vista, descobrindo e revelando-a pelos seus olhos.

A peça de teatro tem as pessoas como ponto de partida para a construção de uma narrativa experimental, uma mistura de elementos reais (testemunhos locais) e de ficção (transformação para teatro), num jogo de faz de conta que serve de espelho de centenas de lusófonos.

Este é um projeto que marca uma relação bastante profunda com as comunidades, que

pretende traçar uma linha pelas comunidades lusófonas no Porto, tanto as comunidades lusófonas como os habitantes do centro histórico do Porto, que são pessoas que estão à margem da cidade, e o objetivo é o de tentar perceber de que forma é que estas comunidades podem olhar o mundo à volta deles.

É um projeto participativo, de recolha de poesia popular, que tenta quebrar a invisibilidade duma serie de pessoas do Porto. Através da exposição de rua, através dos cartazes pela rua, conseguiu-se quebrar um pouco dessa invisibilidade.

- Porto Próximo

O projeto Porto Próximo foi idealizado pela S.P.O.T., que identifica oportunidades de ocupação e transformação de terrenos em hortas urbanas, e mobiliza um grupo de cultivadores no sentido da sua futura auto-organização.

Tem como missão fomentar a criação de hortas comunitárias bem no coração do centro histórico do Porto, procedendo ao aproveitamento dos espaços residuais potenciando uma alteração de hábitos e mentalidades. Deste modo pretende-se testar de que forma será possível reabilitar estes espaços, dando-lhes usos e devolvendo-os à comunidade local, procedendo ainda a uma sensibilização para o cultivo da terra para consumo.

Porto Próximo consta de um mapa verde do Centro Histórico do Porto, onde estão marcados os jardins e parques existentes, as novas hortas que nascerão deste mesmo projeto e os espaços verdes com potencialidade para serem futuras hortas da cidade. Esta informação está disponível *on-line*²⁴ numa única plataforma, o que permite um acesso rápido a todos os espaços existentes.

A potencialidade destes espaços vem da vontade dos seus proprietários em cederam o terreno para uso comunitário através de hortas. O projeto estabelece um circuito de produção entre as hortas urbanas e proporciona aos seus cultivadores o usufruto doméstico dos produtos daí retirados.

Considero que isto é um caminho, mais do que um projeto final ou uma coisa acabada, o que deu mote a tudo foi o estudo dos espaços vazios, dos espaços desocupados e como é que os podemos ocupar e ao mesmo tempo, um estudo de hortas já existentes na cidade porque o Porto é uma cidade que até está bastante urbanizada mas continua haver muitas pequenas hortas privadas que no

²⁴ www.portoverde.wordpress.com

fundo é um bocadinho do que nós fizemos, ou seja, ocupações de espaços que estavam vazios e que agora são hortas e isto foi a base de tudo, e ao começarmos a falar com as pessoas, começamos a ver que as pessoas querem fazer alguma coisa e querem que seja uma coisa útil, a confrontação com a comunidade deu-nos mais força e mais razão à nossa ideia (...) o cultivar um espaço, torna-lo útil em vez de desabitado de uma maneira que a nosso ver é boa para toda a gente, que dá uso à terra, uso às pessoas porque estão a usufruir daquele espaço, estão a ocupar o seu tempo. (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)

Este projeto pretende aproximar os cidadãos urbanos de um estilo de vida mais saudável e orgânico através da cidade. Com o Porto Próximo espaços vazios foram e serão ocupados pela comunidade com o intuito de os transformar em hortas comunitárias abertas a todos. Na primeira fase do projeto os objetivos passaram por analisar e sinalizar espaços vazios do centro histórico do Porto, criar um mapa com essa informação, transformar alguns desses espaços em hortas comunitárias, incentivando a participação local, criação de relações entre diferentes parceiros e instituições de maneira a chegar a um modelo de autogestão de cada uma das hortas.

Para 2012 a equipa pretende dar mais valor ao processo em geral, à sua documentação e divulgação de modo a alcançar mais visibilidade, mais público e por consequência mais participantes, tanto a nível de utentes das hortas como de proprietários interessados em transformar os seus espaços em hortas.

III | Caracterização Sociodemográfica, Discursos e Representações dos Atores Sociais

3.1 Caracterização Sociodemográfica dos Entrevistados

Nesta parte temos como objetivo consolidar a análise de conteúdo das entrevistas realizadas. Optamos por utilizar o método de entrevista semiestruturada porque nos permitiu garantir que os diversos participantes respondessem às mesmas questões, para podermos proceder a um tratamento mais sistemático dos dados. Este tipo de entrevista é bastante flexível, temos um guião previamente preparado que serve de eixo orientador da entrevista, mas que permite uma adaptação ao próprio entrevistado. A informação recolhida teve como objetivo conhecer representações daqueles agentes sociais relativas às indústrias criativas, aos projetos dos quais são autores, e relativamente ao envolvimento local. Segundo Moscovici, as representações sociais são “...um conjunto de conceitos, proposições e explicações criados na vida quotidiana no decurso da comunicação interindividual. São o equivalente, na nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem ainda ser vistas como a versão contemporânea do senso comum”. (cit. por Vala e Monteiro, 2006, p.458). A análise das representações sociais e também das práticas sociais (embora a importância concedida às práticas sociais seja relativamente menor) será enquadrada e discutida a partir da base teórica que expusemos.

O universo de análise é de 8 indivíduos, dos quais 3 correspondem aos técnicos da organização acolhedora do estágio, e 5 aos proponentes dos projetos aqui em análise.

No que diz respeito à caracterização sociodemográfica dos entrevistados (Tabela 3.1), evidenciamos duas constatações. A primeira é que do leque de entrevistados todos têm formação académica, a segunda é que representam uma faixa etária entre os 30-34 anos. Ao estabelecermos um paralelo entre estas duas tendências verificadas nas entrevistas com o que foi exposto no enquadramento teórico, é nos permitido consolidar a ideia de que de facto as indústrias criativas são um setor de atividade predominantemente jovem com formação académica nas mais diversas áreas, desde Arquitetura à História.

Verificamos também que os nossos entrevistados são na sua maioria do sexo feminino. Na Tabela 3.1 fazemos uma breve caracterização sociodemográfica dos entrevistados contemplados na presente investigação.

Tabela 3.1 Caracterização Sociodemográfica dos Entrevistados

Entrevista		Idade	Residência	Formação	Entidade
Nº1	Diretora Conteúdos Manobras	32	Porto	Licenciatura Arquitetura	Opium
Nº2	Consultora	33	Aveiro	Licenciatura História	Opium
Nº3	Gerente	31	Porto	Licenciatura Arte (variante Património), Mestrado Gestão do Património Cultural	Opium
Nº4	Artista	33	Porto	Licenciatura Ciências, Mestrado Teatro	10pt
Nº5	Produtor Artes Performativas	34	Porto	Licenciatura Teatro/ Produção	Ao Cabo Teatro
Nº6	Produtora Cultural	34	Porto	Licenciatura Arquitetura	SPOT
Nº7	Professora Universitária	54	Porto	Licenciatura Design de Comunicação – Criatividade Ludicidade	Casa das Brincadeiras
Nº8	Músico	29	Porto	Licenciatura Ciências da Comunicação	Maus Hábitos

3.2 Reflexão sobre os Discursos e Representações dos Entrevistados

A realização das entrevistas aos técnicos da Opium permitiu-nos obter um breve enquadramento da organização, qual o seu papel no mercado, que tipo de atividades desenvolve e de que forma o faz. Tentamos perceber quais as representações dos entrevistados relativamente ao que tem sido feito para alargar a base criativa da região norte, tendo sempre como fio condutor a realidade e dinâmica das indústrias criativas nos nossos dias.

Em relação aos profissionais que trabalham na Opium e ao papel que cada um desempenha na instituição podemos afirmar que é uma empresa com uma cultura organizacional pouco rígida, horizontal e baseada no trabalho em equipa onde a troca de experiências e a informação é uma mais-valia. Existe uma estrutura aberta, flexível, há uma forte comunicação entre a equipa, troca de ideias, cooperação. O campo de ação é bastante generalizado, pois sendo uma entidade criativa coopera em diversas áreas e setores de atividade. Um fator significativo da distinção das indústrias culturais para com outros sectores de atividade, corresponde à amplitude da atividade desenvolvida. Desde a

programação cultural, à consultoria, ao planeamento e revitalização urbana. Tem uma equipa interna proveniente de diversas áreas de formação, o que proporciona alguma transversalidade de conhecimentos, e de acordo com a natureza do projeto no qual estão a trabalhar, vai angariando empresas privadas ou profissionais liberais à medida das suas necessidades. Atentamos aqui para um aspeto relevante, que diz respeito à ação da instituição no setor da educação, consideramos que esta incursão no campo educativo está intimamente ligado ao incremento no domínio da sensibilização para as artes, pela maior atenção atribuída ao papel das atividades pedagógicas, e vemos que cada vez mais os equipamentos culturais têm alargado o seu leque de oferta cultural precisamente para captar os mais jovens.

Gestão e planeamento de projetos culturais, que é algo um bocadinho genérico, mas a nossa atividade se calhar também necessita de uma descrição mais genérica, porque temos projetos muito diversificados, desde estudos macroeconómicos, estudos que tem como objetivo medir o potencial económico das indústrias criativas ou culturais na região, até eventos, produtos ligados ao turismo religioso, os projetos são muito variados e por isso necessitamos de ter uma descrição das nossas atividades que seja mais abrangente. (Gerente, 31 anos, Opium)

Estou com projetos que estão mais ligados à programação cultural e à implementação de serviços educativos, e tenho trabalhado tanto na preparação de projetos de conteúdos para equipamentos culturais como é o caso de Albergaria-a-Velha que temos um cineteatro que foi recuperado e uma biblioteca e tivemos a fazer todo o programa operacional para estes dois equipamentos. (Consultora, 33 anos, Opium)

A Opium trabalha ao nível do aconselhamento, da definição de projetos, muitas vezes tem um papel de intermediário entre os diversos intervenientes dos projetos.

Implementa uma nova programação cultural a pedido das câmaras municipais por forma a dinamizar espaços obsoletos. Trabalha a partir de um diagnóstico dos equipamentos, tentando perceber quais os recursos culturais e criativos existentes - desde o rancho folclórico à empresa de *design* - e que todos estes recursos têm camadas e níveis de ação diferentes e portanto, há que definir que recursos estão afetos para se poder partir para uma programação, e definir um plano de meios. No fundo a Opium é consultora das equipas que depois ficarão à frente de determinado equipamento cultural, cria uma dinâmica de trabalho que esteja mais inserida no contexto da comunidade. Colabora tipicamente com entidades públicas, com entidades de responsabilidade na gestão do território, não estritamente instituições ligadas ao

setor cultural. Os projetos desenvolvidos são bastante diversificados e naturalmente os clientes também o são, tendo todos em comum a valorização territorial, a valorização dos recursos endógenos, que vão desde recursos patrimoniais, à capacidade criativa, à identidade coletiva.

Trabalho muito com o território e sendo a minha formação base em História, trabalho muito a relação que se pode estabelecer da comunidade com a cultura, que pode partir também do que são os recursos do território, mas que muitas vezes é necessário que venham outras formas de ver, outros criadores que possam acrescentar algo de novo sobre a sua própria historia e o meu trabalho incide mais sobre o território, com as comunidades, mas muito neste mediação entre aquilo que é a criação artística e aquilo que são os públicos. (Consultora, 33 anos, Opium)

Em termos da evolução e dos desafios que o setor das indústrias criativas abarca podemos afirmar que persiste alguma dificuldade em acrescentar valor económico à criação artística, isto é:

Há um grande fosso no Manobras entre aquilo que é a comunidade de artistas e os meios mais formais de gestão de recursos (...) os artistas estão pouco profissionalizado nalgumas coisas, que há aqui um hiato muito difícil de resolver. (Coordenadora Conteúdos, 32 anos, Opium)

Nas palavras dos nossos entrevistados o grande desafio das indústrias criativas é a capacidade de transformar a energia e a massa crítica que existe na região Norte em valor económico, como gerar valor com base nos recursos criativos existentes, por forma a desenvolver os territórios. De uma maneira geral consideram que os criadores e os artistas ainda têm alguma dificuldade em olhar para aquilo que fazem como algo que possa acrescentar valor económico, não têm as ferramentas necessárias para funcionar com determinados processos, “*estão habituados a funcionar num tal esquema de informalidade que chocam completamente...*” e têm grandes dificuldades em entrarem neste discurso económico. Nesta perspetiva aparecem instituições como a Opium que no fundo fazem a mediação entre os artistas e o território, intervêm no território através da valorização da cultura. Se se conseguir associar a um território a ideia de que este tem uma massa crítica criativa e potencial para crescer nesse sentido, vai atrair investimento e consequentemente atrair pessoas criativas.

Esta questão é bastante complexa, mas território, indústrias criativas e cultura são três vetores que coexistem neste mesmo sistema, numa espécie de ecologia, porque tudo isto está sempre ligado a um território e as indústrias criativas têm a capacidade de fazer crescer esse território (...) para haverem indústrias criativas é preciso que haja cultura, e há obviamente um conjunto de consequências e de evolução que não se dá só na dimensão económica mas dá-se também na dimensão social, ou seja, toda a comunidade vai conseguir beneficiar da presença destes talentos criativos no território, o centro histórico do Porto, as pessoas que habitam nele, com certeza também vão beneficiar de todos os negócios e de toda a dinâmica que se vai instalando no território.
(Gerente, 31 anos, Opium)

Existe de facto uma grande janela de oportunidades com este cruzar e entrecruzar das dimensões: económica, cultural, criativa. Nenhum território tem um receituário, e cada território tem as suas especificidades, mas falando e focando a nossa análise no centro histórico do Porto é notório o potencial que este representa. Tem infraestruturas modernas, faz parte do património histórico da humanidade, tem uma forte imagem de cidade que deve ser preservada e afirmada pela população. Pretende-se que projetos como o Manobras no Porto se estabeleçam com maior regularidade, e estes dois anos de Manobras podem funcionar como plataforma de arranque para o interesse dos criativos pelo centro histórico do Porto e para a convivência dos habitantes com as atividades culturais.

O que acontece muitas vezes é que chegamos a um projeto e achamos que vamos inventar a roda, e a roda já está inventada, e há um conjunto de coisas que se fazem que devem ser valorizadas e que às vezes precisam de ser ligadas, melhoradas, qualificadas, e no fundo criar redes. A mais-valia é essa, olharmos sempre para os territórios, para a história do território, para os seus recursos, para as suas marcas e termos esta visão abrangente, valorizarmos desde aquilo que é cultura popular, dos amadores, das bandas filarmónicas...até aquilo que são os trabalhos dos profissionais, das empresas criativas, e é desta maneira que eu vejo. (Consultora, 33 anos, Opium)

É necessário trabalhar com os valores existentes no território e explorar todas as suas potencialidades. A Opium e outras empresas do setor fazem uma espécie de trabalho de mediação, tentam criar oportunidades para que estas duas partes se encontrem, e a visão externa destas empresas permite olhar para os territórios de forma mais neutra. Vale a pena construir projetos sobre o que já existe nos territórios, trabalhar sobre os territórios, envolver

as companhias de teatro, os ranchos, as associações, os centros culturais, as gentes.

Hoje em dia temos felizmente, os criadores portugueses têm feito imensos projetos desse género e que têm tido resultados muito bons, agora acho que é preciso ter cuidado nestes projetos com a comunidade, que é, nós não podemos achar que só os artistas é que fazem isso, porque os artistas fazem outro trabalho, os artistas criam, e portanto nós precisamos destes mediadores, de pessoas que façam este trabalho de mediação, que possam através (e acho que esse é o meu trabalho), que é, através do que são os conteúdos artísticos, eu olho para os conteúdos artísticos e o que eu tenho que fazer é transforma-los em algo que possa fazer com que o publico se interesse, e isto pode transformar-se numa visita, numa conversa, numa proposta pedagógica que vai por exemplo às escolas, ou uma oficina antes de um espetáculo que é para todo o publico...isto pode-se transformar em muitas coisas. Acho que precisamos deste tipo de mediação e de tradução, que possa fazer com que o público possa ter uma dimensão diferente daquilo que é o espetáculo. (Consultora, 33 anos, Opium)

No que concerne às representações das entrevistadas relativamente às parcerias público-privadas atentam esta relação como algo que ainda funciona com alguma desconfiança, “*temos muito pouca capacidade e tradição em cooperar entre instituições, sobretudo quando elas têm naturezas jurídicas completamente distintas*” (Gerente, 31 anos, Opium), no entanto, e apesar dessa desconfiança, essas parcerias vão acontecendo com alguma regularidade, com benefícios para as duas partes. Por um lado, temos o promotor do projeto que é uma entidade pública, com uma equipa especializada para determinado projeto mas que não tem capacidade para gerir todas as partes desse mesmo projeto, e daí contrataram uma empresa privada para esta se posicionar mais ao nível do terreno e em proximidade com a população. Existem de facto políticas e estratégias definidas ao nível macro, mas depois é necessário agentes mais pequenos que saibam materializar esses objetivos de forma mais assertiva. Saber como materializar políticas macro em territórios tão distintos, para que surjam resultados, é o grande desafio para o sucesso das políticas públicas. É importante beneficiar do trabalho de um agente privilegiado, nesse contacto com as reais necessidades da população. Ao nível da região norte, em seguimento do estudo macroeconómico, essa parceria materializou-se em oportunidades para alavancar alguns projetos, até aí inexistentes. Começaram a surgir ideias e negócios criativos, passou a haver mais financiamento, pois passou a atribuir-se valor económico à indústria cultural. De facto existe uma grande

preponderância das políticas públicas e do financiamento que daí advém, para o crescimento dos negócios dos setores criativos que estão em marcha. Do ponto de vista mediático também se começou a dar mais importância ao setor criativo e cultural e esse discurso passou a estar incorporado em mais pessoas, quer seja no setor académico, institucional ou nas palavras do próprio presidente da República.²⁵

Politicamente percebe-se que existem projetos a nascer a partir destas políticas e destes recursos, consegue-se apesar de tudo ler, principalmente quem está na cidade do Porto que há cada vez mais um sentido de empreendedorismo de microescala, cada pessoa, cada grupo tem de investir e tem de encontrar uma forma de um negócio, e acho que as pessoas também tem uma formação com uma sensibilidade para as áreas criativas e culturais, isso sente-se mas é ao nível da cidade do Porto. (Coordenadora Conteúdos, 32 anos, Opium)

Neste sentido, a cultura pode ter um papel preponderante na regeneração da cidade, das cidades. A cultura é algo intrínseco ao indivíduo, qualquer país deve cuidar da sua identidade, é algo que não se pode pausar. As políticas de incentivo aos negócios são importantes, mas muitos projetos avançam sem financiamento público.

Acho que temos de olhar para isso como uma oportunidade e obviamente que este conjunto de Centros Culturais e de todos os processos de regeneração urbana que trouxeram atividades que acontecem nos centros históricos, fizeram foi animar muito aquilo que é a criação, novos desafios, e fez com que tudo crescesse...as companhias pudessem crescer, agora é preciso nesta área termos investimento público, qualquer país deve cuidar da sua identidade. (Consultora, 33 anos, Opium)

Podemos perceber através dos discursos dos entrevistados que estamos perante três perspetivas de atores sociais diferentes, e conseguimos perceber que de facto são necessárias políticas sustentadas de investimentos, as empresas privadas têm capacidade e vontade em investir no território, mas o maior investimento é proveniente de políticas estatais. É necessário qualificar os espaços públicos, valorizar os espaços de sociabilidade e de

²⁵ “Para que Portugal possa ser um país verdadeiramente envolvido, para que no futuro possa mesmo ultrapassar a média de desenvolvimento da União Europeia, é preciso que já hoje comece a trabalhar em novas bases produtivas.” Cavaco Silva considerou ainda que as indústrias criativas têm uma grande intensidade de mão de obra qualificada e dependem muito de “jovens empresários que conseguem transformar boas ideias em negócios florescentes”. Notícia publicada pelo jornal Porto24, a 24 de fevereiro de 2012, consultada em: <http://porto24.pt/porto/24022012/cavaco-silva-s-joao-da-madeira-industrias-criativas/#.UEjCqLJIT-1>

referência, é necessário dar mais apoio à criação artística e aquilo que é local. No entanto, chamamos atenção para o facto de os entrevistados terem abordado a questão relativa à forma como a cultura é utilizada como vetor estratégico de regeneração física e funcional das cidades com alguma cautela, apontando para o facto de que existe alguma desconfiança, ou seja, as comunidades ainda estão divorciadas das infraestruturas locais que têm ao seu dispor.

Passamos agora para a análise das entrevistas realizadas aos proponentes dos projetos em foco no presente relatório. A escolha destes cinco projetos tem por base, e depois de conhecermos todos os projetos envolvidos no Manobras, considerarmos que são os que têm na sua génese o envolvimento da comunidade, e à exceção do Porto Próximo e do Olha Lá, serem todos projetos de raiz, criados tendo como pano de fundo a mecânica e a ideologia patente no Manobras no Porto. A sua participação no Manobras teve sempre como objetivo primordial o usufruto por parte da comunidade do Porto, e para além de terem o seu ponto alto nos cinco dias do Manobras, realizaram todo um trabalho que antecedeu o “grande acontecimento”, quer fosse em oficinas, *workshops*, convocatórias ou conversas e debates.

Num primeiro domínio de análise, faremos neste momento, uma explanação daquilo que foi analisado relativamente à participação dos projetos no Manobras. Neste sentido é de revelar que a oportunidade surgiu na maioria dos casos a convite da coordenação de conteúdos do próprio Manobras, que viram potencialidades nos projetos ou já tinham em mente a concretização de algumas ideias como foi o caso da Rádio Manobras.

Anselmo Canha como coordenador do Manobras e em conversas que fomos tendo falou-me da vontade de ter uma radio como projeto central do Manobras para disseminação e para própria comunicação do projeto (...).
(Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)

Soube que o Manobras ia acontecer e resolvi falar com eles, tivemos algumas reuniões em que expliquei como se passou em Cabo Verde, de que maneira é que extrapolava para o Porto, e ao mesmo tempo perguntar-lhes o que interessava para fazer na cidade do Porto, para tentar encaixar nisso mesmo, e foi a partir dessas conversas. (Artista, 33 anos, 10pt)

(...) quando surgiu a oportunidade de apresentar o projeto ao Manobras e sabíamos que um dos pontos fortes ia ser a relação com a comunidade achamos que isto fazia todo o sentido. (Produtora Cultural, 34 anos, SPOT)

A ideologia do festival acabou por consolidar de uma maneira ou outra a idealização dos projetos, primordialmente pelo facto de descrever “que queria traçar uma relação bastante

profunda com as comunidades” (Artista, 33 anos, 10pt). Acabou por influenciar todos os projetos pela carga ideológica que transporta consigo, isto é, o intuito de dar algo à cidade do Porto, envolvendo as suas gentes.

O Manobras foi aquilo que permitiu concretizar o projeto. A verdade é que também adaptamos à filosofia do Manobras, “eu manobro, tu manobras, nós manobramos”, então dá logo para perceber que é um projeto de construção coletiva em que não é uma simples oferta de atividade cultural, portanto o manobras permitiu através do financiamento concretizar e chamar as pessoas (...) o grande desafio é envolver pessoas ativamente e não passivamente que é o que se faz na maior parte das vezes. (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)

Nós tentamos dentro daquilo que nós pretendíamos, corresponder à missão do próprio Manobras, que fosse alguma coisa que ficasse para a cidade, que fosse construída na cidade, com as pessoas da cidade, de interesse da população local mas não ficasse fechada ao mesmo tempo, num gueto, nas pessoas da zona histórica, que fosse aberto também à parte exterior. Todo o projeto foi concebido a pensar a missão do Manobras, nós tentamos corresponder completamente. (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)

A Rádio Manobras, de todos os projetos, é um pouco particular na sua missão, pois desde o seu início foi marcada pela transposição para o meio rádio dos próprios objetivos do festival, “a rádio também nasceu para ser uma espécie de braço armada de comunicação em 1ª mão daquilo que o Manobras está a fazer, a ser quase porta-voz dos projetos do Manobras do porto.” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)

Todos os projetos têm em comum o envolvimento das pessoas, a troca de experiências. São projetos que têm na sua génese a participação da comunidade local. São projetos que pretendem dar visibilidade a aspetos menos conhecidos da cidade. Dar uso a espaços vazios, e desabitados, dar utilidade ao que é inutilizado.

Eu gosto de acreditar que é um projeto participativo, de recolha de poesia popular... (Artista, 33 anos, 10pt)

Considero que isto é um caminho, mais do que um projeto final ou uma coisa acabada (...) começamos a ver que as pessoas querem fazer alguma coisa e querem que seja uma coisa útil, a confrontação com a comunidade deu-nos mais força e mais razão à nossa ideia. (Produtora Cultural, 34 anos, SPOT)

É um serviço feito para eles, se não houverem pessoas que não queiram esse serviço as coisas não resultam. (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)

Ao nível dos elementos ligados à conceção do projeto, foram sempre concebidos ou por associações ou a título individual, como é o caso da Casa das Brincadeiras.

Atentamos agora à análise dos espaços utilizados pelas ações. Percebemos que foram bastante diversos os espaços, e que vão desde espaços estabelecidos a espaços inutilizados. As sessões de fado decorreram por exemplo, no Miradouro da Sé, no Miradouro da Vitória, no Largo do Padre Américo e no Miradouro de Gaia.

A única coisa que aconteceu foi no miradouro da Vitória, foi um bocadinho mais difícil, porque havia lá camisas de resto não foi por aí...foi porreiro ter sido ao ar livre e ser num espaço informal porque criou-se um...em vez de ser um concerto em que existe uma separação muito forte entre o palco e o público foi mais ténue, do que o primeiro concerto, sem querer fizemo-lo formal depois o segundo já foi um bocado mais em jeito de conversa com as pessoas, apresentamos as pessoas que iam, foi engraçado, fez com que o ambiente fosse mais familiar. (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)

A Casa das Brincadeiras estabeleceu-se num espaço devoluto da cidade, numa antiga escola primária na Rua de São Miguel. As atividades do Olha Lá tinham como base a Ribeira do Porto, mas repartiram-se por várias zonas da cidade, desde a Casa Museu Guerra Junqueiro, ao Clube Literário do Porto, ao Hard Club, a Associação Timorense serviu como espaço de produção. O culminar do projeto teve lugar no Abrigo dos Pequeninos com a encenação da peça de teatro. *“Chegamos ao centro histórico, só estávamos, na verdade só ocupávamos o espaço...foi difícilimo juntar pessoas para fazer isso, desdobrávamo-nos em tudo quanto podíamos para recrutar pessoas para fazer o workshop de fotografia, para participar em varias coisas, era difícil, as pessoas não aderiam. Chegamos a perseguir as pessoas do centro histórico, a ir a caixa de correio delas e deixar bilhetes...o Manobras teve uma tarefa importante aqui que nos conseguiu aproximar dos líderes locais (...) foi difícil recrutar pessoas e só funcionou bem quando recrutamos um pequeno grupo de 10 pessoas e começamos a ir pelo centro histórico...”* (Artista, 33 anos, 10pt).

As hortas funcionaram em dois espaços, a horta da Lada, na Ribeira, e outra na Vitória num terreno do Centro Social e Paroquial da Vitória. *“São dois espaços muito diferentes, o do Centro Social e Paroquial foram praticamente eles que vieram ter connosco através do*

Manobras e apresentaram-nos o espaço, o da Lada fomos nós que procuramos, e esse foi o que nos deu mais trabalho porque aquilo são dois socalcos andamos a batalhar pelos dois, e estamos à espera que nos deem aprovação formal do lote de baixo.” (Produtora Cultural, 34 anos, SPOT).

A rádio está instalada no Maus Hábitos e isso facilitou de certa forma o processo de trabalho porque é um espaço que também está envolvido em outros projetos ligados ao Manobras, *“é um sítio que já tem carga de projeto, tem uma carga ideológica quase, uma carga estética associada ao seu funcionamento, e lá temos muito fácil acesso a um circuito da cidade ou um setor de vida cultural da cidade muito específico.”* (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro).

Em geral, todos os projetos gostariam de alcançar outros espaços, para conseguirem uma relação mais próxima com o território e com as pessoas. *“Gostaríamos de ter outros espaços, porque não tem tanto a ver com locais mas com pessoas, já conseguimos um pequeno gang junto de nós e vamos apostar nas pessoas que já temos perto de nós, para nos levarem a outras pessoas e abrirem um pouco os nossos horizontes a outras histórias que estão por aí que nós não captamos na altura.”* (Artista, 33 anos, 10pt).

No que concerne às instituições envolvidas no projeto, cada um deles teve os mais diversos apoios, por exemplo, a Associação Nacional de Treinadores de Futebol que auxiliou o projeto Porto Próximo a conseguir um espaço para estabelecer a sua horta. A Casa das Brincadeiras contou com inúmeras parcerias, desde Centros Paroquiais da Sé e de São Bento da Vitória, Juntas de Freguesia, jardins de infância, atl's. O projeto Poesias Sonoras e Fado em Tempo Real teve o apoio dos músicos do PortaJazz. O Olha Lá teve o apoio da Gulbenkian, Centro de Estudos Africanos, Instituto de Sociologia, Universidade Lusófona, Porto Cultura, da Fnac, da freguesia do Bonfim, da Porto Digital, do Museu da Pessoa, da Associação dos Timorenses, de dois grupos de teatro La Marmita e Palmilha Dentada.

Ao nível dos grupos informais envolvidos, também denotamos uma grande variedade de participações, mas sempre grupos do Centro Histórico do Porto, o que reforça o intuito de cada um dos projetos de envolver as pessoas locais.

Associações locais no centro histórico, Grupo Musical Miragaia, Junta de Freguesia de São Nicolau, alguns restaurantes, as Associações Lusófonas do Porto, a Associação Mais Brasil. (Artista, 33 anos, 10pt)

O restaurante “Meia Pipa”, deixou-nos participar numa sessão de fado vadio que eles faziam, o restaurante “Irmãos Limas” cedeu-nos o espaço para

fazermos a sessão de fado vadio, o grupo musical de Miragaia também fizemos lá uma sessão de fado vadio, e o café Piolho que também tivemos uma sessão de fado. (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)

Associações culturais, desde a associação de Miragaia, até ao lar dos velhinhos. O Bernardino e a Filipa que trata mais das questões exteriores, que todos os dias vai produzindo conteúdos, vai falar hora com a Associação Casa Viva, com a Associação de Proteção dos Direitos das Mulheres que está a fazer uma ação ali, ora com a Associação Cultural e Recreativa (...) está sempre no terreno a fazer reportagem, no fundo sobre coisas que acontecem na cidade e que nós consideramos interessantes para a nossa programação e que consideramos interessante falar sobre elas. (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)

O Centro Social do Barredo e de São Nicolau tiveram interesse mas foi sempre tudo muito leve (...) quem fez o trabalho mais profundo foi o Ale e o Mathieu... (Produtora Cultural, 34 anos, SPOT)

Ao nível da participação dos atores sociais, excetuando as hortas que se destinavam exclusivamente à utilização dos moradores: *“São tudo moradores do centro histórico, na horta da Vitória são os utentes do centro social, e está dividido em dois patamares, no patamar de baixo tínhamos um grupo de mães solteiras e filhos, no patamar de cima são os meninos da creche, os idosos e as pessoas que fazem parte da Casa da Amizade, que são sobretudo sem-abrigo e gente que está a viver o rendimento social de inserção. Na horta da Lada aquilo está dividido por lotes e cada lote é para uma família, neste momento temos 6 famílias diferentes, todas do centro histórico.”* (Produtora Cultural, 34 anos, SPOT), os restantes projetos tiveram a participação de pessoas tanto do Centro Histórico como de fora. No projeto Poesias Sonoras e Fado em Tempo Real *“A publicidade com flyers e debates e falar foi mais direcionada para pessoas do centro histórico, mas apareceram pessoas de todo o lado. Não necessariamente do centro histórico mas do Porto, algumas até pelo Facebook nos enviaram poemas.”* (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)

No projeto Olha Lá *“Para a exposição de fotografia foram quase 20 pessoas, para o espetáculo de teatro juntaram-se mais 7 ou 8 pessoas, para a parte de investigação pelo menos 18 entrevistas, talvez mais, e depois as pessoas que nós retratamos na cidade foram 50 retratos diferentes, algumas repetem de um e outro sítio, e depois algumas que vieram com a família ver o espetáculo de teatro.”* (Artista, 33 anos, 10pt)

Prosseguindo a linha de análise dos objetivos a que nos propusemos, torna-se

relevante analisar as representações dos entrevistados relativamente ao envolvimento de atores locais. Uns projetos com mais participantes, outros com menos, mas em termos gerais fazem um balanço bastante positivo. Por exemplo, o projeto Poesias Sonoras e Fado em Tempo Real recebeu cerca de 100 poemas, desse número os que pudessem ser apresentados e cantados foi bastante menor, ainda assim, é um número bastante positivo tendo em conta a especificidade do projeto, tão estritamente ligado ao fado. Para o autor do projeto “*o balanço foi positivo, não foi um processo concluído, ficou em aberto, reparamos que as pessoas poderiam estar dispostas a fazer daquilo uma rotina semanal, para o resto da vida delas e achei que...ter uma iniciativa onde as pessoas podem criar poesia, só por si é espetacular, e possam criar poesia para depois ser cantada por outros (...) este envolvimento das pessoas a fazerem algo sobre o território delas, algo para elas...trata-se de envolvimento local, trata-se também de desenvolvimento pessoal porque as pessoas sentem-se mais valorizadas, trata-se de desenvolvimento de identidade local também, acho que há aqui coisas muito interessantes, que ainda não foram devidamente avaliadas, nem eu próprio consigo perceber a dimensão e o impacto que uma coisa destas pode ter, por muito breve que tenha sido, teve muito impacto porque as pessoas sentiram-se muito valorizadas, ao verem os seus poemas cantados, ou sentirem que aquilo que elas podem fazer é útil...*” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)

Hélder Sousa, responsável pela Rádio Manobras considera que “*As pessoas são curiosas e a radio tem uma grande vantagem que é um projeto bastante sexy e bastante atraente para as pessoas, só o facto de sermos uma rádio livre que não tem propriamente filtros, não tem uma grelha a que deve obedecer, não tem patrocinadores que tem de respeitar, não tem nenhuma necessidade imediata de rentabilizar publicidade... disso as pessoas vão-se entusiasmando e vão ficando com mais vontade de falar para a radio, de contar as suas historias à radio, quando digo contarem historias, mesmo historias ou reclamações, queixas, barbaridades, há de tudo, mas é mais difícil conseguir uma relação sistematizada com essas pessoas, uma relação regular que faça sentido, são mais relações pontuais, é quase uma “one night stand” com estas pessoas.*” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)

A Casa das Brincadeiras foi um espaço bastante concorrido nos dias em que esteve em funcionamento: “*tivemos as crianças da rua sempre sempre na Casa das Brincadeiras (...) Tivemos também muitas visitas, de centros que não tínhamos trabalhado com eles, um centro de deficientes, até foi comovente, foi impressionante como eles gostaram, a adesão que eles tiveram ao espaço. O centro de dia da Sé também nos foi visitar...eu acho que foi uma*

relação muito boa, uma relação muito próxima. Todos sentimos que foi uma mais-valia, foi um espaço muito bom.” (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)

Os meios para convidarem as pessoas foram bastante variados, desde a própria comunicação feita pelo Manobras, a páginas no *Facebook* dedicadas a cada um dos projetos, a contactos pessoais.

Para Miguel Pinheiro o processo foi mais difícil “*Fomos chatos...insistimos, insistimos. Os líderes locais se não tivessem gostado de nós tinham-nos criado uma barreira que não conseguíamos chegar aos outros, e foram mostrando abertura para fazer coisas. (...) Para convidar as pessoas fomos chatos, quase duas semanas a telefonar todos os dias, a passar pela loja de artesanato. Usamos tudo. Às vezes falhamos, mas foi ok, aqui não dá. Tivemos o suficiente para mostrar.*” (Artista, 33 anos, 10pt)

A Rádio foi um meio que foi crescendo, teve alguns “*momentos mediáticos relativamente interessantes no JN, no P3, uma notícia no Grande Porto, e as pessoas foram chegando até nós.*” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)

Relativamente ao processo de trabalho conjunto, ritmo e tempo em que as ações decorreram, todos os entrevistados referem o ritmo frenético em que as ações aconteceram:

Nós tivemos uma fase de instalação, técnica, que foi de agosto até ao meio de setembro, e essa fase de instalação técnica foi conseguir os meios que fui eu, a Marisa, com ajuda do António Quaresma (...) depois tivemos uma semana de trabalho intenso em que tivemos diretos de cinco horas seguidas, sempre na rua, por exemplo, foi em setembro, os dias intensos do Manobras no Porto. A partir daí instalamo-nos no estúdio e começamos este trabalho de estruturação. (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)

A sessão de escrita não é rotineiro, mas as sessões de fado vadio é normal acontecer e passar a mensagem que aquelas sessões de fado vadio tinham um propósito diferente, que era aberto a toda a gente, mas que o propósito era cantar poesia sobre o Porto, não foi muito fácil, muita gente ia lá como sendo uma sessão de fado vadio normal e se fosse preciso cantavam poemas sobre Lisboa, não era bem esse o objetivo, era direccionar o trabalho para dedicar ao Porto, e senti alguma dificuldade mas à medida que...chegamos à última sessão e as pessoas tiveram um pouco mais de consciência do que é que estavam ali a fazer, e participavam bastante bem, tivemos cada vez mais pessoas e cada vez mais consciência do que era o trabalho. Tivemos 4 sessões de fado vadio e 4 sessões de escrita. (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)

Uma maluqueira, tivemos a casa em fins de junho, tivemos de requalificar

a casa, de garantir que ficava em condições, e depois nas oficinas tivemos intervenção de artistas, 6 artistas diferentes com a gente local, e depois os 4 promotores do projeto fazíamos oficinas baseado na intervenção dos artistas para a construção dos brinquedos-artefactos que iam para a Casa das Brincadeiras, isto foi tudo em simultâneo. (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)

Foi junho, julho, agosto e setembro, mas agosto aconteceu pouco, foi mais ao nível da produção interna. Posso dizer à volta de 3 meses de envolvimento, a dinâmica foi inconstante, houve um atraso imenso para a primeira tranche de dinheiro chegar, o que provocou uma interrupção muito forte na nossa equipa, houve gente que saiu do projeto simplesmente porque não recebia dinheiro. E eu não podia fazer melhor, o dinheiro não vinha, não vinha. Houve coisas que funcionaram bem enquanto puderam funcionar, outras pararam enquanto tiveram que parar, foram 3 meses de ora para, ora temos de fazer tudo agora, e no final criou-se um ritmo de trabalho mais normal, mas foi difícil. (Artista, 33 anos, 10pt)

O primeiro trabalho que tivemos era de limpeza do espaço e de marcação dos lotes e esse foi muito divertido, foram os primeiros dias e em que vimos o interesse dos utentes (...) A maior parte das pessoas são desempregados, com o rendimento social de inserção, e então eles passam muito tempo lá, muito!, e aquilo cresceu imenso, e mesmo para surpresa dos próprios utentes, foi uma coisa maravilhosa...começamos em outubro e já levaram varias vezes coisas para casa, mas eles passam lá muito, muito tempo, dia sim, dia não, vão regar, estar... (Produtora Cultural, 34 anos, SPOT)

Questionamos os nossos entrevistados acerca das relações estabelecidas durante as sessões, pretendíamos saber se em alguns dos casos existe uma relação fora do projeto. Miguel Pinheiro, que esteve em contacto direto com as pessoas e com o território responde afirmativamente: *“Existe, porque o Olha Lá continua, terminou a parte intensa, de criação e de tudo mais mas continuamos a ter uma relação com as pessoas, vou jantar aos restaurantes das pessoas, conversamos (...) algumas pessoas que vamos encontrando sim, não posso dizer que somos amigos íntimos e jantamos todas as semanas, mas com algumas pessoas criou-se uma relação boa que tomáramos nós ter condições para continuar o projeto.” (Artista, 33 anos, 10pt)*

Hélder Sousa da Rádio Manobras afirma que *“A nossa relação com as pessoas é relativamente fácil porque nós não estamos a vender um projeto artístico (...) a nossa relação com as pessoas é muito este processo de sedução para que elas possam e encarem a rádio*

como uma arma se quisermos ser mais ativos, mais revolucionários quase, a rádio como uma arma para falar daquilo que preocupa a cidade.” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)

No projeto das hortas criaram-se grandes empatias e rotinas diárias: *“Foi uma relação que foi evoluindo, fazemos sementeiras comuns e passamos de uns para os outros, a parte do comunitário...”* *“se eu não sei pergunto ao do lado”* *...eles começaram todos a fazer isso, há gente que sabe mais, há gente que sabe menos, e estão sempre a entreajudar entre eles. Passaram a conhecer-se, temos o domingo comunitário em que nos juntamos para olhar para as coisas...para fomentar a relação de toda a gente...”* (Produtora Cultural, 34 anos, SPOT)

Para Ricardo Pons fica a sensação de que não deveria ter acabado: *“As pessoas perguntam quando é que ia haver mais, e as pessoas passavam no Maus Hábitos, depois ao final fizemos um bruching, passavam a perguntar quando é que se ia fazer alguma coisa e tal, mas...este projeto...chegou a hora de acabar o projeto, uma pessoa também desliga do projeto. Mas se nós quiséssemos tínhamos continuado, e cada vez mais porque foi um movimento fantástico, foi em crescendo sempre, chegamos às últimas sessões e tivemos muita gente sempre.”* (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)

Todos estes projetos vão ter continuidade no ano de 2012, na segunda fase do Manobras, questionamos os nossos entrevistados quais seriam as estratégias para a divulgação e ampliação das ações para este novo ano, uma vez que ao nível da comunicação denotamos que foi bastante tardia, o que prejudicou em termos de um maior envolvimento das pessoas. Praticamente só quando as coisas começaram a acontecer é que se percebeu que existia o Manobras:

Todas as que conseguimos, não conseguimos a televisão, mas vários jornais nacionais, conseguimos ter rádios nacionais também, rádios lusófonas, houve uma entrevista para a Rádio Moçambique, houve um diário de Cabo Verde, um jornal no Brasil também que publicou, nos estados unidos também, a nível local houve os jornais também, internet, o sítio, o blogue, o Facebook, essas coisas, tudo o que dava. Alguns cartazes também...apostamos num contacto mais direto ou virtual. Fomos também ao Porto Canal. (Artista, 33 anos, 10pt)

Alargar o prazo das ações, as ações não se concentrarem num mês só, mas concentrarem-se num período mais alargado faz com que a ideia se espalhe mais, com que as pessoas ponderem mais o que estão a fazer e que isso integre durante mais tempo algumas rotinas o que pode dar origem a um hábito mais forte e pode fazer com que...sendo a presença mais forte durante um

determinado tempo fazer com que as coisas não esvançam tão facilmente.

(Músico, 29 anos, Maus Hábitos)

Uma das novidades para 2012 no projeto da Casa das Brincadeiras é *“uma roulotte e vamos transforma-la em Casa das Brincadeiras, ou seja, indo ao encontro das pessoas. É um espaço transformado em espaço lúdico, e vamos correr as 5 freguesias com conversas, sobre o tema, sobre a ludicidade, a intervenção local, intervenção social...”*. (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)

A Rádio contínua instalada no Maus Hábitos, tendo uma estratégia muito bem definida *“mais do que mandar e-mails, bater à porta das pessoas para elas virem ter connosco, passa por levar a rádio até às pessoas e temos feito isso, temo-nos instalado em associações culturais para fazer os programas da tarde, temo-nos instalado em cafés, temos ido ao encontro de associações e fazer programas lá sobre outras coisas ou sobre elas também. Isto faz com que as pessoas conheçam mais e percebam que é fácil, é acessível usar este meio como meio de comunicação.”* (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)

Outro do nosso enfoque analítico foi tentar perceber qual o balanço que os entrevistados fazem da primeira fase de manobras. De uma maneira geral todos fazem um balanço positivo. A Rádio teve como aspeto menos positivo a maior dificuldade para chegar às pessoas. Para Ricardo Pons (Poesias Sonoras e Fado em Tempo Real) a ação deveria ter-se prolongado no tempo, da mesma opinião é Miguel Pinheiro (Olha Lá) que também considera que ficaram muitas coisas por fazer, perspetivando para este ano uma melhoria substancial: *“O balanço foi bom, na altura já ficaram muitas coisas por fazer, havia um montão de coisas que podíamos ter feito mais. E agora é aproveitar esta segunda fase e estamos numa situação melhor agora do que no ano passado, no ano passado estávamos às escuras, agora temos um candeeiro, não temos um holofote, mas temos um candeeiro que nos serve de guia para algumas coisas que fizemos.”* (Artista, 33 anos, 10pt)

Quando questionamos sobre as maiores dificuldades sentidas, as respostas são bastante diferentes. Para Miguel Pinheiro o que mais dificultou foram os recursos financeiros, apesar disso, considera que já foi bastante positivo os resultados que conseguiram alcançar. *“A limitação maior que nós encontramos foi recursos, porque com recursos poder-se-ia ter tido mais gente a trabalhar de forma seria. Mas já acho que foi muito bom termos o que tivemos, mas dava para fazer muito mais se houvesse uma cooperativa, em que em grupo se tentasse ir buscar outro tipo de apoios, de forma a que não fosse tão fragmentado, não fossem sempre os mesmos a irem buscar as mesmas coisas, então ai se calhar seria mais fácil fazer algo ainda*

maior.” (Artista, 33 anos, 10pt)

Para Ricardo Pons, e um pouco em linha com o que Miguel Pinheiro diz, considera que sem recursos financeiros não se conseguem realizar os projetos, por muito que haja boa vontade das pessoas e voluntariado: *“este género de coisas não pode haver se não existir financiamento, porque não havia fins lucrativos. As sessões de fado vadio eram livres para quem quisesse entrar, não havia consumo obrigatório nem nada (...) Mas há músicos que têm de ser pagos, pessoas que têm de fazer anúncios e que também têm de ser pagas e o projeto teve de acabar.”* (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)

Na Casa das Brincadeiras *“A maior dificuldade foi o tempo, foi muito curto, desde o princípio da casa até à abertura, foi o tempo, foi a coisa mais complicada para nós, de resto acho que correu tudo muito bem, não digo exatamente como pensamos ou tal e qual, mas também não temos as coisas pré-formatadas, temos a ideia, a forma como vamos funcionar e depois depende muito do público que aparece. Tivemos uma equipa de monitores enquanto a casa esteve aberta que foram fundamentais...acho que foi tudo muito bom, para nós, o processo e a forma como funcionou foi muito bom.”* (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)

No que concerne ao que os entrevistados consideram que há para melhorar, para Inês Guedes (Casa das Brincadeiras) *“O que continua a ser mais difícil é como é que nós chegamos às pessoas e como é que nós conseguimos captar o interesse que as pessoas possam ter em vir participar na própria construção, não é fácil...mas demos os primeiros passos, temos a vantagem de termos o que aconteceu no ano passado, e as pessoas já conhecerem alguma coisa.”* (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)

Para Miguel Pinheiro *“o que pode melhorar é conseguir passar mais tempo com as pessoas...quando acabamos varias pessoas me disseram “e agora? O que é que vocês estão a fazer? Não vão continuar a fazer mais?” ...Não temos mais dinheiro não podemos fazer mais nada...portanto o que pode melhorar é mais tempo com as pessoas, mas estar mais tempo com elas implica um trabalho continuado ao longo do tempo e isso necessita de recursos que sejam de varias naturezas...”* (Artista, 33 anos, 10pt)

Nas hortas *“Acho que faltou a comunicação, e é um tema que estamos a tratar (...) nós achamos que a rede é muito importante e existem já algumas redes e nós não queremos estar a criar redes paralelas porque só vai estar a dispersar a informação em vez de a concentrar, e o nosso interesse é pormo-nos dentro das redes existentes e dar-lhes visibilidade a todas.”* (Produtora Cultural, 34 anos, SPOT)

Ricardo Pons considera que se deve *“Começar mais cedo, fazer mais sessões de*

escrita, e tentar de certo modo criar um hábito na comunidade para que eles por si consigam aproveitar. O que era interessante mesmo, mas isto é uma opinião, não sei se é pessoal mas talvez seja partilhada por muita gente era fazer um movimento de fado no porto que não fosse igual a todo o lado. Que as pessoas fizessem poesia sobre o Porto, que tentassem ter um estilo mais próprio a tocar, isso é que era interessante! Isso é o meu...vá lá...a minha intensão mais pessoal, mais oculta. (...) Vai melhorar o envolvimento das pessoas porque queremos fazer com mais calma e com mais tempo. Mais pessoas, mais tipos de pessoas e mais envolvimento e melhor envolvimento também.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)

Nesta parte atentamos para o facto de as ações necessitarem de mais tempo, de uma melhor divulgação, para que o impacto seja ainda maior. De facto, essa foi uma das falhas do Manobras em 2011, o pouco tempo para as coisas acontecerem, a fraca divulgação. Um dos aspetos referidos também na entrevista nº1, refere que o facto de se tentar inserir num território um pouco fechado como é o do centro Histórico do Porto também dificultou uma maior proximidade, porque sente que é um território que *“está um pouco amargurado com experiencias passadas”*, (Coordenadora conteúdos, 32 anos, Opium), que não correram bem, e por isso, demonstraram alguma desconfiança perante esta aproximação. Para 2012, e com uma experiencia diferente, espera-se que o impacto na comunidade seja maior, com mais participação, isto também acontece pois as ações já não estão a pisar terreno desconhecido, e nos locais já ficaram marcas do ano anterior. Portanto, neste aspeto só se podem esperar melhorias substanciais.

Encontramos outros quadrantes de análise relevantes quando questionamos os nossos entrevistados acerca de quais consideram ser as virtualidades do projeto. E todos eles apontam mais uma vez para a qualidade intrínseca do festival e dos próprios projetos, isto é, envolver pessoas, tornar possível a participação democrática dos indivíduos, denota-se que há uma clara abertura dos artistas para com os participantes, estas ações preconizam a partilha de todos os envolvidos, numa espécie de laboratório onde se ensaiam as mais diversas formas de arte e de criação. Permitindo a criação e a exploração da herança cultural de cada um. A reabilitação urbana de espaços vazios é também um dos pontos fortes de alguns dos projetos, por exemplo do Porto Próximo e da Casa das Brincadeiras, esta reabilitação por via da cultura e da criação não deve ser vista como um fim em si mesma, mas importa aqui assumir esta reutilização como um catalisador que dê visibilidade a outros espaços na mesma condição, abandonados e degradados para que possam também estes serem palco de transformação e de reativação, e faze-lo a partir do desenvolvimento do campo artístico local promovendo a

ativação do espaço público, acessível ao cidadão comum. Esta exposição vai de encontro à linha de hipóteses por nós construída, no sentido em que estas ações e o festival Manobras no seu todo parece ter capacidade para reavivar elementos degradados na paisagem urbana, no sentido em que algumas delas visam a utilização de espaços públicos degradados e abandonados, através da intervenção da comunidade no espaço público.

As pessoas, trazer as pessoas para contarem a vida deles...fazer com que essas pessoas possam chegar aos outros e teres comentários de vários sítios do mundo a dizer que isto como trabalho artístico vale muito. (...) e o espetáculo não é só um espetáculo de teatro, é um espetáculo que recupera as vozes daqui, e qualquer sitio onde ele passasse, leva as vozes daqui e isto é bestial! Nós temos as pessoas, damos a possibilidade de saírem para fora e quando conseguimos ser bem-sucedidos conseguimos criar um produto que no final é bonito. (Artista, 33 anos, 10pt)

É o facto de ocuparem um espaço vazio, dar ocupação às pessoas, a proximidade com a terra, e o que é que isso traz de bom, não só a nível económico mas também a nível mental, a nível psicológico...acho que é ótimo, há tantos espaços vazios, no centro da cidade, com vistas maravilhosas estão fechados e vazios... (Produtora Cultural, 34 anos, SPOT)

Prazer, felicidade e alegria que aquilo deu às pessoas, das coisas mais interessantes foi o sentirmos que aqueles meninos que estavam na rua passaram a estar dentro da Casa das Brincadeiras (...) foi a capacidade que tivemos de misturar públicos, tanto os meninos da zona histórica como famílias, como pais e filhos, como escolas...foi a abertura a outras coisas, porque durante os dias do Manobras tivemos outras atividades, tivemos contos encenados, uma projeção de cinema de animação, concerto, varias coisas, não ficou só fechado ali... e acho que foi um espaço para toda a gente, para todas as idades, às vezes víamos pessoas que achavam que já não tinham idade para brincar e depois saiam de lá felicíssimas, e acho que termos conseguido encontrar um local no Porto que as pessoas têm para brincar e para interagir e para criar foi conseguido. (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)

Utilizamos muitos poemas de poetas populares do Porto que nos forneceram e também alguns do dinamizador, queríamos utilizar muito mais poemas das pessoas que participaram, das pessoas que não eram poetas mas que participaram e aqui os objetivos não foram tao bem alcançados, mas fazer musica, fazer fado à moda do Porto conseguimos porque as pessoas adoraram, misturar fado

com outros instrumentos o que seria impensável, as pessoas reagiram muito bem a isso. Agora o objetivo de se criar um hábito de as pessoas fazerem poesia sobre o Porto e tocarem de uma forma diferente, esse é um objetivo subjetivo subjacente ao projeto mas não está lá escrito, esse objetivo não foi realizado, mas no fundo não foi um objetivo proposto...direto. (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)

É um meio de comunicação aberto, fácil e rápido e praticamente impossível de censurar, ser mecanismo único, um mecanismo de comunicação que não depende de quem o recebe, que depende exclusivamente de quem o transmite, não precisas de fazer nada para ouvir a rádio, só tens de ter um rádio. Não tens de pagar, é fácil. E depois esta capacidade, que também a tecnologia nos permite de sermos altamente portáteis e de nos podermos aproximar muito das pessoas, ou seja, estas características fazem com que a radio seja uma ferramenta poderosíssima de comunicação dentro da cidade. (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)

Quando abordamos os entrevistados relativamente ao facto de sentirem se existe reconhecimento das pessoas, constatamos rapidamente uma resposta afirmativa. De facto, todos os entrevistados sentiram um feedback bastante positivo dos atores sociais envolvidos nas ações, indo de encontro a outra das hipóteses por nós levantadas: estas ações representam um reforço da participação local, da cidadania.

Claro, eu sou a engenheira Joana! (risos) Nem sequer sou engenheira mas pronto...é bom, porque eles têm todos muito respeito por nós e fazem as coisas conforme nós lhes pedimos. Existe muita proximidade. (Produtora Cultural, 34 anos, SPOT)

Sinto à sua medida, mas foi muito rápido...foi um flirt de verão. É isto que eu sinto, foi bom, sinto o reconhecimento mas também um bocadinho de frustração nossa e deles porque é difícil...tivemos coisas muito pessoais a serem reveladas para nós...de uma forma castiça pela forma como as pessoas se davam a nós, mas é como tudo... (Artista, 33 anos, 10pt)

Gostava de sentir mais, mas daquelas que nos ouvem sim. (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)

Completamente. Tínhamos um livro se as pessoas quisessem escrever alguma coisa, e é impressionante o que eles dizem lá, é muito bom. (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)

Sim, sim, no final recebi muitos abraços, muitos obrigados, a dizer que foi a

melhor coisa que aconteceu...foi muito giro. O objetivo era envolver as pessoas, num processo em que elas pudessem criar, e que depois a criação delas fosse partilhada e fosse também utilizada por músicos, e isso foi completamente cumprido. (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)

Relativamente à questão ao objetivo de percebermos a que atores sociais estas ações não conseguiram chegar, as respostas são diversificadas, no projeto Olha Lá, o entrevistado refere que para conseguir alcançar um pequeno grupo de pessoas teve de falar com muitas pessoas. Para o projeto Porto Próximo o objetivo é conseguir chegar aos produtores, para conseguir criar um pequeno mercado de produtores locais a partir dos produtos das hortas, permitindo a criação de pequenas ligações entre diversas partes.

No projeto Poesias Sonoras e Fado em Tempo Real, o público *“foi muito centrado na comunidade de fado, se calhar 80% dos participantes foi a comunidade de fado que se entretém a ir às sessões de fado, uma população um bocadinho mais idosa, 55, 60 anos para cima, foi a maior parte das pessoas que conseguimos ter como clientes habituais e, pronto...”*. (Músico, 29 anos, Maus Hábitos), mas pretendem generalizar as ações para um ao público mais diversificado, porque apesar de ser uma ação em que a matéria-prima de base é o fado, fazem o fado de uma forma diferente.

Já na Casa das Brincadeiras, o público foi bastante diversificado: *“tivemos gente local, gente mais afastada, estrangeiros, escolas, visitas marcadas, instituições do ensino superior (...). Acho que foi muito rico para todos nós.”* (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)

Em linha com a questão anterior, continuamos a nossa análise no domínio dos públicos e de como os entrevistados perspetivam estabelecer novas ligações com os participantes numa nova fase de Manobras no Porto, para a rádio é essencial *“uma presença maior no território, e conseguirmos parcerias estratégicas na cidade para que a rádio seja de facto ouvida.”* (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)

Em relação ao Olha Lá, *“Este ano vamos de encontro à mulher (...). A ideia é criar uma serie de estímulos (...). Acho que pode ser mais concreto do que no ano passado, porque foi de uma abstração bastante grande este ano podemos chegar um pouco mais fundo, até porque a correr bem teremos mais tempo.”* (Artista, 33 anos, 10pt)

Para Ricardo Pons é essencial *“Alargar o prazo das ações, as ações não se concentrarem num mês só, mas concentrarem-se num período mais alargado faz com que a ideia se espalhe mais, com que as pessoas ponderem mais o que estão a fazer e que isso*

integre durante mais tempo algumas rotinas o que pode dar origem a um hábito mais forte e pode fazer com que...sendo a presença mais forte durante um determinado tempo fazer com que as coisas não esvançam tao facilmente.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)

No que concerne à possível autonomização dos projetos depois do Manobras no Porto, no que diz respeito às hortas, Joana Lima considera que é importante existir uma estrutura que regule e monitorize o funcionamento das hortas, apesar de toda a liberdade que é dada para a discussão de ideias e propostas, neste caso a S.P.O.T. Da mesma maneira pensa a criadora da Casa das Brincadeiras: *“Completamente sozinha não consegue, porque uma das coisas boas do Manobras e da Casa das Brincadeiras é ser gratuito, não há essa barreira, e isso é uma coisa que nós queremos manter, se não houverem fundos de algum outro lado não é possível manter-se isto.”* (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras). De facto os entrevistados realçam a importância da questão financeira para a continuidade dos projetos.

Pode, através da participação coletiva. (...) Podes gerar um entusiasmo de cidade em que as próprias pessoas podem tornar a cidade em algo apelativo (...) Se conseguirmos fazer com que estes projetos possam se sustentabilizar de várias maneiras...vai ser sempre necessário financiamento, é como para as escolas é como para tudo! Se conseguires fazer varias ações em que tens produtos que possam ser vistos, em que crias linhas de ação com as pessoas, em que dinamizas a cidade e crias uma outra vibe na cidade, a cidade ganha, e ganham as pessoas que habitam na cidade. Cada vez mais...não quero soar arrogante, não sei mais que ninguém mas cada vez mais a arte depois de um período em que se desligou muito tanto da realidade como da parte concreta...a nível dos vários ramos artísticos, tornou-se burguesa, intelectual, abstrata, Tudo! Mas cada vez mais, no mundo em que estamos cada vez mais para conseguires fazer ações tens de pedir ajuda do teu vizinho, cada vez mais acho que vai ter de tomar este caminho, agora com o financiamento coletivo, “crowdfunding”²⁶ se não envolveres pessoas, podes estar dentro daquele ciclo vicioso que é aqueles que recebem sempre mais recursos que os outro, se calhar vai sempre haver...mas todos os outros que querem vão ter de provar que têm ou uma grande ideia e que podem concretizá-la, ou então vai ter de ir buscar ajuda do vizinho do lado, e este tipo de participação, cada vez mais, vejo isto acontecer. (Artista, 33 anos, 10pt)

A partir do momento em que é preciso envolver as pessoas sem fins

²⁶ *Crowdfunding* é uma forma simples e recente de angariação de capital para iniciativas de interesse colectivo através da agregação de múltiplas fontes de financiamento, em geral pessoas físicas interessadas na iniciativa. www.ppl.com.pt

lucrativos é preciso ter uma entidade financiadora. Estimular as pessoas a fazerem algo de diferente, estimular as pessoas a escreverem poesia e depois pode ser que elas por si próprias, em vez de irem ao fado vadio cantarem o poema que a Amália cantou há 30 anos cantem um poema feito por si, que ganhem gosto nisso e que eventualmente músicos de outras áreas possam interessar-se pelo fado e começar a fazer fusões e haverem mais concertos, esse é...é a minha perspectiva ou o meu desejo para que o projeto continue por si só. (...) Trabalhamos com os melhores profissionais, e não descemos os padrões de qualidade...não sei, tem mesmo de haver financiamento. (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)

É uma questão legal que nós funcionamos num quadro legal provisório e temos de fazer várias démarches e várias parcerias e alguma pressão política também para conseguirmos um processo de legalização. (...) Resolvida esta, temos a questão financeira, que é preciso pagar a pessoas para trabalhar nisto a tempo inteiro ou então conseguir um conjunto brutal de pessoas que disponibilizem uma parte do seu tempo voluntariamente para trabalhar nisto. (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)

Prosseguindo a nossa linha de análise, atentamos agora às representações dos entrevistados relativamente a qual consideram ser a interpretação que o Porto fará do Manobras no Porto em seu benefício. Das respostas obtidas, e como já tínhamos referido anteriormente, é de salientar o aspeto negativo em relação à política de comunicação do próprio Manobras:

O Manobras falhou incrivelmente no timing de divulgação, fê-lo muito tarde, de forma pobrezinha...o Manobras passou quase despercebido. Não foram 3 pessoas ver o Manobras, foi muita gente, mas para aquilo que foi feito não houve público...o público não foi ensinado, não foi bem dirigido para lá... (Artista, 33 anos, 10pt)

A maior parte das pessoas do Porto não perceberam que houve Manobras, foi um nicho um bocado mais local, as pessoas dos sítios onde aconteceu aperceberam-se um bocado melhor, e...aquilo que a cidade pode fazer é perceber que projetos que integrem as pessoas verdadeiramente (...) envolver as pessoas na produção cultural, e haver uma mistura um bocado maior entre os profissionais e as pessoas que gostam do que os profissionais fazem, pode ser interessante. (...). (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)

Acho que a comunicação do Manobras não funcionou, e que por isso o público não aderiu como poderia ter aderido, e acho que isso é uma pena (...)

Acho que é bom, que é importante, mas acho que tem de ser mais noticiado, mais mostrado, porque incidiu cirurgicamente em alguns sítios, mas o geral...acho que há muita gente que nem sequer sabe o que é o Manobras... (Produtora Cultural, 34 anos, SPOT)

Salientam as capacidades do projeto e da ideia implementada, é possível haver mais produção cultural em termos de quantidade, envolvendo as pessoas. Qualquer evento que envolva gente e instituições da cidade é sempre algo de positivo. Isso promove desenvolvimento local, promove desenvolvimento pessoal, promove o bem-estar dum local.

Se bem divulgado acho que pode ajudar aquela união de recursos, porque há pessoas que vão gostar de fazer isso, há pessoas que vão gostar de ter o nome deles associado a uma iniciativa deste género, há pessoas, entidades, empresas, etc. é turismo feito a partir das pessoas! E não turismo a partir duma superfície, se for feito dessa maneira acho que o Porto vai adorar o Manobras. (Artista, 33 anos, 10pt)

Acho que pode retirar aquilo que já retirou de projetos relativamente equivalentes, comparar o mesmo território, a cidade pode perceber que faz sentido existirem ações que atuem na cidade, neste território do centro histórico, da Baixa ou do centro do Porto, que valorizem aspetos da cidade ou visões da cidade ou rotinas ou narrativas da cidade que não são valorizadas pelos meios mais comuns. (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)

Na última questão relativa à perspectiva dos entrevistados de como se poderá montar um modelo de cooperação entre diversos agentes que viabilize a perduração dos projetos, percebemos pelas respostas obtidas que os apoios financeiros são fundamentais para que se fomenta esta rede entre criadores, artistas, público, direção artística, instituições locais. Ana Pedrosa espera que “algumas acções continuem (...) as hortas continuaram para além de 2011 com uma naturalidade que não foi preciso o Manobras estar a puxar por elas, e estariam acontecer se não estivéssemos a renovar um novo ciclo de ação (...) os projetos mais complicados são aqueles que não estabelecem um modelo de subsistência, e os projetos de criação pura estão muito habituados a funcionar num sistema em que há um subsidio e um promotor, e têm mais dificuldade em sair desse sistema.” (Coordenadora Conteúdos, 32 anos, Opium)

Para Ricardo Pons reforça a ideia de que é necessário financiamento e apoio neste tipo de ações: “ (...) a partir do momento em que há canais de financiamento que permitem haver

concertos pelo menos dados às pessoas em que as pessoas não têm de participar vai sempre existir, não quer dizer que isso seja mau mas, tem que haver mais...o Manobras abre um projeto, abre uma filosofia: queremos agentes que participem nessa filosofia e tiveram agentes. Tem de haver uma entidade que diga: queremos trabalhar assim, queremos pessoas para cooperar connosco, e vamos fazer as coisas. É simples.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)

Miguel Pinheiro é da mesma opinião: *“Precisamos de dinheiro para funcionar, á outras coisas que não precisam de dinheiro para funcionar... De que forma é que isto pode ser feito? Dás-me uma coisa eu dou-te uma coisa que tu queres, vamos é sentar-nos para falar...os grandes têm poder de argumentação, nós mais pequenos temos um poder de argumentação menor...se queres fazer a nível de cidade não sei, mas a ideia deve ser sempre a mesma.” (Artista, 33 anos, 10pt)*

No caso da rádio *“a nossa forma de viabilizar a rádio é básica, associarmo-nos a instituições chave da cidade do porto, escola de comunicação social e eventualmente uma ou outra instituição cultural que por um lado nos deem suporte financeiro (...) provavelmente a única via de sobrevivência da rádio no futuro, e depois do ponto de vista de financiamento a nossa estratégia passa também por uma coisa que agora está na moda...”crowdfunding”, uma espécie de caridade não católica, no fundo, pedir dinheiro às pessoas para a sustentabilidade do projeto. (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)*

O caso das hortas é um pouco diferente, porque conseguiu alcançar e está a aumentar a sua rede de cooperação, e perspectiva continuar autonomamente depois do Manobras.

Nós temos interesse em que as coisas funcionem e nós lutamos para que elas funcionem mas até onde é viável. Se conseguirmos reunir as condições para que isto funcione, e daí a parceria com a Lipor e com a Câmara começa a ser importante, porque se houver aqui uma abertura grande da parte da câmara para nos ceder os terrenos, se a Lipor estiver disposta a entrar com a monitorização, nós aí podemos pensar numa forma de conseguir o apoio a nível de ferramentas e de materiais e ir expandindo este leque de hortas, mas se estas condições não se forem juntando e não funcionarem nós temos de continuar o nosso caminho por outros lados. (Produtora Cultural, 34 anos, SPOT)

Existem capacidades que vão ficar nas pessoas depois do Manobras, a ligação ao território foi feita, será importante continuar essa relação, manter essa ligação e criar novas, para que não se perca o que se conseguiu alcançar nestas duas fases do Manobras.

Acho que nas coisas não há duas vezes iguais, não há duas situações iguais...acho que o mais importante é conhecer-se coisas que funcionaram, que tiveram resultado e tentar adaptar, criando cumplicidades entre as pessoas. Acho que é através das parcerias e do conhecimento que se vai tendo, acho que o Manobras é fantástico nesse aspeto porque permitiu muitos projetos e muitas ideias que existem. (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)

O que se pode fazer é criar rotinas nas pessoas e, eventualmente fazer com que isso seja uma necessidade, e as necessidades...havendo necessidade há quem queira colmatar essa necessidade, são as leis do mercado, há procura, há oferta, em relação ao meu projeto não havia necessidade de as pessoas ouvirem fado com outros instrumentos, não havia necessidade das pessoas escreverem poemas sobre o Porto...nós fizemos algumas sessões, talvez as pessoas ficassem com um pouco de mais vontade, não foi o suficiente para particulares tarem a dar essa...dar esse produto, venderem esse produto, eventualmente se isto se prolongar mais no tempo com financiamentos e coisas assim do género e com vontade de se fazer independentemente das consequências, se é rentável ou não, talvez as pessoas depois criem rotinas que por ela própria, a sociedade depois também faça com que isso aconteça dado que é uma necessidade, sabes melhor do que eu como é que essas coisas funcionam. Se as pessoas quiserem alguém há-de vender. (Artista, 33 anos, 10pt)

Concluindo, encontramos evidências que as ações foram bem-sucedidas. Consideramos que a importância das atividades culturais como catalisador da valorização económica e identitária das cidades está bem patente no discurso dos entrevistados. O que corrobora os nossos objetivos iniciais: a cidade assume-se como um palco privilegiado de afirmação cultural e identitária, sendo o Manobras um festival que poderá potenciar a transformação da imagem e vivência da cidade a nível local através de uma participação ativa dos habitantes da cidade. O Manobras assumiu-se em alguns casos como uma plataforma de apoio a estas ações e que possivelmente terão continuidade depois do evento.

O uso de espaços abandonados e inutilizados pela cidade promove a recuperação física desses espaços, reavivando desta forma elementos ameaçados pelas paisagens urbanas. Consideramos que estas ações promovem o reforço da cidadania, dos laços entre os

diversos intervenientes, e para além da dinamização económica subjacente promove a renovação identitária e imagética dos espaços urbanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização deste estudo sentimos que alargamos o nosso saber sociológico referente a um campo bastante específico da Sociologia, no caso a Sociologia da Cultura. A temática do nosso estudo está centrada no papel da cultura como ferramenta de regeneração urbana e de transformação da imagem e vivência da cidade a nível local, por via de um contexto muito particular como é o do Manobras no Porto.

Como tal, consideramos que a quantidade e qualidade do capital humano de um país tem vindo a definir os parâmetros de sucesso de cada lugar, e portanto, a aposta na cultura e na criatividade como meio que envolva a comunidade local está a ser cada vez mais reconhecida como um eixo chave de crescimento económico, essa capacidade diferenciadora de cada cidade despoleta para novas oportunidades de crescimento. A preservação e afirmação de identidades por via da cultura é entendida por nós como sendo essencial na promoção da qualidade de vida e bem-estar da população, nessa qualidade as atividades culturais não devem ser vistas como um fim em si mesmas mas também como um meio de promoção do desenvolvimento.

A cultura não depende de nenhum recurso limitado, depende apenas do capital intelectual e da criatividade. É o setor que representa maior potencial no que concerne à criação de emprego, temos os jovens mais qualificados de sempre, com enormes capacidades e competências profissionais, dispostos a ocuparem novos perfis profissionais.

Nessa medida, “ (...) importa que *as imagens de cidade* ou *as imagens territoriais* associem as estruturas culturais e simbólicas aos processos de desenvolvimento, caso contrário serão meros invólucros, retóricas de *marketing* ou efeitos especiais...Uma boa forma de motivar para este desiderato consiste, desde logo, na visualização e compreensão da íntima ligação existente entre setores criativos, a fixação e atração de população, a consolidação de identidades, o combate a velhas e novas formas de exclusão social, a disseminação de práticas inovadoras, a criação sustentada de emprego e a qualificação dos tecidos empresariais e dos próprios recursos humanos” (Lopes, 2008, p. 26).

Ao longo do presente relatório apontam-se as principais conclusões extraídas da análise do estudo de caso e podemos assumir o setor cultural como um meio preponderante para o crescimento económico e coesão social. As políticas públicas relacionadas com as indústrias culturais têm tido um papel fundamental para o crescimento do setor, no entanto, consideramos que as bases estão lançadas para que os projetos possam subsistir de forma

autónoma.

O setor cultural e das indústrias criativas já demonstraram ter capacidade de gerar emprego, de desempenhar uma alavanca social e económica, numa altura em que atravessamos grandes dificuldades, e que vivemos uma crise internacional. Este pode ser o caminho a seguir, uma via alternativa para potenciar valor económico, fazer crescer as cidades, e acima de tudo criar coesão e identidade entre as suas gentes. A cultura é o elo de ligação entre os indivíduos. A aposta nas atividades culturais envolvendo os cidadãos consolida o sentido de pertença e de cidadania. Se cada um sentir que faz parte do território mais envolvimento terá com a sua comunidade, a rede de relações será mais forte, potenciando aquilo que é local.

A partir destas nossas considerações e intenções decidimos realizar este estudo, por forma a cumprir os objetivos a que nos propusemos. Desta forma, propusemo-nos perceber quem são os protagonistas da cidade em manobras, sendo possível concluir que estes protagonistas são instituições, grupos informais e sobretudo habitantes do Centro Histórico do Porto, e embora não esgotando todo o alcance possível das ações analisadas o balanço de 2011 é bastante positivo, porque apesar de ter falhado a esfera mediática destas ações, o objetivo primordial de envolver a comunidade foi largamente cumprido. Após se evidenciarem algumas dificuldades para chegar às pessoas e de integração na cidade do Porto o Manobras já não se configura como um corpo estranho, portanto, para esta nova fase só se perspetivam resultados ainda mais positivos.

Outro dos nossos objetivos foi o de procurar compreender de que forma a cultura pode ser usada como vetor de participação ativa da comunidade, ou seja, de que forma um festival como o Manobras pode estimular o envolvimento dos habitantes da cidade. Na prossecução deste objetivo concluímos que apesar da dificuldade para chegar às pessoas, e do tempo ter sido escasso, criaram-se relações bastante fortes entre os criadores e os participantes, e portanto, os primeiros passos foram dados, as pessoas já conhecem alguma coisa. E de facto, a pertinência destes projetos passa por dar algo às pessoas, e o reconhecimento que elas têm no final das ações, querendo dizer que estas ações foram importantes, bastante gratificantes, e que como no caso das hortas, por exemplo, deu-lhes um novo sentido, uma nova forma de ocuparem o seu tempo. Consideramos que pelo impacto que estas ações tiveram podem representar um reforço de cidadania, de coesão social e territorial.

Neste sentido, “A elaboração de projetos culturais, tantas vezes voluntaristas e desenquadrados, deve começar com um verdadeiro diagnóstico sociocultural e acabar com um

trabalho serio de avaliação devendo, em ambos os momentos, suscitar-se a participação ativa dos destinatários. O fontismo cultural, ainda tão vincado, tem de aliar à infraestruturação a preocupação qualitativa com os programas culturais, a excelência técnica do equipamentos e dos recursos humanos e o seu enraizamento territorial/local/comunitário” (Lopes, 2008, p. 25). De facto João Teixeira Lopes foca aqui um dos aspetos centrais da nossa abordagem, o envolvimento local, mas um envolvimento pensado e estruturado em consonância com o território em causa, o autor para o facto de que “o apoio à criação cultural, tendo em conta a fraca estruturação dos campos culturais, pode assentar em estruturas de residência artística, acolhendo instalações apetrechadas com os requisitos da produção e experimentação culturais, durante períodos de tempo relativamente longos, criadores individuais e coletivos que, em contradádiva se comprometeriam a desenvolver projetos e intervenções artísticos no espaço publico e com envolvimento das populações” (*ibidem*, p.26), esta ideia vem de encontro ao propósito do Manobras, que é o de conceber uma intervenção integrada e transversal no território de forma estruturada, envolvendo a comunidade desde o inicio. Esta intervenção tem em conta as necessidades da população alvo, este aspeto diferencia o Manobras de outros projetos culturais que se limitam a “despejar” uma determinada programação sem entender, primeiramente quais as reais necessidades da população.

No desafio de equacionar de que forma o Manobras conseguiu reavivar elementos ameaçados pelas paisagens urbanas, concluímos que a utilização de espaços abandonados foi um dos objetivos alcançados, como foi o caso do projeto Porto Próximo e da Casa das Brincadeiras, este é um quadrante relevante de análise pela quantidade de espaços devolutos existentes na cidade, aos quais estas ações deram uma nova vida, uma nova utilidade, que possibilitou a criação de uma ligação e uma interação bastante forte entre os vários atores envolvidos, uma ideia de construção conjunta. Para além de se reativarem esses espaços que estavam ao abandono.

No que toca ao objetivo que tinha como base perceber quais são os aspetos que podem consolidar os grandes eventos culturais na cidade do Porto que estimulem o envolvimento comunitário, entendemos que a cultura dá uma dimensão de toda a humanidade, faz com que as comunidades sejam mais ricas, mais profundas. Apesar de haver um longo caminho a percorrer, pois não temos o *habitus* cultural tão consolidado como outras culturas, e esse aspeto deve-se em muito à tardia abertura de mentalidades, muito por via de aspetos políticos vividos no nosso país, é possível perceber através da análise realizada, que embora seja difícil chegar às pessoas, estas estão muito mais predispostas para terem uma participação mais ativa e regular de atividades culturais. Neste aspeto é fundamental o investimento público, porque

qualquer país, qualquer cidade deve cuidar da sua identidade. Mais uma vez, salientamos aqui o aspeto da comunicação e da pouca visibilidade dada ao Manobras, muitas pessoas do Porto não sabem que aconteceu o Manobras, e seria importante levar este festival para outro patamar pelas potencialidades que tem. Neste aspeto atentamos para o papel que as indústrias criativas podem desempenhar, do ponto de vista de aproximação ao território e de implementar uma linha de ação que vá de encontro às necessidades dos territórios. As políticas públicas existem, mas num sentido macro, não tendo os mesmos efeitos em todos os territórios, e daí assistirmos a falhas na aplicação de determinadas medidas, pois não se tem em conta as dinâmicas do próprio território. Uma empresa no campo do planeamento e gestão do território pode e deve estabelecer a relação da comunidade com a cultura, tirando partido do que são os recursos endógenos. As indústrias criativas representam um setor com bastante potencial que pode ser usado para tornar as cidades e os territórios mais atrativos, competitivos, podem representar no futuro uma forma de pensar estratégica para que se criem objetivos tangíveis e oportunidades de crescimento.

Nesta linha de pensamento, surge outro dos nossos objetivos, captar como as cidades podem ser palco privilegiado da afirmação cultural e identitária, ou seja, tentamos perceber como o Manobras pode ser usado como ferramenta de transformação da imagem e vivência da cidade, e neste sentido percebemos que o Manobras, potencia a criação local, reconhece a importância das atividades culturais em termos da promoção da participação e envolvimento da população na vida pública. Desta forma, consideramos que oferecer à população local a possibilidade de (re)descobrir novas formas de olhar e viver o lugar que habitam é uma das premissas para o desenvolvimento sustentável das cidades. O facto de uma comunidade se identificar, conhecer e valorizar o seu património, é um aspeto importante para que os indivíduos preservem o que é deles, esta apropriação e valorização cultural fortalece os sentimentos de identidade e coesão social. Em consequência, os elementos que contribuem para dar um “sentido de lugar” deverão ser valorizados. Entre esses elementos destacam-se: estilo de arquitetura, clima, ambiência natural, memória, imagem, metáfora, uso de materiais locais na construção; artesanato; relações espaciais; diversidade cultural e histórica; valores sociais; ambiente público; atividades sazonais ou diárias (Henriques, 2003, p.247-48).

Após esta análise, constatamos que alcançamos um conhecimento mais aproximado do que é o festival Manobras no Porto. Nesta nota conclusiva cabe-nos referir o que faltou fazer, consideramos que seria importante ter uma perspetiva dos participantes das ações, através do inquérito por questionário, mas esse objetivo não pode ser concretizado devido à falta de tempo e espaço, uma vez que o âmbito da nossa pesquisa não contempla a fase em que

acontece o Manobras (setembro), e seria interessante confrontar as representações dos criadores com a dos participantes. Contudo, consideramos ter aberto outras questões passíveis de serem estudadas e analisadas, e fica aberta a possibilidade de um futuro estudo numa fase em que tiver terminado o Manobras, em que as próprias entidades financiadoras façam um balanço do investimento feito a propósito do Programa Operacional Regional do Norte. Será interessante perceber os resultados finais, e quais as perspetivas futuras de consolidação deste género de projetos, entender que experiências ficam. Perspetivamos a possibilidade de continuidade de algumas das ações para lá de 2012. Será interessante perceber se de fato este género de iniciativas se pode estender no tempo, que aprendizagens se retiram desta experiência, e que daqui possam surgir novos projetos que visem a integração da comunidade.

Consideramos que se devem encarar as cidades como palco privilegiado de desenvolvimento, a cultura é espacial, deve existir um maior incentivo e interesse nestes projetos para que os espaços se diferenciem entre si, em prol da atratividade desse mesmo lugar, ao mesmo tempo, reforça-se o sentido de lugar e de identidade do indivíduo para com o território.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Monografias

AAVV, (2009) - *Porto 2.0 Festival da Cidade em Mudança, Fundamentação dos Critérios de Avaliação*. Candidatura ao ON.2 – O Novo Norte, EP II – Valorização Económica de Recursos Específicos, objetivo específico Valorização da Cultura e da Criatividade, Sistema de apoio ao Cluster de Industrias Criativas – Grandes Eventos. Aviso GE/1/2009. Porto Lazer, EEM

AAVV, (2008) - *Desenvolvimento de um Cluster de Industrias Criativas na Região Norte*. Estudo Macroeconómico, Pacto Regional para a Competitividade da Região Norte de Portugal

AAVV, (2008) – *Plano de Gestão Centro Histórico do Porto Centro Histórico do Porto Património Mundial*. Câmara Municipal do Porto, Porto Vivo SRU. ISBN 978-989-96862-7-4

AZEVEDO, Natália (2007) – *Políticas culturais, turismo e desenvolvimento local na área metropolitana do Porto*. Faculdade de Letras Universidade do Porto, Departamento Sociologia

- (1997) – *Práticas de recepção cultural públicos de cinema em contextos cineclubísticos*. Porto: Faculdade de Letras Universidade do Porto. Tese de mestrado em Sociologia

BOURDIN, Alan (1984) – *Le Patrimoine Réinventé*. Paris, PUF In RODRIGUES, Walter (1992), *Urbanidade e novos estilos de Vida*. Sociologia – Problemas e Práticas, nº12, pp. 91-107

CENTENO, Maria João (2010) – *As Organizações Culturais e o Espaço Público – A Experiencia da Rede Nacional de Teatros e Cineteatros*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Dissertação de doutoramento em Ciências da Comunicação. <http://hdl.handle.net/10362/5078>

CRESPI, Franco (1997) - *Manual de Sociologia da Cultura*. Lisboa, Estampa. ISBN 972-33-1313-8

FEATHERSTONE, Mike (1991) – *Consumer Culture and Postmodernism*. London, Sage In RODRIGUES, Walter (1992), *Urbanidade e novos estilos de Vida*. Sociologia – Problemas e Práticas, nº12, pp. 91-107

FLEW, Terry (2012) – *The Creative Industries – Culture and Policy*. ISBN 9781847875761

FLORIDA, Richard (2002) – *The Rise of The Creative Class: And How It's Transforming Work, Leisure, Community and Everyday Life*. New York, 1st Edition: Basic Books. ISBN: 978-0465024766

FORTUNA, Carlos; SILVA, Augusto Santos (2001) – *A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural*. In SANTOS, Boaventura de Sousa, org. (2001) – *Globalização: fatalidade ou utopia?* Porto: Edições Afrontamento. ISBN 972-36-0569-4. p. 409-461.

FORTUNA, Carlos (1997) – *Introdução: sociologia, cultura urbana e globalização*. In FORTUNA, Carlos, org. – *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*. Oeiras: Celta editora. ISBN 972-8027-78-8. p. 1-28.

HARTLEY, J. (2005) - *Creative Industries*. London: Blackwell, 2005

HENRIQUES, Cláudia (2003) – *Turismo, Cidade e Cultura – Planeamento e Gestão Sustentável*. Edições Silabo. ISBN 9789726183143

HOWKINS, J. (2005) - *The mayor's commission on the creative industries*. in: HARTLEY, J. (Ed), *Creative Industries*. London: Blackwell, 2005.p.117-125.

LANDRY, Charles; BIANCHINI, Franco (1995) – *The Creative City: A Toolkit for Urban Innovators*. Eaterscan, London, Demos Publications. ISBN 1 898309 16 7

LASH, Scott e URRY, John (1994) – *Accumulating signs: the culture industries*. In Economies of Signs and Space In SCOTT, Allen J. (2000) – *The cultural economy of cities*. Londres: SAGE Publications. ISBN 0-7619-5455-4

PORTER, Michael E. (1995) – *The Competitive Advantage of the Inner City*. Harvard Business School Publishing Corporation. ISBN 617-495-6849

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, LucVan (2005) – *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 4^a ed. Gradiva – Publicações, Lda. ISBN 972-662-275-1

SCOTT, Allen J. (2000) – *The cultural economy of cities*. Londres: SAGE Publications. ISBN 0-7619-5455-4

VALA, Jorge e MONTEIRO, Maria Benedita (2006) – *Psicologia Social*. Lisboa: 7^aed. Fundação Calouste Gulbenkian. ISBN: 972-31-0845-3

ZUKIN, Sharon (1995) – *The cultures of cities*. Oxford: Blackwell Publishing. ISBN 1-55786-437-3 In SCOTT, Allen J. (2000) – *The cultural economy of cities*. Londres: SAGE Publications. ISBN 0-7619-5455-4

Artigos e Contribuições em Monografias

AGRUPACIÓN EUROPEA DE COOPERACIÓN TERRITORIAL – *Estudo das indústrias culturais e criativas en Galicia e o Norte de Portugal.*

AZEVEDO, Natália (2003) – *Políticas Culturais à escala metropolitana: notas de uma pesquisa sobre a área metropolitana do Porto.* Revista da Faculdade de Letras: Sociologia, 13, p.201-210

BENDASSOLLI, Pedro F. *et al.* (2009) - *Indústrias Criativas: definição, limites e possibilidades.* Ver. Adm. Empres. [online]. Vol. 49, n.1, pp. 10-18. ISSN 0034-7590

CENTENO, Maria João (2009) – *A política cultural em Portugal na entrada no novo século.* 6º Sopcom/4º Ibérico. ISBN 978-972-8881-67-2

COSTA. António Firmino da (1997) – *Políticas Culturais: Conceitos e Perspetivas.* Versão Eletrónica do artigo da publicação periódica do Observatório das Atividades Culturais, OBS, nº2, outubro 1997, pp.10-14

CUNNINGHAM, Stuart (2003) – *The Evolving Creative Industries: from original assumptions to contemporary interpretations.* Transcript of a seminar, 9 May, QUT, Brisbane

FERNANDES, António Teixeira (1988) - *A mudança cultural na sociedade moderna.* Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Separata de Revista da Faculdade de Letras. Filosofia, Porto, 2ª Série, nº 5-6, 1988/1989. Comunicação apresentada ao Colóquio Internacional Moderno-Pós/Moderno, Universidade Nova de Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1 a 4 de fevereiro de 1988

GODOY, Arilda Schmidt (1995) - *Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.* Revista de Administração de Empresas, V.35, n.2, março/abril, p.57-63.

GOMES, Rui Telmo *et. al.* (2006) – *Entidades Culturais e Artísticas em Portugal.* Observatório das Atividades Culturais, Documentos de Trabalho 8, ISBN 972-8488-37-8

INE (2011) - *Sistema de Contas Integrado das Empresas.* CAE Ver. 3 2007-2009

LOPES, João Teixeira (2009) – *Da Cultura Como Locomotiva da Cidade-Empresa a um Conceito Alternativo de Democracia Cultural.* In Virus novembro/dezembro 2009 – Cidades Invisíveis

- (2008) – *Políticas e Práticas Culturais no Norte de Portugal.* In GONÇALVES, Carlos Manuel (coord.) - *A Região Norte de Portugal: Dinâmicas de Mudança Social e Recentes Processos de Desenvolvimento,* Porto, Instituto Sociologia Faculdade de Letras Universidade do Porto

- (2000) – *O Porto na (pós) modernidade?: um estudo sobre práticas culturais*

urbanas, Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia. Artigo em Livro de Actas de Conferência Nacional

MATOSO, Rui (2010) – *Cultura e Desenvolvimento Humano Sustentável*

MANOBRAS NO PORTO (2011) – *Memória Descritiva*

- (2011) – *Ficha Técnica Projetos*

PEIXOTO, Paulo (2003) - *Centros históricos e sustentabilidade cultural das cidades*. Sociologia. ISSN 0872-3419. N.º13 (2003), p. 211-226

- (2001) – *As cidades e os processos de patrimonialização*. Cit. por. PINHEIRO, Magda; BAPTISTA, Luís V.; VAZ, Maria João, orgs. - *Cidade e metrópole: centralidade e marginalidades*. Oeiras: Celta Editora. ISBN 972-774-129-0. p.171-179

PINTO, José Madureira (1994), “Uma reflexão sobre políticas culturais” em AAVV, *Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local*. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia. In LOPES, João Teixeira (2009) – *Da Cultura Como Locomotiva da Cidade-Empresa a um Conceito Alternativo de Democracia Cultural*. In *Virus* novembro/dezembro 2009 – Cidades Invisíveis

QUEIRÓS, João (2007) - *O lugar da cultura nas políticas de reabilitação de centros urbanos: apontamentos a partir do caso do Porto*: comunicação apresentada na First international Conference of Young Urban Researchers realizada em Lisboa, 11 e 12 de junho de 2007. Lisboa: ISCTE

RODRIGUES, Walter (1992) - *Urbanidade e novos estilos de Vida*. Sociologia – Problemas e Práticas, nº12, pp. 91-107

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (2005) – *Políticas Culturais Urbanas*. Comunicação Apresentada nos Encontros Alcultur que decorreram em Faro de 22 a 26 de novembro, disponível em <http://www.alcultur.org/2005/intervencoes.html>

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.) (1998) – *As Políticas Culturais em Portugal*, Lisboa, Observatório das Atividades Culturais.

STERNBERG, R. J. e LUBART, T. I. (1999). The concept of creativity: Prospects and paradigms. In R. J. Sternberg, *Creativity handbook*, (pp. 3-15). Nova York: Cambridge University Press.

SILVA, Augusto Santos (2007) – *Como Abordar as Políticas Culturais Autárquicas? Uma Hipótese de Roteiro*. in *Sociologia – Problemas e Práticas*, nº 54, Lisboa, CIES – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, pp. 11-33

- (1995) – *Políticas Culturais Municipais e Animação do Espaço Urbano*. in SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.), *Cultura & Economia*, Atas do Colóquio

Realizado em Lisboa, 9-11 de novembro de 1994, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pp. 253-270

SILVA, Augusto Santos; FORTUNA, Carlos (2001) - *A Cidade do Lado da Cultura: Espacialidades Sociais e Modalidades de Intermediação Cultural*. in Santos, Boaventura de Sousa (org.), *Globalização: Fatalidade ou Utopia?*. Porto: Afrontamento, 409 – 461

TINAGLI, Irene; FLORIDA, Richard (2004) – *Europe in the Creative Age*. London, Demos Publications

UNITED NATIONS – *The State of World's Cities 2004/2005: Globalization and Urban Culture*. United Nations Settlements Programme

XEREZ, Romana (2008) – *Dinâmicas do Território: Centralidades e Gentrificação na Área Metropolitana de Lisboa*. VI Congresso Português de Sociologia, *Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 25 a 28 de Junho de 2008

Notícias

- <http://www.cm-porto.pt/gen.pl?p=stories&op=view&fokey=cmp.stories/10708>. Consultada em março de 2012
- <http://porto24.pt/porto/24022012/cavaco-silva-s-joao-da-madeira-industrias-criativas/#.UEjCqLJIT-I>. Consultada em 24 de fevereiro 2012

Sites Consultados [2010-2012]

Addict – www.addict.pt

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte – www.ccdr-n.pt

Comissão Europeia: www.ec.europa.eu

Manobras no Porto – www.manobrasnoporto.com

Norte em Rede – www.nortemrede.inescporto.pt

Opium - www.opium.pt

Porto Verde - www.portoverde.wordpress.com

Porto Vivo SRU - www.portovivosru.pt

PPL Crowdfunding Portugal - www.ppl.com.pt

Prémio Nacional Indústrias Criativas – www.industriascriativas.com

Urbact - www.urbact.eu

Unesco - <http://portal.unesco.org/culture>

Anexo 1 **Guião Entrevista Semiestruturada - Técnicos da Opium**

Entrevista nº

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Residência:

I. Papel na Opium:

1. Qual o papel que desempenha na Opium?

II. Papel da Opium:

2. Qual a missão da Opium?

3. Que tipo de projetos desenvolve? De que forma se desenvolvem esses projetos?

4. Com que entidades colabora?

5. Com que tipo de profissionais a Opium colabora?

III. Linha de Desenvolvimento:

6. Quais os grandes desafios que esta área representa?

IV. Dinâmica das Industrias Criativas:

7. Como perspetiva o papel das indústrias criativas como instrumento de intervenção no território através da cultura?

8. O que tem sido feito para alargar a base criativa da região?

9. Como analisa a estratégia de cooperação entre público e privado?

V. Manobras no Porto:

10. De que forma é que o projeto Manobras se interligou à cidade? Que dificuldades/desafios sentiram?

11. Qual o balanço?

12. O que há para modificar/melhorar para a segunda fase?

13. Qual foi a estratégia de comunicação utilizada? Como pretendem captar para a segunda fase um maior envolvimento da população?

14. Que uso dará a cidade do Porto ao Manobras?

VI. Cultura como vetor estratégico de regeneração urbana:

15. De que forma a cultura é/poderá ser utilizada como vetor estratégico de regeneração física e funcional das cidades?

Perfil do Entrevistado:

1. Nome
2. Idade
3. Sexo
4. Profissão
5. Escolaridade
6. Residência

Anexo 2 **Guião Entrevista Semiestruturada Proponentes dos Projetos Integradores do Manobras no Porto**

Entrevista nº

I. Participar no Manobras:

1. Como surgiu a oportunidade de participar no Manobras?
2. Como é que o conceito do Manobras influenciou a idealização do vosso projeto?
3. Quais as principais características do projeto?
4. Quem está envolvido no projeto ao nível da sua concepção?

II. Espaço(s) Utilizado(s) pelo Projecto:

5. Em que espaços decorreram as sessões do projeto?
6. Que relação estabeleceram com o espaço? Esse espaço condicionou ou acelerou o processo de trabalho?
7. Existe a possibilidade de continuidade de permanência nesse espaço?

III. Atores Envolvidos no Projecto Rádio Manobras:

8. Que instituições estiveram envolvidas?
9. Teve a participação de grupos informais? Esses grupos são do CHP ou de fora?
10. Os atores que participam na são do CHP? Ou de fora? Quantos?
11. O grupo que participou variou? Se sim, que dinâmicas se foram criando?
12. Que balanço faz em termos do envolvimento das pessoas? Particularmente da comunidade?

IV. Mobilização dos Atores Sociais:

13. Como convidaram as pessoas para participar na rádio? Que meios utilizaram para chegar às pessoas?
14. Como funcionou o processo de trabalho conjunto? Qual foi o ritmo/tempo que estiveram envolvidas?
15. Que tipo de relações se estabeleceram durante as sessões entre os diversos agentes?

Existe uma relação fora do projeto?

16. Quais as estratégias estabelecidas para a divulgação e ampliação da rádio?

V. Representações/Significado dos atores em relação ao projeto:

17. Que balanço faz da 1ª fase do projeto? O que correu bem?

18. Quais foram as principais dificuldades sentidas?

19. O que há para melhorar?

20. Quais considera serem as virtualidades do projeto?

21. Sente o reconhecimento das pessoas?

22. A que público não conseguiram chegar?

VI. Possível Autonomização do Projecto pós-Manobras:

23. Como poderão estabelecer novas ligações com os participantes?

24. Como poderão funcionar por si próprios?

VII. Rede de Cooperação:

25. Qual a interpretação (ou instrumentalização) que o Porto faz (fará) do Manobras em seu benefício?

26. Como poderão montar um modelo de cooperação entre diversos agentes?

Perfil do Entrevistado:

1. Nome
2. Idade
3. Sexo
4. Profissão
5. Instituição
6. Escolaridade
7. Residência

Anexo 3 Guião de Análise das Entrevistas – Técnicos Opium

Categorias	Síntese	Excertos
<u>Papel na Opium</u> - Funções desempenhadas pelo entrevistado na instituição		
<u>Papel da Opium</u> - Tipo de Projetos Desenvolvidos - Como se desenvolvem esses projetos - Missão - Com que entidades colabora - Com que profissionais colabora		
<u>Linha de Desenvolvimento</u> - Desafios que a área representa		
<u>Dinâmica das Industrias Criativas</u> - Representações face ao papel das indústrias criativas - Representações face à cooperação público-privado - Crescimento da base criativa da região		
<u>Manobras no Porto</u> - De que forma é que o projeto Manobras se interligou à cidade. Que dificuldades/desafios sentiram? - Balanço 1ª Fase - O que há para modificar/melhorar para a segunda fase - Estratégia de Comunicação - Que uso dará a cidade do Porto ao Manobras		
<u>Cultura Como Vetor Estratégico de Regeneração Física e Funcional das Cidades</u> - De que forma a cultura é/poderá ser utilizada como vetor estratégico de regeneração física e funcional das cidades		

Anexo 4 – Análise Horizontal Entrevistas: Técnicos

Categorias	Síntese	Excertos
<p><u>Papel na Opium:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Atividades desenvolvidas na Organização 	<ul style="list-style-type: none"> O campo de ação é bastante generalizado pois sendo uma entidade criativa coopera em diversas áreas e setores de atividade 	<p>“...trabalho em vários projetos, de facto tem sido o Manobras no Porto que tem ocupado grande parte do meu trabalho (...) mas tenho trabalhado pontualmente a formular outras candidaturas para projetos financiados a nível europeu, outros projetos que estão relacionados com espaço, ou com arquitetura” (Coordenadora Conteúdos, 32 anos, Opium)</p> <p>“Estou com projetos que estão mais ligados à programação cultural e à implementação de serviços educativos, e tenho trabalhado tanto na preparação de projetos de conteúdos para equipamentos culturais como é o caso de Albergaria-a-Velha que temos um cineteatro que foi recuperado e uma biblioteca e tivemos a fazer todo o programa operacional para estes dois equipamentos (...) Trabalho muito com o território e sendo a minha formação base em História, trabalho muito a relação que se pode estabelecer da comunidade com a cultura, que pode partir também do que são os recursos do território, mas que muitas vezes é necessário que venham outras formas de ver, outros criadores que possam acrescentar algo de novo sobre a sua própria historia e o meu trabalho incide mais sobre o território, com as comunidades, mas muito neste mediação entre aquilo que é a criação artística e aquilo que são os públicos.” (Consultora, 33 anos, Opium)</p> <p>“Em termos formais é de gerente, em termos concretos isso implica não só a gestão da empresa do ponto de vista financeiro e de tesouraria, implica também uma gestão global dos projetos que fazem parte da nossa carteira de negócios.”</p>

		(Gerente, 31 anos, Opium)
<p><u>Papel da Opium:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Tipo de Projetos Desenvolvidos • Como se desenvolvem esses projetos • Missão • Com que entidades colabora • Com que profissionais colabora 	<ul style="list-style-type: none"> • A Opium trabalha com projetos que têm como objetivo medir o potencial económico das indústrias criativas, trabalha muito a partir do território. • A Opium tem como missão a gestão e o planeamento de projetos culturais • Colabora com todo o 	<p>“...quando estava a fazer a candidatura para o Manobras, que na altura se chamava Porto 2.0, colaborei também na candidatura do Estaleiro, que foi um programa em que também se procurou alargar o âmbito de aquilo que já é o Curtas de Vila do Conde, o nosso papel é ler aquilo que eles estão a propor e dar-lhe uma estrutura mais sólida, e por outro lado temos um enquadramento todo que é o plano Novo Norte, quais são as diretrizes políticas nesses documentos e estamos a par deles e percebemos de que forma é que o projeto pode dar ou não resposta a esses documentos, e normalmente estes parceiros não estão a par desse enquadramento político, e isso é uma parte que a Opium também faz (...) é a parte de enquadramento económico, ou seja, de que forma é que é sustentável, como é que gera valor e aí também é uma parte normalmente dos parceiros artísticos...nem sempre têm esta formação. No caso do Manobras foi um caso diferente porque foi praticamente a própria Opium em conjunto com a Porto Lazer que desenhou o projeto...” (Coordenadora Conteúdos, 32 anos, Opium)</p> <p>“Gestão e planeamento de projetos culturais, que é algo um bocadinho genérico, mas a nossa atividade se calhar também necessita de uma descrição mais genérica, porque temos projetos muito diversificados, desde estudos macroeconómicos, estudos que tem como objetivo medir o potencial económico das indústrias criativas ou culturais na região, até eventos, produtos ligados ao turismo religioso, os projetos são muito variados e por isso necessitamos de ter uma descrição das nossas atividades que seja mais abrangente.” (Gerente, 31 anos, Opium)</p>

	<p>género de entidades, mas a maioria dos clientes são entidades públicas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tem uma equipa interna com áreas de formação diversificadas, o que permite abarcar diversas áreas temáticas, desde o património, á historia ou arquitectura. Por vezes necessita de contratar profissionais liberais consoante o projeto que estão a desenvolver. 	<p>“O perfil do cliente típico da Opium são entidades publicas, entidades com responsabilidade na gestão do território, muitas delas não são diretamente ligadas ao setor cultural (...) Desenvolvemos todo o tipo de projetos culturais, não há um projeto específico, mas se calhar há características comuns a esses projetos, que sendo do setor cultural normalmente todos eles têm a intensão de valorizar o território onde acontecem, valorizar os recursos endógenos desse território, que tanto podem ser recursos patrimoniais como a capacidade criativa, como a própria comunidade em sentido mais lato.” (Gerente, 31 anos, Opium)</p> <p>“Temos uma equipa interna que nem sempre tem as competências adequadas para os projetos que entretanto conseguimos angariar, quando isso acontece e de acordo com a natureza do projeto tentamos angariar parceiros, sejam empresas privadas ou profissionais liberais que nos permitam dar respostas a algumas variáveis que nós não dominamos nos projetos, no caso dos eventos muitas vezes necessitamos de estruturas que estejam mais ligadas à criação artística e da produção, se estivermos a falar de território interessa-nos trabalhar com alguém do planeamento urbano, por isso os perfis dos profissionais como os clientes são variáveis.” (Gerente, 31 anos, Opium)</p>
<p><u>Linha de Desenvolvimento:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Que Desafios Representa a área das 	<ul style="list-style-type: none"> • Um dos grandes desafios das indústrias criativas é a capacidade de geral valor 	<p>“Percebe-se que há um grande fosso no Manobras entre aquilo que é a comunidade de artistas e os meios mais formais de gestão de recursos, o QREN, a Porto Lazer, a própria Opium têm formas de funcionar tão diferentes, os artistas estão tao pouco profissionalizados nalgumas coisas que há aqui um hiato muito</p>

Indústrias Criativas	<p>económico a partir da massa crítica de um determinado território. As indústrias criativas vêm oportunidades de negócio através da cultura e da produção artística, nem sempre os artistas estão a fazer disso um negócio e muitas vezes os artistas não estão familiarizados com a área do negocio, o que cria algumas dificuldades. A Opium faz no fundo o papel de mediador entre o artista e os meios de gestão de recursos.</p>	<p>difícil de resolver (...) o que o Manobras faz muitas vezes é estabelecer esta ponte porque de facto os artistas quando deparam com uma empresa, com uma estrutura como a Porto Lazer com os seus procedimentos, as suas regras, as suas burocracias algumas que até são correntes, algumas são coisas muito banais, que em qualquer transação comercial acontecem, que é quase fatura-recibo, mas os artistas estão a funcionar num sistema longínquo daqui que embarram completamente, e muitas vezes falham, não conseguem entregar os documentos, não conseguem dar resposta, não conseguem perceber como é que funciona, e nós, no caso do Manobras estamos a fazer muito de...mediamos, tentamos que nem um lado nem o outro entrem em choque, e eu acho que isto é um grande desafio que se percebe, não existindo estes corpos mediadores (...) porque as indústrias criativas vêm oportunidades de negocio através da cultura e da produção artística, nem sempre os artistas estão a fazer disso um negocio (...), há aqui um grande fosso e que se as pessoas, se de algum modo quando querem ou no momento em que querem fazer parte da sua atividade uma parte lucrativa e de negocio deveriam estar preparados para funcionar com determinados processos, com determinados procedimentos e mesmo em companhias profissionais nota-se que as pessoas ficam muito atrapalhadas...” (Coordenadora Conteúdos, 32 anos, Opium)</p> <p>“(...) aquilo que nós mostramos - o natural, a praia ou a montanha, mas até na praia e na montanha nós precisamos de encontrar coisas, coisas que nos possam contar um bocadinho daquela historia, e portanto, acho que os grandes desafios são os desafios que sempre existiram, a dimensão cultural e artística é aquilo que nos é mais natural, e acho que as cidades e os lugares estão cada vez mais cientes desta dimensão, e que muitas vezes são os lugares mais pequenos, pela minha</p>
----------------------	--	---

		<p>experiencia profissional tenho trabalhado em territórios que têm uma densidade populacional mais curta e são muitas vezes estes territórios que conseguem criar algo diferenciador, e acho que a dimensão da economia, o discurso que sempre existiu mas que agora tem mais peso, o acrescentar valor económico é muito importante para que os territórios se possam desenvolver” (Consultora, 33 anos, Opium)</p> <p>“Acho que o grande desafio é a capacidade de transformar a energia e a massa critica criativa que existe na região em valor económico, porque é isso que os tempos pedem, e perceber que modelo é esse de conseguir alavancar um território do ponto de vista económico com base nesses recursos criativos...acho que o grande desafio é este, gerar valor económico.” (Gerente, 31 anos, Opium)</p>
<p><u>Dinâmica Industrias Criativas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Papel das indústrias criativas como instrumento de intervenção no território através da cultura • Estratégia de cooperação entre público e privado • O que tem sido feito para alargar a base 	<ul style="list-style-type: none"> • Se um território conseguir ter a imagem de que é um território criativo por excelência, isto vai atrair outros investimentos, por outro lado, para haveram indústrias criativas é preciso que haja cultura, e há obviamente um conjunto de consequências e de evolução que não se dá 	<p>“O manobras está a levantar em alguns casos, algumas possibilidades de gerar ou negócio, ou empreendedorismo, ou meios de subsistência...ou seja, o que esta acontecer aqui é um processo anterior a chegar a uma industria criativa que estabelece um negocio, é como se estvéssemos a levantar que hipóteses são estas...e percebe-se que falta no Porto um bocadinho de terreno onde investigam hipóteses de coisas e ao fim de algum tempo saem propostas até de negocio que são originais, e que não são uma copia do que já aconteceu e esta vontade de explorar e esgravatar implica perder tempo, investir “xis” tempo sem ganhares, implica que parte do teu trabalho não dê logo 100% um negocio, também não parece existir muito terreno para isto, normalmente a direção é logo desde raiz tenho de montar um negocio que sei que vai dar “xis” ao fim do mês e isso é muito difícil, porque há um fator de risco, quando tas a criar um novo negocio há um fator de risco, acho que falta mais esta exploração.” (Coordenadora Conteúdos, 32 anos, Opium)</p>

<p>criativa da região</p> <ul style="list-style-type: none"> • De que forma é que o projeto Manobras se interligou à cidade? Que dificuldades/desafios sentiram • Que uso dará a cidade do Porto ao Manobras • De que forma a cultura é/poderá ser utilizada como vetor estratégico de regeneração física e funcional das cidades 	<p>só na dimensão económica mas dá-se também na dimensão social, ou seja, toda a comunidade vai conseguir beneficiar da presença destes talentos criativos no território.</p>	<p>“Sobre esse assunto já Florida disse muito, quando disse por exemplo que “os territórios que têm mais capacidade para atrair e reter talento criativo são aqueles que têm um ambiente cultural vibrante e prospero, porque os criativos gostam de estar rodeados por um conjunto de atividades porque isso também os inspira à sua atividade”, isso é o que diz um académico, uma pessoa que pensou muito sobre o assunto...mas isto também é dito por outras pessoas nomeadamente por alguns criativos, eu estive no Clube Addict na fundação de Serralves e um dos jovens que tem um negocio na área de design de moda dizia que os criativos precisam de cultura, sem cultura não há criatividade...dizendo ele que necessita de estar nesse ambiente, portanto, os territórios que têm essa componente, a cultura muito desenvolvida, têm essa capacidade de atrair e de reter esses talentos criativos. Esta questão é bastante complexa, mas território, industrias criativas e cultura são três vetores que coexistem neste mesmo sistema, numa espécie de ecologia, porque tudo isto está sempre ligado a um território e as industrias criativas têm a capacidade de fazer crescer esse território (...) se calhar não tao ligado às industrias criativas, porque como diz Florida, em que os criativos necessitam de estar inseridos num ambiente cultural interessante, mas se um território conseguir ter a imagem de que é um território criativo por excelência, isto vai atrair outros investimentos, por outro lado, para haveram industrias criativas é preciso que haja cultura, e há obviamente um conjunto de consequências e de evolução que não se dá só na dimensão económica mas dá-se também na dimensão social, ou seja, toda a comunidade vai conseguir beneficiar da presença destes talentos criativos no território, o centro histórico do Porto, as pessoas que habitam nele, com certeza também vão beneficiar de todos os negócios e de toda a dinâmica que se vai instalando no território.” (Gerente, 31 anos, Opium)</p>
--	---	---

	<ul style="list-style-type: none"> • Relativamente às parcerias publico-privadas entrevistadas consideram que uma empresa privada é conseguir olhar para um território e não ter uma receita, olhar o território e perceber o que este necessita, trabalhar em proximidade com os agentes locais, pois dedica ao projeto uma equipa especializada 	<p>“(em relação ao Manobras) A Opium acrescentou imensas capacidades ao que o promotor queria fazer, há de facto uma equipa especializada e dedicada a este projeto, a Porto Lazer que é o Promotor tem que dar resposta a “xis” projetos já internos à Porto Lazer, às infraestruturas que tem de gerir, tem uma maquina interna que é muito regrada por isso é difícil criar espaço para discutir, para irem para o terreno, para estarem horas extra...tem de haver uma certa flexibilidade e o facto de ser uma empresa privada, externa, que fornece essa informação acho que é essencial, senão não haveria essa capacidade porque também não estaria vocacionada para isso, aquela empresa publica não esta vocacionada para isso e ao nível dos dinheiros públicos que vêm da CCDR-N estão num plano macro, eles definem uma grande estratégia para um território, para um país e depois para uma região e é preciso agentes mais pequenos e próximos que traduzam aquelas diretrizes politicas num projeto concreto, que saibam com quem, como...”</p> <p>(Coordenadora Conteúdos, 32 anos, Opium)</p> <p>“Acho que a mais-valia do nosso trabalho é conseguirmos olhar para os territórios e não ter uma receita (...) a nossa grande mais-valia é que nós não trabalhamos de baixo para cima, não olhamos para o território e não dizemos o que é bom para eles, nós chegamos e trabalhamos por cima daquilo que existe, ao lado do que existe... o que acontece muitas vezes é que chegamos a um projeto e achamos que vamos inventar a roda, e a roda já está inventada, e há um conjunto de coisas que se fazem que devem ser valorizadas e que às vezes precisam de ser ligadas, melhoradas, qualificadas, e no fundo criar redes. A mais-valia é essa, olharmos sempre para os territórios, para a história do território, para os seus</p>
--	--	---

	<p>que vai para o terreno tentar perceber as dinâmicas do mesmo.</p>	<p>recursos, para as suas marcas e termos esta visão abrangente, valorizarmos desde aquilo que é cultura popular, dos amadores, das bandas filarmónicas...até aquilo que são os trabalhos dos profissionais, das empresas criativas, e é desta maneira que eu vejo.” (Consultora, 33 anos, Opium)</p> <p>“Em geral funciona com uma grande desconfiança, não estou a falar em relação a nós quando somos fornecedores (...) falo de redes e de parcerias, de situações mais informais, quando não há um vínculo contratual entre entidades, simplesmente quando a união de esforços de entidades de distintas naturezas tem a capacidade de dar resposta a um projeto ou algo, seja o que for, e acho que em geral isso está pouco desenvolvido, temos muito pouca capacidade e tradição em cooperar entre instituições, sobretudo quando elas têm naturezas jurídicas completamente distintas (...) a verdade é que muitas vezes as interlocutoras desses diferentes tipos de entidades falam linguagens completamente distintas, e se calhar é isso que as deixa numa zona de desconforto ou numa incapacidade de articularem os seus objetivos, acho que ainda há muito a fazer, acho que ainda é muito insipiente o que se tem feito até hoje. O manobras tenta faze-lo, e acho que o tem feito com bons resultados, mas às vezes com algumas dificuldades.” (Gerente, 31 anos, Opium)</p> <p>“Percebe-se que existem bastantes incentivos a nível político, o programa QREN de facto quando lançou este concurso, onde o Manobras também foi selecionado e outros que temos acompanhado, claramente esta a investir em programas culturais, nas indústrias criativas, e há uma grande percentagem de fundos e de linhas que estão apostar ai. (...) Politicamente percebe-se que existem projetos a nascer a partir destas políticas e destes recursos, consegue-se apesar de tudo ler,</p>
--	--	--

	<ul style="list-style-type: none"> • Relativamente ao que tem sido feito para alargar a base criativa da região, consideram que têm existido bastantes incentivos a nível político, o que possibilita a realização de novos projetos que invistam na cultura e em programas culturais. Referem que o estudo macroeconómico foi um passo importante para a região norte, pois o assunto passou a estar na ordem do dia 	<p>principalmente quem está na cidade do Porto que há cada vez mais um sentido de empreendedorismo de microescala, cada pessoa, cada grupo tem de investir e tem de encontrar uma forma de um negócio, e acho que as pessoas também tem uma formação com uma sensibilidade para as áreas criativas e culturais, isso sente-se mas é ao nível da cidade do Porto...” (Coordenadora Conteúdos, 32 anos, Opium)</p> <p>“Acho que as políticas públicas são muito importantes e nós vivemos num país em que isso tem uma preponderância enorme, a outros países que têm outro tipo de cultura, de mentalidade, mas aqui de facto, aquilo que o estado central faz é muito relevante, mas na região norte houve uma capacidade de o perceber como região, e tudo isto surge muito a partir do estudo macroeconómico.” (Consultora, 33 anos, Opium)</p> <p>“Depois do estudo macroeconómico muito tem sido feito por varias entidades, o assunto passou a estar em voga, até aí muito pouco se falava sobre estas questões, a grande diferença é ter-se começado a considerar, a associar as industrias que são puramente culturais com um outro conjunto de setores que tinham todos como característica comum o facto de assentarem na capacidade criativa das pessoas (...) o que mudou foi que o discurso começou a ser incorporado por mais pessoas, mais pessoas do ponto de vista académico, mais pessoas do ponto de vista institucional, mais pessoas do ponto de vista individual, e o assunto começou a ser debatido, alguns rejeitam-no, outros abraçam-no, mas pronto...isso mudou radicalmente. (...) O Presidente da Republica já tem várias vezes falado do assunto, ou seja, do ponto de vista politico passou a ser relevante...acho que o facto de passar a estar mais no discurso das pessoas e das instituições, e o facto de haver mais financiamento foi importante para que</p>
--	--	---

	<ul style="list-style-type: none"> • O Manobras partiu com o desejo de se prestar à cidade e de nascer da própria cidade do Porto. Já existe uma predisposição maior para arriscar mais neste tipo de projetos. 	<p>começassem a surgir mais negócios (...) muitos deles não dependem desse financiamento que existe, mas o fato de a coisa estar por aí acho que influenciou muito...não sei dizer se é causa-efeito, se calhar é um conjunto de coisas que todas elas caminharam para aí sozinhas...pode ter sido só uma coincidência, mas o facto é que vemos muito mais negócios dos setores criativos nos nossos dias, e muito na região norte, a diferença é esta, se calhar víamos mais na zona de Lisboa, na região centro, e começamos a perceber que há mesmo talento e massa critica criativa nesta região, e isso começa a gerar valor económico...as ideias começam-se a transformar em negócios, o que mudou essencialmente foi isso.” (Gerente, 31 anos, Opium)</p> <p>“O Manobras partiu na sua base desse desejo de que simultaneamente de se prestar à cidade e de nascer da própria cidade, a quantidade de parceiros e diversidade, desde o artista individual à instituição local, o centro social, ao café, à companhia de teatro que encontraram aqui uma oportunidade de trabalhar, 100% são pessoas que têm uma relação com o Porto e com a cidade” (Coordenadora Conteúdos, 32 anos, Opium)</p> <p>“O que se parece sentir é que há uma predisposição agora muito maior para arriscar um bocadinho, já é mais habitual haver alguém com ideias um bocadinho estranhas, e isto muito da parte de leitura do centro histórico para fora, da parte dos artistas o que sentimos no inicio foi...primeiro estávamos a propor um terreno muito específico, o território do centro histórico do porto, e princípios onde pessoas com diferentes competências pudessem ter papel numa criação, isto é algo que me parece que em Portugal não temos muita experiencia neste tipo de</p>
--	--	---

	<ul style="list-style-type: none"> • A cultura pode ser utilizada como vetor estratégico de regeneração física e funcional das cidades pelo facto de ter a capacidade de aliar em si diferentes aspectos. É o que nos dá identidade, e a identidade de um país e de um território deve ser preservada. 	<p>trabalhos, pelo que se vai vendo lá fora parece haver muito mais experiencia, profissionalismo e as pessoas sabem fazer, e no inicio sentimos alguma dificuldade dos parceiros de sentirem confortáveis com essa proposta (...) os artistas já não estão muito habituados a entregarem-se a essa experimentação, e sentimos que no fim estão mais predispostos, mais seguros, agora sabem melhor onde é que a coisa pode correr melhor e pior, estão mais abertos em discutir connosco como parceiros verdadeiramente e não como alguém que esta só a contratar e a cobrar algo, perceber questões em conjunto, explorar...e isso implica risco de todas as partes.” (Coordenadora Conteúdos, 32 anos, Opium)</p> <p>“O que a cultura tem face a outros campos é que tem a capacidade de congrega muitas coisas, há uma parte que pode ser o reconhecimento identitário e capacidade de as pessoas terem uma forma de se exprimir, e ao fazerem isso constituírem outras formas de sociabilização em grupo, há medida que ganhas uma forma de expressão, também percebes de que forma te relacionas como grupo, ao relacionares-te como grupo há decisões políticas que estas a tomar, e pensar de que forma sobrevives, por isso, a cultura é um eixo que consegue captar coisas de diferentes espectros, e não está só centrada num único aspeto” (Coordenadora Conteúdos, 32 anos, Opium)</p> <p>“Às vezes no meu trabalho penso nisto, faz-nos mais felizes mas também nos faz mais infelizes às vezes, dá-nos uma dimensão de toda a humanidade, do bom e do mau, e à partida faz com que as comunidades possam ser mais ricas, não sei se podem ser melhores, mas acho que mais ricas podem ser, mais profundas, com mais qualidade de vida, a viverem melhores, quando se investe na cultura é isso</p>
--	---	---

		<p>que se acha... “A questão é que na maior parte das vezes começamos pelo telhado e as cidades que apostaram na regeneração urbana e têm estradas bonitas, têm um centro muito bonito, isso é fantástico, mas vais lá e tens lojas fechadas, tens casas a cair e arruamentos...e a sensação é que as coisas depois já vem tarde, às vezes é melhor começar pelo imaterial do que pelo material, o que tem acontecido do ponto de vista cultural é que nós temos imensos equipamentos, imensas recuperações de equipamentos, a uma escala louca, com escalas que depois não são possíveis de se concretizar, e pouca possibilidade de ter dinheiro para os conteúdos, temos uma biblioteca fantástica com um premio de arquitetura, mas depois não temos dinheiro para comprar livros!, e isto acontece em municípios...Em termos de investimento faço esse diagnostico, agora não acho que seja o fim de tudo, acho que temos de olhar para isso como uma oportunidade e obviamente que este conjunto de Centros Culturais e de todos os processos de regeneração urbana que trouxeram atividades que acontecem nos centros históricos, fizeram foi animar muito aquilo que é a criação, novos desafios, e fez com que tudo crescesse...as companhias pudessem crescer, agora é preciso nesta área termos investimento publico, qualquer país deve cuidar da sua identidade” (Consultora, 33 anos, Opium)</p> <p>“Todos os modelos mais tarde são substituídos por outros...o potencial deste modelo ainda não foi potencialmente explorado. Surgiram algumas políticas de incentivo aos negócios, mas muitos deles...acontecem sem incentivos financeiros, e fora de incubadoras, as pessoas tinham um projeto e uma ideia na qual acreditavam e às vezes as coincidências também são muito felizes, e são pessoas que entretanto se encontraram com outras, que tinham outras experiencias...acho que os instrumentos de incentivo são importantes, mas</p>
--	--	--

	<ul style="list-style-type: none"> • O balanço da 1ª fase do Manobras é bastante positivo, mas nem tudo o que se passou foi do conhecimento público pois as ações centraram-se mais em pequenos nichos. O feedback dos participantes foi bastante positivo pois vivenciaram-se experiências profundas. Existem estruturas que mesmo que não se mantenham com o mesmo projeto, construíram algo que 	<p>existem muitos negócios que conseguem arrancar e implementar-se no mercado sem esses instrumentos, claro que são importantes e facilitadores mas às vezes é possível avançar na ausência desses instrumentos.” (Gerente, 31 anos, Opium)</p> <p>“Nós temos um balanço tremendo (risos) ...que é difícil resumir...espremendo tudo, o sentimento que fica no final dos 5 dias é um balanço positivo (...) Em alguns momentos até pode ter parecido que aquilo que se atingiu ainda era pequenino mas as transformações num curto espaço de tempo foram tao grandes nas pessoas, nos espaços...que quem estava desde o início conseguia perceber como é que aquela experiencia era profunda. Coisas muito importantes acontecerem à volta em termos sociais, políticos, em termos de mudar mentalidades e atitudes, e que nem sempre é o que lhes mais interessa, eles não captam, não poem cá para fora e portanto há muito material que não foi posto cá fora, e há outra parte que simplesmente não consegues por cá fora porque o projeto de participação implica que sejas participante e não público, o espectro de pessoas que de facto participou de alguma forma é sempre muito mais pequenino do que um público de massas (...) Ninguém vai dizer “aqui nós conhecemo-nos e temos uma relação...” – ou estas dentro e sentes, entras e cumprimentas toda a gente, a atmosfera não é de uma sala de espetáculos, é diferente, só que de facto isto não é transmitível, e acho que nunca me tinha ocorrido isto, o facto de ser participado coloca limites à dimensão que isto consegue crescer.” (Coordenadora Conteúdos, 32 anos, Opium)</p> <p>“Espero que algumas ações continuem, e algumas apontam bastante para isso... estão motivados e estão a tentar perceber meios de subsistência (...) Os</p>
--	---	--

	<p>lhes deu uma visibilidade para fora, um reconhecimento das suas capacidades que permite avançar para outros projetos</p>	<p>benefícios que ficam é sobretudo na predisposição geral das pessoas que estiveram mais ligadas e de pessoas que viram outras hipóteses (...) ao nível das capacidades acho que isto é o grande fruto que pode ficar, e acho que há projetos que vão tentar continuar, e há estruturas que mesmo que não se mantenham exatamente com o mesmo projeto, construíram algo que lhes deu uma visibilidade para fora, um reconhecimento das suas capacidades que permite avançar para outros projetos.” (Coordenadora Conteúdos, 32 anos, Opium)</p>
--	---	--

Anexo 5 - Guião de Análise das Entrevistas – Proponentes dos Projetos

Categorias	Síntese	Excertos
<p><u>Participação no Manobras</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Como surgiu a oportunidade de participar - Como o conceito do Manobras influenciou a idealização do projeto - Principais Características do Projeto - Quem está envolvido ao nível da sua conceção 		
<p><u>Espaco(s) Utilizado(s)</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Espaços Utilizados por cada Ação - Relação Estabelecida com esse Espaço - Continuidade de Permanência nesse Espaço 		
<p><u>Atores Envolvidos</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Instituições Envolvidas - Grupos Informais Envolvidos - Atores do Centro Histórico do Porto - Grupo envolvido variou - Balanço em termos do envolvimento das pessoas 		
<p><u>Mobilização</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Como convidaram os participantes/meios - Como funcionou o processo de trabalho conjunto - Relações estabelecidas entre os diversos agentes - Estratégias para a divulgação e ampliação dos projetos 		
<p><u>Representações</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Balanço da 1ª Fase - Principais dificuldades sentidas - O que há para melhorar - Virtualidades do Projeto - Existe reconhecimento das pessoas - A que publico não conseguiram chegar 		
<p><u>Autonomização</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Como poderão estabelecer novas ligações - Como poderão funcionar por si próprios 		
<p><u>Rede de Cooperação</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual a interpretação que o porto fará do Manobras - Como poderão montar um modelo de cooperação entre os diversos agentes 		

Anexo 6 – Análise Horizontal das Entrevistas – Proponentes dos Projetos

Categorias	Síntese	Excertos
<p><u>Participação no Manobras:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como surgiu a oportunidade de participar no Manobras • Como é que o conceito do Manobras influenciou a idealização do projeto • Quais as principais características do projeto • Quem está envolvido na conceção do projeto 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação a convite da Ana Pedrosa e Anselmo Canha, que viram potencialidades nos projetos; ou os próprios proponentes viram no Manobras uma boa forma de concretização das suas ideias 	<p>“Soube que o Manobras ia acontecer e resolvi falar com eles, tivemos algumas reuniões em que expliquei como se passou em Cabo Verde, de que maneira é que extrapolava para o Porto, e ao mesmo tempo perguntar-lhes o que interessava para fazer na cidade do Porto, para tentar encaixar nisso mesmo, e foi a partir dessas conversas. Receberam a proposta muito bem, e tudo começou dessa maneira.” (Artista, 33 anos, 10pt)</p> <p>“Anselmo Canha como coordenador do manobras e em conversas que fomos tendo falou-me da vontade de ter uma radio como projeto central do manobras para disseminação e para própria comunicação do projeto (...).” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p> <p>“(…) quando surgiu a oportunidade de apresentar o projeto ao Manobras e sabíamos que um dos pontos fortes ia ser a relação com a comunidade achamos que isto fazia todo o sentido.” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“Foi um convite direto do Anselmo e da Ana, tentar construir alguma coisa no Porto, com o espírito do Manobras, inicialmente tinha pensado numa atividade mas já muito ligada ao aspeto da ludicidade” (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)</p> <p>“Através do Maus Hábitos, já tinha feito alguns trabalhos no Maus Hábitos e perguntaram-me se eu não queria tratar deste projeto.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p> <p>“O Manobras caiu quase como a cereja no topo do bolo para nós, na altura estávamos à procura de financiamento para outro projeto (...) e o Manobras descrevia que queria traçar uma relação bastante profunda com as comunidades, e o facto de fazer isso no centro histórico para mim foi fantástico (...) eu propus um projeto em que a partir dessa</p>

	<ul style="list-style-type: none"> • A ideologia do Manobras influenciou todos os projetos pela ideologia que transporta consigo, isto é, o intuito de dar algo à cidade do Porto, envolvendo as suas gentes 	<p>comunidade em que poucas pessoas conseguem entrar, nós vamos tentar perceber de que forma é que eles podem olhar o mundo à volta deles, e propus, mas eu só gostava de fazer isto se houvesse uma ligação com a língua portuguesa, ou seja, a oportunidade de traçar uma linha pelas comunidades lusófonas no Porto, tanto as comunidades lusófonas como o pessoal do centro histórico são pessoas à margem da cidade, a gente vê-as, sabe que existem, mas saem pouco no jornal, saem pouco na televisão...e foi essa a proposta que eu lhes fiz, porque quero trabalhar no sentido da língua portuguesa, e gosto muito de trabalhar a nível local, e tudo se congregou, eles gostaram da ideia e avançamos.” (Artista, 33 anos, 10pt)</p> <p>“O Manobras foi aquilo que permitiu concretizar o projeto. A verdade é que também adaptamos à filosofia do manobras, “eu manobro, tu manobras, nós manobramos”, então dá logo para perceber que é um projeto de construção coletiva em que não é uma simples oferta de atividade cultural, portanto o manobras permitiu através do financiamento concretizar e chamar as pessoas (...) o grande desafio é envolver pessoas ativamente e não passivamente que é o que se faz na maior parte das vezes.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p> <p>“(...) a rádio desde logo a sua identidade foi marcada como mais ou menos uma transposição para o meio radio de todos os objetivos que o manobras tem (...) ao mesmo tempo a radio também nasceu para ser uma espécie de braço armada de comunicação em 1ª mão daquilo que o manobras está a fazer, a ser quase porta-voz dos projetos do Manobras do Porto.” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p> <p>“Influenciou imenso, porque nós tentamos dentro daquilo que nós pretendíamos, corresponder à missão do próprio Manobras, que fosse alguma coisa que ficasse para a cidade, que fosse construída na cidade, com as pessoas da cidade, de interesse da</p>
--	---	---

	<ul style="list-style-type: none"> • Todos os projetos têm em comum o envolvimento das pessoas, a troca de experiencias. São projetos que têm na sua génese a participação da comunidade local. São projetos que pretendem dar visibilidade a aspetos menos conhecidos da cidade. 	<p>população local mas não ficasse fechada ao mesmo tempo, num gueto, nas pessoas da zona histórica, que fosse aberto também à parte exterior. Todo o projeto foi concebido a pensar a missão do Manobras, nós tentamos corresponder completamente.” (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)</p> <p>“Eu gosto de acreditar que é um projeto participativo, de recolha de poesia popular, poesia aqui é poesia da vida, é poesia do dia a dia, que é algo poético, popular, e que é algo quer muito fazer duas coisas: quebrar a invisibilidade duma serie de pessoas do porto e outra é tentar criar beleza onde ninguém normalmente vê essa beleza. Através da exposição de rua, que tivemos os cartazes pela rua, nós conseguimos não só quebrar um pouco dessa invisibilidade, como apresentamos várias cores, desde o mais branquinho ao mais escuro. O que nós quisemos fazer era isso, o participativo, o poético e a quebra da invisibilidade das pessoas.” (Artista, 33 anos, 10pt)</p> <p>“Considero que isto é um caminho, mais do que um projeto final ou uma coisa acabada (...) começamos a ver que as pessoas querem fazer alguma coisa e querem que seja uma coisa útil, a confrontação com a comunidade deu-nos mais força e mais razão à nossa ideia, e daí vem outro ponto forte que é o cultivar um espaço, torna-lo útil em vez de desabitado (...) dá uso à terra, uso às pessoas porque estão a usufruir daquele espaço, estão a ocupar o seu tempo, dá-lhes um certo ganho a nível económico, toda a parte útil e de aproximação à terra é o segundo pilar do projeto.” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“Ser porta-voz dos projetos do manobras (...)os objetivos já se alargaram e agora que estamos a ser cada vez mais uma radio local, uma radio do povo, uma radio do porto para as pessoas do Porto, com pessoas do Porto. Uma rádio com pronúncia quase, em si uma rádio dedicada ao Porto, que fala de assuntos do Porto e daquilo que é interessante</p>
--	--	--

	<p>Dar uso a espaços vazios, e desabitados, dar utilidade.</p>	<p>para a cidade, vista por pessoas de dentro do Porto, uma rádio local.” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p> <p>“ (...) Queremos cantar poesia do Porto feita por pessoas do Porto (...) A nossa parte é arranjar musica e músicos para que as pessoas possam ver os seus poemas cantados, também damos oportunidade das pessoas os cantarem para quem não sabe fazer poemas ou para quem tem algumas dúvidas também facilitamos a realização dos poemas através de profissionais que podem dinamizar sessões para que as pessoas ao final de algum tempo já possam estar a escrever poesia para fado, portanto é um serviço feito para eles, se não houverem pessoas que não queiram esse serviço as coisas não resultam.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p> <p>“é um espaço que não existe na cidade, um espaço criativo e de ludicidade, para todas as idades, um espaço tipo parque de diversões, nem é uma ludoteca ao mesmo tempo, não é um espaço onde existem jogos típicos e tradicionais para fazer, é um espaço em que as pessoas vão construindo as suas próprias brincadeiras, é um espaço de muita interação, intergeracional...(…) para além de ser um espaço lúdico e criativo, tem uma componente estética muito forte, uma relação muito forte com a parte artística, e que fosse construído com a gente local, daí o nome “em construção”, a ideia é que não aparece feito, vai-se construindo, através das oficinas e de intervenções de artistas e depois foi-se construindo na própria casa.” (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)</p> <p>“Começou aqui na 10pt (...) rapidamente percebemos que precisávamos de mais gente a trabalhar a nível especializado (...) Então fomos buscar o Centro de Estudos Africanos, Universidade do Porto, Instituto de Sociologia, Universidade Lusófona, contactamos</p>
--	--	---

	<ul style="list-style-type: none"> • Ao nível dos elementos ligados à conceção do projeto, foram sempre concebidos ou por associações ou a título individual, como é o caso da Casa das Brincadeiras 	<p>também com a Universidade Católica.” (Artista, 33 anos, 10pt)</p> <p>“Inicialmente foi uma proposta, via Anselmo (...) e entretanto a ideia chegou a mim, quando chegou a mim já havia um conjunto de contactos feitos pelo Anselmo de possíveis interessados neste projeto, eu era uma dessas pessoas, depois havia mais pessoas ligadas a outras rádios on-line que já existem na cidade” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p> <p>“Este é um projeto da S.P.O.T., depois criamos uma equipa de trabalho porque achamos que era importante estarmos a trabalhar em diferentes áreas, tínhamos alunos do MADEP (...). Tínhamos a nível sociológico, tínhamos dois rapazes da Casa da Horta, o Ale e Mathieu, uma das premissas para se fazer parte das hortas é a proximidade geográfica, nós achamos que isto faz sentido se trabalharmos com a comunidade à nossa volta, e eles já tinham bastante trabalho social feito neste sentido.” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“O Maus Hábitos como um todo (...) no fundo foi a Marianne Baillet e o Daniel Pires que tiveram a ideia inicial, e a Ana Carvalho também.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p>
<p><u>Espaço(s) Utilizado(s):</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Que espaços foram utilizados • Que relações estabeleceram com o espaço 	<ul style="list-style-type: none"> • Percebemos que foram bastante diversos os espaços, e que vão desde espaços estabelecidos a espaços inutilizados. 	<p>“Miradouro da Vitória, Miradouro da Sé, Largo do Padre Américo e Miradouro de Miragaia.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p> <p>“Rua de S. Miguel, nº13, um espaço, uma antiga escola primária, devoluto” (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)</p> <p>“Tínhamos como base a Ribeira, tínhamos a Associação Timorense permitiu-nos usar o espaço como espaço de produção (...) tivemos umas ações na Casa Museu Guerra Junqueiro (Sé), tivemos ações no Clube Literário do Porto, no Hard Club, e onde decorreu o nosso espetáculo de teatro o Abrigo dos Pequenininos.” (Artista, 33 anos, 10pt)</p>

<ul style="list-style-type: none"> Existe possibilidade de continuidade nesse(s) espaço(s). Tem novos espaços em vista para a segunda fase. 	<ul style="list-style-type: none"> As relações estabelecidas foram bastante diferentes de projeto para projeto. A Rádio estando estabelecida no Maus Hábitos possibilitou uma aproximação ao circuito artístico da 	<p>“Temos duas hortas em funcionamento, a horta da Lada, na Ribeira, na freguesia de São Nicolau, e temos a horta da Vitória que é num terreno do Centro Social e Paroquial da Vitória, na rua de São Miguel.” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“Neste momento está instalada no Maus Hábitos a título provisório.” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p> <p>“Facilitou porque o Maus Hábitos é um parceiro natural do Manobras, portanto já está envolvido em vários projetos, a nossa relação com eles pessoal e profissional é boa e já existia antes, por isso, e por uma questão de facilidade só há vantagens em lá estar. (...) Os Maus Hábitos não é um sitio normal... não é uma loja na rua, é um sitio que já tem carga de projeto, tem uma carga ideológica quase, uma carga estética associada ao seu funcionamento, e lá temos muito fácil acesso a um circuito da cidade ou um setor de vida cultural da cidade muito específico, hmm... já estabelecido, que é bom, tem vantagens porque relacionamo-nos muito bem com esse circuito, mas depois tem as desvantagens que é difícil levar pessoas, cidadãos anónimos a relacionarem-se com a radio numa forma espontânea, porque precisamos de os levar lá, os cidadãos que queremos atingir também desde o sapateiro, á dona da mercearia, à senhora que vende legumes, elas não vão naturalmente aos Maus Hábitos, portanto nós aí ficamos um bocadinho condicionados de facto com a nossa capacidade de chegar às pessoas que nós não conhecemos. Nos maus hábitos é fácil para as pessoas que nós conhecemos.” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p> <p>“São dois espaços muito diferentes, o do Centro Social e Paroquial foram praticamente eles que vieram ter connosco através do Manobras e apresentaram-nos o espaço, o da Lada fomos nós que procuramos, e esse foi o que nos deu mais trabalho porque aquilo</p>
--	---	---

	<p>cidade, por outro lado, dificultou porque a pessoa anonima não tem por habito dirigir-se ao Maus Hábitos. O Projeto Olha Lá foi deambulando pela cidade até conseguir reunir um núcleo de pessoas que depois foram chamando outras. notamos um elo de ligação entre todos, que é o de terem criado aproximação com os espaços ocupados e com as pessoas que vivem perto desses espaços.</p>	<p>são dois socalcos andamos a batalhar pelos dois, e estamos à espera que nos deem aprovação formal do lote de baixo.” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“Chegamos ao centro histórico, só estávamos, na verdade só ocupávamos o espaço...foi difícil juntar pessoas para fazer isso, desdobravamo-nos em tudo quanto podíamos para recrutar pessoas para fazer o workshop de fotografia, para participar em varias coisas, era difícil, as pessoas não aderiam. Chegamos a perseguir as pessoas do centro histórico, a ir a caixa de correio delas e deixar bilhetes...o Manobras teve uma tarefa importante aqui que nos conseguiu aproximar dos líderes locais (...) foi difícil recrutar pessoas e só funcionou bem quando recrutamos um pequeno grupo de 10 pessoas e começamos a ir pelo centro histórico...ai começamos a ter o espaço para nós. a ligação do pessoal escurinho com o pessoal do centro histórico foi uma ligação explosiva, mas no bom sentido, riam-se, falavam, tiravam fotos, nós temos fotos fantásticas deles abraçados aos traficantes de droga, abraçados às peixeiras...a rirem-se e tudo mais. Só quando começamos a fazer é que as coisas se começaram a encaixar umas nas outras.” (Artista, 33 anos, 10pt)</p> <p>“a única coisa que aconteceu foi no miradouro da Vitória, foi um bocadinho mais difícil, porque havia lá camisas de resto não foi por aí...foi porreiro ter sido ao ar livre e ser num espaço informal porque criou-se um...em vez de ser um concerto em que existe uma separação muito forte entre o palco e o publico foi mais ténue, do que o primeiro concerto, sem querer fizemo-lo formal depois o segundo já foi um bocado mais em jeito de conversa com as pessoas, apresentamos as pessoas que iam, foi engraçado, fez com que o ambiente fosse mais familiar.” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p>
--	--	--

	<ul style="list-style-type: none"> • Em geral, todos os projetos gostariam de alcançar outros espaços, para conseguirem uma relação mais próxima com o território e com as pessoas 	<p>“Gostaríamos de ter outros espaços, porque não tem tanto a ver com locais mas com pessoas, já conseguimos um pequeno gang junto de nós e vamos apostar nas pessoas que já temos perto de nós, para nos levarem a outras pessoas e abrirem um pouco os nossos horizontes a outras historias que estão por ai que nós não captamos na altura. A nível de espaço ocupamos espaços mais centrais, vamos atras de outros espaços para alem daqueles que já tivemos, até pela surpresa e experiencia.” (Artista, 33 anos, 10pt)</p> <p>“Para juntos conseguirmos ter uma relação mais próxima com o território e por outro lado a questão geográfica também, o ideal para nós seria ter uma loja no Centro Histórico, ou em Miragaia ou na Sé, ou na Ribeira ou até na Vitória.” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p> <p>“Nós somos muito chatas, e massacrmos toda a gente com as nossas ações, e achamos que isto é um projeto que tem de estar intimamente ligado com a Câmara, porque eles têm imensos espaços, e andamos a ver de que maneira é que nos podemos juntar, temos parcerias também com a Lipor, porque eles têm uma rede de hortas e nós queremos que estas nossas passem a ser tudo dentro da mesma rede.” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“Estamos à procura daquilo que existe, temos de ter alguma área disponível, tem de ser um espaço com segurança, neste momento temos um em vista um artigo armazém, na rua das flores, que tem vários pisos e que optaríamos por ocupar dois espaços, com espaços amplos. Gostaríamos de ter um espaço amplo, vazio, que pudéssemos transformar conforme quiséssemos e com espaço ao ar livre, neste momento ainda não conseguimos encontrar, e vamos ficar provavelmente por aí.” (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)</p> <p>“Havia um espaço por cada junta de freguesia, são quatro freguesias do centro histórico e queríamos fazer um concerto em cada junta de freguesia, e este ano queremos fazer da</p>
--	---	--

		<p>mesma maneira assim e queremos ver se fazemos um concerto num espaço emblemático do Porto, sobre o Porto e não necessariamente sobre cada junta de freguesia. Porque dedicamos os concertos a cada uma das juntas de freguesia, fado à moda da Sé, fado à moda da Vitória, fado à moda de Miragaia, queremos fazer isso na mesma mas no final queremos ir para uma sala.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p>
<p><u>Atores Envolvidos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Instituições Envolvidas • Grupos informais envolvidos • Atores sociais envolvidos • Variação do grupo ou não. Que dinâmicas se criaram. • Qual o balanço em termos do envolvimento das 	<ul style="list-style-type: none"> • No que concerne às instituições envolvidas no projeto, cada um deles teve os mais diversos apoios 	<p>“Houve muitas parcerias, com os centros paroquiais, da Sé e São Bento da Vitória, com juntas de freguesia. Foi ao nível de parcerias, arranjam espaços para fazermos as oficinas, na participação de pessoas da 3º idade que pertenciam ao lar de dia do centro paroquial da Sé, crianças dos ATL’s e jardins de infância.” (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)</p> <p>“PortaJazz, que nos arranhou músicos, pedimos aos músicos do PortaJazz para participar” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p> <p>“Tivemos o apoio da Gulbenkian, do Centro de Estudos Africanos, Instituto de Sociologia, Universidade Lusófona, Porto Cultura, da Fnac, da freguesia do Bonfim, da Porto Digital, do Museu da Pessoa, da Associação dos Timorenses, de dois grupos de teatro La Marmita e Palmilha Dentada (...) e um apoio dos Estados Unidos que é a Creative Vision Foundation que pega em projetos de todo o mundo que possam classificar como Creative Activists, que usam a criatividade para criar uma ação social que possa de alguma forma mudar o mundo num sentido mais positivo. E tivemos o Teatro Nacional de São João que nos emprestou figurinos.” (Artista, 33 anos, 10pt)</p> <p>“Associação nacional de treinadores de futebol que nos ajudou a conseguir o espaço.” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“O Manobras no Porto com todas as instituições associadas, a Porto Lazer, a Sociedade de Reabilitação Urbana, são os mentores, são quem financiou e avançou com isto,</p>

<p>peessoas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Grupos informais envolvidos também denotamos uma grande variedade. Sempre grupos do centro histórico do Porto 	<p>depois o Maus Hábitos, temos também relações com a Universidade do Porto através da rádio da Faculdade de Engenharia e da Escola de Jornalismo do Porto.” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p> <p>“Associações locais no centro histórico, grupo musical miragaia, junta de freguesia de São Nicolau, alguns restaurantes, as associações lusófonas do porto, a Associação Mais Brasil.” (Artista, 33 anos, 10pt)</p> <p>“o restaurante “Meia Pipa”, deixou-nos participar numa sessão de fado vadio que eles faziam, o restaurante “Irmãos Limas” cedeu-nos o espaço para fazermos a sessão de fado vadio, o grupo musical de Miragaia também fizemos lá uma sessão de fado vadio, e o café Piolho que também tivemos uma sessão de fado.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p> <p>“Sim, muita diversidade. Em algumas oficinas sobretudo tivemos pais, netos e avós...tivemos uma oficina de construção de mecanismos, e foi muito interessante porque foram os idosos de Centro Paroquial da Sé que se juntaram com gente jovem, de várias idades, foi aquela que houve uma mistura maior em termos de oficina.” (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)</p> <p>“Associações culturais, desde a associação de Miragaia, até ao lar dos velhinhos. o Bernardino e a Filipa que trata mais das questões exteriores, que todos os dias vai produzindo conteúdos, vai falar hora com a Associação Casa Viva, com a Associação de Proteção dos Direitos das Mulheres que está a fazer uma ação ali, ora com a Associação Cultural e Recreativa (...)está sempre no terreno a fazer reportagem, no fundo sobre coisas que acontecem na cidade e que nós consideramos interessantes para a nossa programação e que consideramos interessante falar sobre elas.”</p>
-----------------	---	---

	<ul style="list-style-type: none"> • Excetuando as hortas que se destinavam exclusivamente à utilização dos moradores, os restantes projetos tiveram a participação de pessoas tanto do centro histórico como de fora 	<p>(Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p> <p>“O centro do social do Barredo e de são Nicolau tiveram interesse mas foi sempre tudo muito leve (...) quem fez o trabalho mais profundo foi o Ale e o Mathieu..” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“A publicidade com <i>flyers</i> e debates e falar foi mais direcionada para pessoas do centro histórico, mas apareceram pessoas de todo o lado. Não necessariamente do centro histórico mas do Porto, algumas até pelo <i>Facebook</i> nos enviaram poemas.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p> <p>“Para a exposição de fotografia foram quase 20, para o espetáculo de teatro juntaram-se mais 7 ou 8 pessoas, para a parte de investigação pelo menos 18 entrevistas, talvez mais, e depois as pessoas que nós retratamos na cidade foram 50 retratos diferentes, algumas repetem de um e outro sítio, e depois algumas que vieram com a família ver o espetáculo de teatro.”</p> <p>(Artista, 33 anos, 10pt)</p> <p>“São tudo moradores do centro histórico, na horta da Vitória são os utentes do centro social, e está dividido em dois patamares, no patamar de baixo tínhamos um grupo de mães solteiras e filhos, no patamar de cima são os meninos da creche, os idosos e as pessoas que fazem parte da Casa da Amizade, que são sobretudo sem-abrigo e gente que está a viver o rendimentos social de inserção. Na horta da Lada aquilo está dividido por lotes e cada lote é para uma família, neste momento temos 6 famílias diferentes, todas do centro histórico.” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“São do centro histórico, depois tivemos pessoas envolvidas a nível individual. O público foi muito diversificado.” (Professora Universitária, 54 anos, Casa das</p>
--	--	---

	<ul style="list-style-type: none"> • Foram ações muito rápidas, há exceção das hortas e da rádio, não houve muito tempo. As ações deveriam ter-se prolongado mais no tempo 	<p>Brincadeiras)</p> <p>“Sim, não foi bem compartimentos estanques pois houve pessoas que trabalharam connosco em assistência de produção e foram sempre seguindo o processo e a nível técnico também, e as ações misturaram-se umas nas outras porque tirávamos a fotografia, fazíamos a recolha audiovisual, depois tivemos gente ajudar na montagem da exposição, gente a receber na inauguração da exposição, ao mesmo tempo havia uma conversa a decorrer, as pessoas também foram à conversa, portanto estava tudo ligado.” (Artista, 33 anos, 10pt)</p> <p>“Existe um núcleo central que são os que fazem os programas regulares, que são propostas de pessoas que nos chegam com ou sem experiência mas que querem fazer um programa sobre a cultura urbana (...) depois temos estas aproximações às pessoas, aproximações ao território que vão despertando curiosidade e vamos recebendo alguns compromissos e algumas intenções dessas pessoas em colaborar regularmente com a rádio, principalmente pessoas que fazem, ou não sendo artistas profissionais destas coisas, são pessoas que têm uma atividade ou alguns hobbies que lhes dá margem de manobra e interesse por isto. Desde as senhoras que recitam poesia na ribeira até ao Fernando Alves que escreve fados e é um poeta popular conhecido no Porto, que tem este interesse e esta possibilidade...” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p> <p>“Vai mudando. Fizemos um regulamento, um contracto, por exemplo, tivemos 2 lotes com utentes que agora já saíram e deram lugar a outros, já começamos a ter lista de espera também...regulamos a partir da ordem de chegada, depois têm de mostrar interesse, um dos que deixou de lá estar foi porque nunca vinham, o lote deles estava</p>
--	---	--

		<p>totalmente descuidado, e é um terreno tão pequenino que não podemos deixar que alguém que não tenha interesse não vá lá, o que nos interessa é o fator comunitário.” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“Foi muito rápido, não houve tempo para fazer conforme se definiu, porque uma ação deste género devia ter sido prolongada no tempo...mas por vários motivos, não só por nossos mas principalmente por burocracias relacionadas com financiamento, começamos um bocado tarde e não nos permitiu fazer mais quatro sessões de fado, quatro sessões de escrita criativa e aquilo que nós fomos percebendo, embora tenha sido num mês de férias, as sessões de escrita tinham de acabar antes dos concertos para nós podermos aproveitar as letras. O que fomos percebendo é que foram aparecendo pessoas, algumas foram mais assíduas, mas algumas pessoas que participaram presencialmente ou não participaram com bastante coerência.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p> <p>“Foi, sempre. Para cada oficina era um grupo diferente. Nós tentamos que todas as freguesias tivessem uma oficina, ou pelos menos envolver pessoas das diferentes freguesias, fomos mais ou menos conseguindo, só uma ou duas freguesias é que não conseguimos esse apoio.” (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)</p> <p>“As pessoas são curiosas e a radio tem uma grande vantagem que é um projeto bastante <i>sexy</i> e bastante atraente para as pessoas, só o facto de sermos uma rádio livre que não tem propriamente filtros, não tem uma grelha a que deve obedecer, não tem patrocinadores que tem de respeitar, não tem nenhuma necessidade imediata de rentabilizar publicidade (...) só passamos música do Porto isso é uma das coisas mais notáveis do envolvimento, toda a base sonora que temos foi musica que nos foi cedida voluntariamente, muitas vezes a nosso pedido, mas os autores, músicos ofereceram-nos</p>
--	--	---

	<ul style="list-style-type: none"> • Balanço extremamente positivo para todos os projetos. O objetivo primordial de envolver as pessoas da cidade foi cumprido, apesar de todas as dificuldades 	<p>as musicas para nós passarmos livre de qualquer direito, muitas vezes até estreamos, grande parte das bandas que nós temos é a primeira vez que elas passam numa frequência FM.” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p> <p>“Isto são passos, em que se vai aprendendo e isto do comunitário é complicado... e tem de haver quem mande, tem que haver uma vistoria, e aí caminhamos cada vez mais para de encontro ao que é o regulamento da Lipor (...)o balanço é sempre positivo, mas faz-nos avançar em direções diferentes na próxima fase do Manobras.” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“eu e quem quer que trabalhou connosco no Olha Lá seja do centro histórico ou de fora vai ao centro histórico e é super bem tratado. E antes não havia isso. E essa recetividade é porque as pessoas gostaram daquilo que se passou com elas. As próprias pessoas sentiram-se bastante orgulhosas daquilo que estava acontecer com o Olha Lá e portanto o balanço para mim foi ótimo, a nível pessoal foi ótimo, a nível coletivo tivemos a possibilidade de desenvolver coisas novas, a nível social, agora que apareceram nos jornais, na internet, pela rua, elas perceberam que alguma coisa fez, e nós somos muito bem recebidos lá, e isso foi muito bom para nós.” (Artista, 33 anos, 10pt)</p> <p>“Acho que foi excelente, tivemos as crianças da rua sempre sempre na Casa das Brincadeiras (...) Tivemos também muitas visitas, de centros que não tínhamos trabalhado com eles, um centro de deficientes, até foi comovente, foi impressionante como eles gostaram, a adesão que eles tiveram ao espaço. O centro de dia da sé também nos foi visitar...eu acho que foi uma relação muito boa, uma relação muito próxima. Todos sentimos que foi uma mais-valia, foi um espaço muito bom.” (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)</p> <p>“Em números tivemos praí 100 poemas ou coisa assim, poemas passíveis de serem</p>
--	--	---

		<p>apresentados em publico e cantados, o numero já foi bastante menor. O balanço foi positivo, não foi um processo concluído, ficou em aberto, reparamos que as pessoas poderiam estar dispostas a fazer daquilo uma rotina semanal, para o resto da vida delas e achei que...ter uma iniciativa onde as pessoas podem criar poesia, só por si é espetacular, e possam criar poesia para depois ser cantada por outros (...) este envolvimento das pessoas a fazerem algo sobre o território delas, algo para elas...trata-se de envolvimento local, trata-se também de desenvolvimento pessoal porque as pessoas sentem-se mais valorizadas, trata-se de desenvolvimento de identidade local também, acho que há aqui coisas muito interessantes, que ainda não foram devidamente avaliadas, nem eu próprio consigo perceber a dimensão e o impacto que uma coisa destas pode ter, por muito breve que tenha sido, teve muito impacto porque as pessoas sentiram-se muito valorizadas, ao verem os seus poemas cantados, ou sentirem que aquilo que elas podem fazer é útil...” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p>
<p><u>Mobilização</u> <u>Atores</u> <u>Sociais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Como convidaram as pessoas. Dificuldades sentidas nesse processo. Meios • Como funcionou o processo de trabalho conjunto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Para convidarem as pessoas utilizaram um misto de meios, desde o Facebook, aos flyers, à própria rede de comunicação do Manobras como festival. 	<p>“Fomos chatos...insistimos, insistimos. Os líderes locais se não tivessem gostado de nós tinham-nos criado uma barreira que não conseguíamos chegar aos outros, e foram mostrando abertura para fazer coisas. (...) para convidar as pessoas fomos chatos, quase duas semanas a telefonar todos os dias, a passar pela loja de artesanato. Usamos tudo. As vezes falhamos, mas foi ok, aqui não dá. Tivemos o suficiente para mostrar.” (Artista, 33 anos, 10pt)</p> <p>“Tínhamos várias formas de comunicar com as pessoas, tínhamos uma página na internet, <i>Facebook</i> que era utilizado muito, todas as pessoas que iam participando nós ficávamos com o número de telefone e e-mail, tínhamos uma mailing list e uma phone list que ligávamos pessoalmente às pessoas...mas também as pessoas foram espalhando. Para além disso tínhamos uns flyers que fomos deixando em alguns sítios, em vários cafés, pessoalmente...depois as coisas foram surgindo. É claro que depois existe uma</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Que tipo de relações se estabeleceu durante as sessões. • Quais as estratégias para a divulgação e ampliação das ações. 		<p>espécie de comunidade do fado no Porto, em que surge um acontecimento, as pessoas também falam entre si e chega-se a muita gente.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p> <p>“A forma mais eficaz foi uma mistura de meios tradicionais de comunicação, facebook, divulgar pelos amigos, amigos falam a amigos e a coisa foi crescendo (...) A outra coisa foi a divulgação dentro do Manobras daqueles 5 dias em setembro (...) Depois tivemos a sorte de ter alguns momentos mediáticos relativamente interessantes sobre a rádio, no JN, no P3, uma notícia no Grande Porto, e as pessoas foram chegando até nós.”</p> <p>(Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p> <p>“Foi o próprio Ale que andou em contacto com as instituições sociais da zona, e foi através de flyers, e-mails... muitas destas pessoas não têm internet e a nossa comunicação é feita por essa via, e se calhar demorou um bocadinho de mais tempo. Insistimos que tinha de ser gente dali, gente com certos problemas socioeconómicos porque achamos que isso era o que fazia sentido, foi sobretudo isso... falar com as pessoas, o boca a boca.”</p> <p>(Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“Muito com o apoio do Manobras, e nós também fazendo contactos diretos, a partir da base de dados que nós tínhamos (...) acho que a maior dificuldade foi a época em que isto decorreu, julho e agosto, é muito difícil apanhar as pessoas, as instituições, ATL's, jardins de infância estão fechadas, os que não estavam vão para a praia com os meninos e é mais difícil. Mas mesmo assim conseguimos.” (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Como funcionou o processo de trabalho conjunto. <p>Nós tivemos uma fase de instalação, técnica, que foi de agosto até ao meio de setembro,</p>
--	--	---

	<ul style="list-style-type: none"> • O processo de trabalho conjunto foi intenso e bastante rápido. Para os entrevistados as acções deveriam ter começado à mais tempo. 	<p>e essa fase de instalação técnica foi conseguir os meios que fui eu, a Marisa, com ajuda do António Quaresma (...) depois tivemos uma semana de trabalho intenso em que tivemos diretos de cinco horas seguidas, sempre na rua, por exemplo, foi em setembro, os dias intensos do Manobras no Porto. A partir daí instalamo-nos no estúdio e começamos este trabalho de estruturação.” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p> <p>“A sessão de escrita não é rotineiro, mas as sessões de fado vadio é normal acontecer e passar a mensagem que aquelas sessões de fado vadio tinham um propósito diferente, que era aberto a toda a gente, mas que o propósito era cantar poesia sobre o Porto, não foi muito fácil, muita gente ia lá como sendo uma sessão de fado vadio normal e se fosse preciso cantavam poemas sobre Lisboa, não era bem esse o objetivo, era direccionar o trabalho para dedicar ao Porto, e senti alguma dificuldade mas à medida que...chegamos à ultima sessão e as pessoas tiveram um pouco mais de consciência do que é que estavam ali a fazer, e participavam bastante bem, tivemos cada vez mais pessoas e cada vez mais consciência do que era o trabalho. Tivemos 4 sessões de fado vadio e 4 sessões de escrita.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p> <p>“Uma maluqueira, tivemos a casa em fins de junho, tivemos de requalificar a casa, de garantir que ficava em condições, e depois nas oficinas tivemos intervenção de artistas, 6 artistas diferentes com a gente local, e depois os 4 promotores do projeto fazíamos oficinas baseado na intervenção dos artistas para a construção dos brinquedos-artefactos que iam para a Casa das Brincadeiras, isto foi tudo em simultâneo.” (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)</p> <p>“Foi junho, julho, agosto e setembro, mas agosto aconteceu pouco, foi mais ao nível da produção interna. Posso dizer à volta de 3 meses de envolvimento, a dinâmica foi</p>
--	--	--

		<p>inconstante, houve um atraso imenso para a primeira tranche de dinheiro chegar, o que provocou uma interrupção muito forte na nossa equipa, houve gente que saiu do projeto simplesmente porque não recebia dinheiro. E eu não podia fazer melhor, o dinheiro não vinha, não vinha. Houve coisas que funcionaram bem enquanto puderam funcionar, outras pararam enquanto tiveram que parar, foram 3 meses de ora para, ora temos de fazer tudo agora, e no final criou-se um ritmo de trabalho mais normal, mas foi difícil.” (Artista, 33 anos, 10pt)</p> <p>“O primeiro trabalho que tivemos era de limpeza do espaço e de marcação dos lotes e esse foi muito divertido, foram os primeiros dias e em que vimos o interesse dos utentes (...)A maior parte das pessoas são desempregados, com o rendimento social de inserção, e então eles passam muito tempo lá, muito!, e aquilo cresceu imenso, e mesmo para surpresa dos próprios utentes, foi uma coisa maravilhosa...começamos em outubro e já levaram varias vezes coisas para casa, mas eles passam lá muito, muito tempo, dia sim, dia não, vão regar, estar...” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“Existe, porque o Olha Lá continua mas terminou a parte intensa do olha lá, de criação e de tudo mais e continuamos a ter uma relação com as pessoas, vou jantar aos restaurantes das pessoas, conversamos, mas algumas pessoas não o que é natural. Mas algumas pessoas que vamos encontrando sim, não posso dizer que somos amigos íntimos e jantamos todas as semanas, mas com algumas pessoas criou-se uma relação boa que tomáramos nós ter condições para continuar o projeto.” Entrevista nº 4</p> <p>“A nossa relação com as pessoas é relativamente fácil porque nós não estamos a vender um projeto artístico (...) a nossa relação com as pessoas é muito este processo de sedução para que elas possam e encarem a rádio como uma arma se quisermos ser mais</p>
--	--	--

	<ul style="list-style-type: none"> • As relações estabelecidas foram fortes, pois existiu um grande a vontade e apreciação por parte dos participantes. 	<p>ativos, mais revolucionários quase, a rádio como uma arma para falar daquilo que preocupa a cidade.” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p> <p>“Foi uma relação que foi evoluindo, fazemos sementeiras comuns e passamos de uns para os outros, a parte do comunitário...”se eu não sei pergunto ao do lado”...eles começaram todos a fazer isso, há gente que sabe mais, há gente que sabe menos, e estão sempre a entreajudar entre eles. Passaram a conhecer-se, temos o domingo comunitário em que nos juntamos para olhar para as coisas...para fomentar a relação de toda a gente...” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“As pessoas perguntam quando é que ia haver mais, e as pessoas passavam no Maus Hábitos, depois ao final fizemos um bruching, passavam a perguntar quando é que se ia fazer alguma coisa e tal, mas...este projeto...chegou a hora de acabar o projeto, uma pessoa também desliga do projeto. Mas se nós quiséssemos tínhamos continuado, e cada vez mais porque foi um movimento fantástico, foi em crescendo sempre, chegamos às últimas sessões e tivemos muita gente sempre.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p> <p>“Todas as que conseguimos, não conseguimos a televisão, mas vários jornais nacionais, conseguimos ter rádios nacionais também, rádios lusófonas, houve uma entrevista para a Rádio Moçambique, houve um diário da Cabo Verde, um jornal no Brasil também que publicou, nos estados unidos também, a nível local houve os jornais também, internet, o sítio, o blogue, o <i>facebook</i>, essas coisas, tudo o que dava. Alguns cartazes também...apostamos num contacto mais direto ou virtual. Fomos também ao Porto Canal. E foi isso.” (Artista, 33 anos, 10pt)</p> <p>“Temos uma novidade, compramos uma casa em rodas, uma roulotte e vamos transforma-la em Casa das Brincadeiras, ou seja, indo ao encontro das pessoas. É um</p>
--	--	--

	<ul style="list-style-type: none"> • Em termos das estratégias para divulgação das ações passa muito pelo Facebook, pelo boca a boca, pela própria comunicação do Manobras e por alguns momentos mediáticos. 	<p>espaço transformado em espaço lúdico, e vamos correr as 5 freguesias com conversas, sobre o tema, sobre a ludicidade, a intervenção local, intervenção social...”. (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)</p> <p>“A nossa estratégia agora passa muito por isso, mais do que mandar e-mails, bater à porta das pessoas para elas virem ter connosco, passa por levar a rádio até às pessoas e temos feito isso, temo-nos instalado em associações culturais para fazer os programas da tarde, temo-nos instalado em cafés, temos ido ao encontro de associações e fazer programas lá sobre outras coisas ou sobre elas também. Isto faz com que as pessoas conheçam mais e percebam que é fácil, é acessível usar este meio como meio de comunicação.” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p> <p>“Nós agora para além de confirmar mais dois espaços, andamos a tentar encontrar outras maneiras de participação no projeto, ou seja, já conseguimos os espaços, agora vamos chamar outro tipo de pessoas para virem para os espaços, vamos mostrar às pessoas... a ideia é divulgar, mostrar, e aprender outras coisas nos próprios espaços do que propriamente aumentar em massa o número de espaços, porque não há também muito espaço para isso.” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p>
<p><u>Representações/Significado que os atores dão ao projeto:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Qual o balanço da 1ª fase. • Quais as 	<ul style="list-style-type: none"> • Balanço positivo, um processo em crescendo. As pessoas já vão tendo algum conhecimento do que são as ações e com mais tempo será possível captar mais 	<p>Acho que correu bem tudo. O processo de crescimento foi relativamente sustentado, não foi demasiado rápido (...) correu bem estes processos de estruturação da rádio, a relação com o território não foi tão grande como nós pensávamos que ia ser, e isso deve-se essencialmente, acho eu, à incapacidade que tivemos até agora de nos aproximarmos das pessoas.”</p> <p>(Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p> <p>“Eu acho que correu bem, a única coisa que fiquei a pensar é que não devia ter parado.”</p> <p>(Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p>

<p>dificuldades sentidas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que há para melhorar. • Quais as virtualidades do projeto. • Existe reconhecimento das pessoas. • A que público não conseguiram chegar. 	<p>intervenientes.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A maior dificuldade sentida foi sem dúvida ao nível dos recursos financeiros. Além disso os entrevistados apontam também para a 	<p>“Eu acho que foi uma coisa muito boa ter acontecido, foi isso que me motivou a ir até ao fim apesar dos vários percalços que foram ocorrendo (...) O balanço foi bom, na altura já ficaram muitas coisas por fazer, havia um montão de coisas que podíamos ter feito mais. E agora é aproveitar esta segunda fase, e estamos numa situação melhor agora do que no ano passado, no ano passado estávamos às escuras, agora temos um candeeiro, não temos um holofote, mas temos um candeeiro que nos serve de guia para algumas coisas que fizemos.” (Artista, 33 anos, 10pt)</p> <p>“A limitação maior que nós encontramos foi recursos, porque com recursos poderia-se ter tido mais gente a trabalhar de forma seria. Mas já acho que foi muito bom termos o que tivemos, mas dava para fazer muito mais se houvesse uma cooperativa, em que em grupo se tentasse ir buscar outro tipo de apoios, de forma a que não fosse tao fragmentado, não fossem sempre os mesmos a irem buscar as mesmas coisas, então ai se calhar seria mais fácil fazer algo ainda maior.” (Artista, 33 anos, 10pt)</p> <p>“Este género de coisas não pode haver se não existir financiamento, porque não havia fins lucrativos. As sessões de fado vadio eram livres para quem quisesse entrar, não havia consumo obrigatório nem nada (...) Mas há músicos que têm de ser pagos, pessoas que têm de fazer anúncios e que também têm de ser pagas e o projeto teve de acabar.” Entrevistado nº8</p> <p>“Na parceria com o MADEP, acho que foi o caso de eles serem alunos e não estarem habituados a trabalhar numa vertente mais pratica no terreno, passado pouco tempo do início um dos alunos desistiu, e a rapariga continuou connosco mas via-se que faltava uma parte prática de trabalho e organização.” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“A maior dificuldade foi o tempo, foi muito curto, desde o princípio da casa até à</p>
--	--	--

	<p>há para melhorar é sobretudo a forma para chegar às pessoas e conseguir captar o interesse para que estas se envolvam nos projetos. Também referem que é necessário mais tempo para conseguir chegar às pessoas e que seria importante prolongar as ações no tempo.</p>	<p>visibilidade a todas.” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“Começar mais cedo, fazer mais sessões de escrita, e tentar de certo modo criar um hábito na comunidade para que eles por si consigam aproveitar. O que era interessante mesmo, mas isto é uma opinião, não sei se é pessoal mas talvez seja partilhada por muita gente era fazer um movimento de fado no porto que não fosse igual a todo o lado. Que as pessoas fizessem poesia sobre o Porto, que tentassem ter um estilo mais próprio a tocar, isso é que era interessante! Isso é o meu...vá lá...a minha intensão mais pessoal, mais oculta. (...) Vai melhorar o envolvimento das pessoas porque queremos fazer com mais calma e com mais tempo. Mais pessoas, mais tipos de pessoas e mais envolvimento e melhor envolvimento também.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p> <p>“As pessoas, trazer as pessoas para contarem a vida deles...fazer com que essas pessoas possam chegar aos outros e teres comentários de vários sítios do mundo a dizer que isto como trabalho artístico vale muito. O produto em si era bonito...e o espectáculo não é só um espectáculo de teatro, é um espectáculo que recupera as vozes daqui, e qualquer sitio onde ele passasse, leva as vozes daqui e isto é bestial! Nós temos as pessoas, damos a possibilidade de saírem para fora e quando conseguimos ser bem sucedidos conseguimos criar um produto que no final é bonito.” (Artista, 33 anos, 10pt)</p> <p>“É o facto de ocuparem um espaço vazio, dar ocupação às pessoas, a proximidade com a terra, e o que é que isso traz de bom, não só a nível económico mas também a nível mental, a nível psicológico...acho que é óptimo, há tantos espaços vazios, no centro da cidade, com vistas maravilhosas estão fechados e vazios...” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“Prazer, felicidade e alegria que aquilo deu às pessoas, das coisas mais interessantes foi</p>
--	--	--

	<ul style="list-style-type: none"> • Em termos das virtualidades dos projetos, é de fato notório que todos eles salientam o contato com a comunidade local e o envolver dos atores sociais. Outro aspeto importante é a reabilitação de espaços vazios da cidade. Também o facto sentirem que as pessoas envolvidas estão agradecidas. 	<p>o sentirmos que aqueles meninos que estavam na rua passaram a estar dentro da Casa das Brincadeiras, aí foi completamente cumprida, era um espaço essencialmente para aquelas pessoas, foi a capacidade que tivemos de misturar públicos, tanto os meninos da zona histórica como famílias, como pais e filhos, como escolas...foi a abertura a outras coisas, porque durante os dias do Manobras tivemos outras actividades, tivemos contos encenados, uma projecção de cinema de animação, concerto, varias coisas, não ficou só fechado ali (...) foi um espaço para toda a gente, para todas as idades, às vezes víamos pessoas que achavam que já não tinham idade para brincar e depois saiam de lá felicíssimas, e acho que termos conseguido encontrar um local no Porto que as pessoas têm para brincar e para interagir e para criar foi conseguido..” (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)</p> <p>“Sim, sim, no final recebi muitos abraços, muitos obrigados, a dizer que foi a melhor coisa que aconteceu...foi muito giro.</p> <p>O objectivo era envolver as pessoas, num processo em que elas pudessem criar, e que depois a criação delas fosse partilhada e fosse também utilizada por músicos, e isso foi completamente cumprido (...) utilizamos muitos poemas de poetas populares do Porto que nos forneceram e também alguns do dinamizador, queríamos utilizar muito mais poemas das pessoas que participaram, das pessoas que não eram poetas mas que participaram e aqui os objectivos não foram tao bem alcançados, mas fazer musica, fazer fado à moda do Porto conseguimos porque as pessoas adoraram, misturar fado com outros instrumentos o que seria impensável, as pessoas reagiram muito bem a isso.</p> <p>Agora o objectivo de se criar um hábito de as pessoas fazerem poesia sobre o Porto e tocarem de uma forma diferente, esse é um objectivo subjectivo subjacente ao projecto mas não está lá escrito, esse objectivo não foi realizado, mas no fundo não foi um objectivo proposto...directo.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p>
--	---	---

	<ul style="list-style-type: none"> • Todos os entrevistados sentem o reconhecimento das pessoas. A rádio, sendo o projeto mais “escondido” não tem tanto esse feedback. Criaram-se empatias, proximidade entre as pessoas. Há um grande sentido de agradecimento por parte de quem participa. A experiência foi vivida por todos de forma intensa. 	<p>“É um meio de comunicação aberto, fácil e rápido e praticamente impossível de censurar, ser mecanismo único, um mecanismo de comunicação que não depende de quem o recebe, que depende exclusivamente de quem o transmite, não precisas de fazer nada para ouvir a rádio, só tens de ter um rádio. Não tens de pagar, é fácil. E depois esta capacidade, que também a tecnologia nos permite de sermos altamente portáteis e de nos podermos aproximar muito das pessoas, ou seja, estas características fazem com que a radio seja uma ferramenta poderosíssima de comunicação dentro da cidade.” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Existe reconhecimento das pessoas. <p>“Claro, eu sou a engenheira Joana! (risos) Nem sequer sou engenheira mas pronto...é bom, porque eles têm todos muito respeito por nós e fazem as coisas conforme nós lhes pedimos. Existe muita proximidade.” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“Sinto à sua medida, mas foi muito rápido...foi um flirt de verão. É isto que eu sinto, foi bom, sinto o reconhecimento mas também um bocadinho de frustração nossa e deles porque é difícil...tivemos coisas muito pessoais a serem reveladas para nós...de uma forma castiça pela forma como as pessoas se davam a nós, mas é como tudo...” (Artista, 33 anos, 10pt)</p> <p>“Gostava de sentir mais, mas daquelas que nos ouvem sim.” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p> <p>“Completamente. Tínhamos um livro se as pessoas quisessem escrever alguma coisa, e é impressionante o que eles dizem lá, é muito bom.” (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)</p> <p>“Sim, sim, no final recebi muitos abraços, muitos obrigados, a dizer que foi a melhor coisa que aconteceu...foi muito giro. O objetivo era envolver as pessoas, num processo</p>
--	---	---

	<ul style="list-style-type: none"> • Dependendo do projeto as respostas são diversificadas. Mas de uma maneira geral, os entrevistados sentem que podem conseguir captar mais participantes. 	<p>em que elas pudessem criar, e que depois a criação delas fosse partilhada e fosse também utilizada por músicos, e isso foi completamente cumprido.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p> <p>“Do grupo que nós trabalhamos varias pessoas, muitas. A nossa taxa de sucesso não impressiona ninguém...tivemos de falar com muita gente para conseguir alguns.” (Artista, 33 anos, 10pt)</p> <p>“A dos produtores, andamos atrás deles agora.” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“Reparei que foi muito centrado na comunidade de fado, se calhar 80% dos participantes foi a comunidade de fado que se entretém a ir às sessões de fado, uma população um bocadinho mais idosa, 55, 60 anos para cima, foi a maior parte das pessoas que conseguimos ter como clientes habituais e, pronto...eu gostava de generalizar isto ao publico em geral, ter uma representação equilibrada das pessoas do Porto e não só uma faixa etária e um grupo que percebe de fado, eu acho que isto é um projeto democrático e embora a linguagem musical de base seja o fado, nós fazemos fado de uma forma diferente.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p> <p>“Acho que foi muito diversificado, tivemos gente local, gente mais afastada, estrangeiros, escolas, visitas marcadas, instituições do ensino superior (...). Acho que foi muito rico para todos nós.” (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)</p>
<p><u>Possível Autonomização do Projeto:</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Para estabelecerem novas ligações com os participantes os entrevistados 	<p>“Através de uma presença maior no território, e conseguirmos parcerias estratégicas na cidade para que a rádio seja de facto ouvida.” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p> <p>“Este ano vamos de encontro à mulher, um projeto todo sobre a mulher...acho que vai</p>

<ul style="list-style-type: none"> • Como poderão estabelecer novas ligações com os participantes. • Como poderão funcionar por si próprios. 	<p>consideram que será importante alargar o prazo das ações, bem como alargar a rede de parcerias e participantes.</p>	<p>haver um bocadinho de talento, engenho e arte, e acho que pode ser muito bom porque não só eles vão continuar a mostrar-se e a mostrar coisas deles para fora, como cada um vai ter um olhar peculiar de como vê a mulher. A ideia é criar uma serie de estímulos, de forma a que eles possibilitem connosco e com eles um olhar particular da mulher. (...) este ano podemos chegar um pouco mais fundo, até porque a correr bem teremos mais tempo.” (Artista, 33 anos, 10pt)</p> <p>“Queremos criar tipos de informação diferente para dar às pessoas, não só os de dentro das hortas mas os de fora (...) outra das coisas que queremos começar aos bocadinhos é criar um mercado de produtores locais, as nossas hortas são pequeninas e os lotes são pequenos, mas é interessante começar a ver que eles podiam ter mini cabazes para irem vendendo, há mil coisas ainda por fazer, e é isso que nós queremos explorar este ano, ou seja, mais do que estar a conseguir quinhentas hortas, interessa-nos ir criando outras ligações.” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“Alargar o prazo das ações, as ações não se concentrarem num mês só, mas concentrarem-se num período mais alargado faz com que a ideia se espalhe mais, com que as pessoas ponderem mais o que estão a fazer e que isso integre durante mais tempo algumas rotinas o que pode dar origem a um hábito mais forte e pode fazer com que...sendo a presença mais forte durante um determinado tempo fazer com que as coisas não esvaneçam tao facilmente.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p> <p>“Este projeto em termos musicais vai ser um pouco mais ambicioso, e também um dos objetivos disso é poder dar uma visibilidade, e poder dar um outro padrão de qualidade para que este projeto possa ter mais visibilidade no pais e internacionalmente também (...) dar uma embalagem mais bonita ao que está a acontecer, essa embalagem mais bonita pode vender melhor, portanto é particulares que queremos envolver. Mas a partir</p>
--	--	--

	<ul style="list-style-type: none"> • Ao nível da possível autonomização dos projetos, os entrevistados consideram que os apoios financeiros são a base de tudo, porque é necessária sempre uma entidade financiadora uma vez que falamos de projetos sem fins lucrativos. Uma das ideias sugeridas foi a de crowdfunding. 	<p>do momento em que é preciso envolver as pessoas sem fins lucrativos é preciso ter uma entidade financiadora. Estimular as pessoas a fazerem algo de diferente, estimular as pessoas a escreverem poesia e depois pode ser que elas por si próprias, em vez de irem ao fado vadio cantarem o poema que a Amália cantou à 30 anos cantem um poema feito por si, que ganhem gosto nisso e que eventualmente músicos de outras áreas possam interessar-se pelo fado e começar a fazer fusões e haverem mais concertos, esse é...é a minha perspetiva ou o meu desejo para que o projeto continue por si só. (...) trabalhamos com os melhores profissionais, e não descemos os padrões de qualidade...não sei, tem mesmo de haver financiamento.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p> <p>“Completamente sozinha não consegue, porque uma das coisas boas do Manobras e da Casa das Brincadeiras é ser gratuito, não há essa barreira, e isso é uma coisa que nós queremos manter, se não vier fundos de algum outro lado não é possível manter-se isto.” (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)</p> <p>“é o nome da S.P.O.T. que está lá, foi a S.P.O.T. que se responsabilizou pelo projeto, deu a cara perante a câmara, perante toda a gente, se alguma coisa corre mal há de ser a S.P.O.T. a ser responsabilizada e nós preferimos garantir que não vai acontecer nada de mal. Não é que eles não tenham capacidade, têm, mas nós achamos que faz mais sentido se continuar haver uma monitorização e umas regras, e alguém a tomar conta de certa forma, dando toda a liberdade para se discutirem as ideias, as propostas...mas tem de haver alguém.” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“É uma questão legal que nós funcionamos num quadro legal provisório e temos de fazer várias démarches e várias parcerias e alguma pressão política também para conseguirmos um processo de legalização. (...) Resolvida esta, temos a questão financeira, que é preciso pagar a pessoas para trabalhar nisto a tempo inteiro ou então</p>
--	--	---

		<p>conseguir um conjunto brutal de pessoas que disponibilizem uma parte do seu tempo voluntariamente para trabalhar nisto.” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p> <p>“Pode, através da participação coletiva. (...) Podes gerar um entusiasmo de cidade em que as próprias pessoas podem tornar a cidade em algo apelativo (...) Se conseguirmos fazer com que estes projetos possam se sustentabilizar de várias maneiras...vai ser sempre necessário financiamento, é como para as escolas é como para tudo! Se conseguires fazer varias ações em que tens produtos que possam ser vistos, em que crias linhas de ação com as pessoas, em que dinamizas a cidade e crias uma outra vibe na cidade, a cidade ganha, e ganham as pessoas que habitam na cidade.” (Artista, 33 anos, 10pt)</p>
<p><u>Rede de Cooperação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Qual a interpretação (instrumentalização) que o Porto faz (fará) do Manobras no Porto em seu benefício. • Como poderão montar um modelo 	<ul style="list-style-type: none"> • Ao nível da interpretação que se dará ao Manobras, os entrevistados consideram que o festival foi mal divulgado, e que muitas pessoas da própria cidade não tiveram conhecimento do que aconteceu. Daí a menor visibilidade dos projetos 	<p>“O Manobras falhou incrivelmente no <i>timing</i> de divulgação, fê-lo muito tarde, de forma pobrezinha...o Manobras passou quase despercebido. (...) Não é porque de repente estão acontecer uma serie de coisas num sitio em que quase ninguém vai, que é o centro histórico, só quem lá mora ou se lembra de passear, dar a voltinha dos tristes é que lá vai...Se bem divulgado acho que pode ajudar aquela união de recursos, porque há pessoas que vão gostar de fazer isso, há pessoas que vão gostar de ter o nome deles associado a uma iniciativa deste género, há pessoas, entidades, empresas, etc. é turismo feito a partir das pessoas! E não turismo a partir duma superfície, se for feito dessa maneira acho que o Porto vai adorar o Manobras, se passar despercebido ou for só para alguns, uma elite, um círculo artístico...não foram 3 pessoas ver o Manobras, foi muita gente, mas para aquilo que foi feito não houve público...o público não foi ensinado, não foi bem dirigido para lá” (Artista, 33 anos, 10pt)</p> <p>“A maior parte das pessoas do Porto não perceberam que houve Manobras, foi um nicho</p>

<p>de cooperação entre diversos agentes que viabilize a perduração do projeto.</p>	<p>e das ações. Poderá ser uma base importante para futuras intervenções, pois o aspeto de envolvimento local e de valorização da cidade é benéfico para todos os envolvidos.</p>	<p>um bocado mais local, as pessoas dos sítios onde aconteceu aperceberam-se um bocado melhor, e...aquilo que a cidade pode fazer é perceber que projetos que integrem as pessoas verdadeiramente (...) envolver as pessoas na produção cultural, e haver uma mistura um bocado maior entre os profissionais e as pessoas que gostam do que os profissionais fazem, pode ser interessante. (...) quem pode trazer esse Tony não sei que, se calhar arranja uma equipa de profissionais que não têm cachets tão elevados e conseguem fazer mais produção cultural em termos de quantidade, envolvendo as pessoas. Isso promove desenvolvimento local, promove desenvolvimento pessoal, promove o bem-estar dum local.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p> <p>“Eu acho à partida que qualquer evento que envolva muita gente e muitas instituições da cidade, e muitas pessoas que estejam a trabalhar para a cidade já é bom, é sempre bom. Agora acho que a comunicação do Manobras não funcionou, e que por isso o público não aderiu como poderia ter aderido, e acho que isso é uma pena (...) Acho que é bom, que é importante, mas acho que tem de ser mais noticiado, mais mostrado, porque incidiu cirurgicamente em alguns sítios, mas o geral...acho que há muita gente que nem sequer sabe o que é o Manobras...” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“Acho que pode retirar aquilo que já retirou de projetos relativamente equivalentes, comparar o mesmo território, a cidade pode perceber que faz sentido existirem ações que atuem na cidade, neste território do centro histórico, da Baixa ou do centro do Porto, que valorizem aspetos da cidade ou visões da cidade ou rotinas ou narrativas da cidade que não são valorizadas pelos meios mais comuns.” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p> <p>“Há pessoas que tomam decisões, os políticos tomam as decisões, e...alguns políticos</p>
--	---	--

	<ul style="list-style-type: none"> • Ao nível do modelo de cooperação entre diversos agentes há aqui um aspeto a reter, que é o do crowdfunding, que funciona através da angariação de financiamentos para projetos que uma comunidade partilhe, ou seja, todos contribuem para determinada ideia. 	<p>que vão buscar financiamento para realizarem coisas deste género outros vão buscar para outras coisas, é haver mais dinheiro para isto, ou seja, a partir do momento em que há canais de financiamento que permitem haver concertos pelo menos dados às pessoas em que as pessoas não têm de participar vai sempre existir, não quer dizer que isso seja mau mas, tem que haver mais...o Manobras abre um projeto, abre uma filosofia: queremos agentes que participem nessa filosofia e tiveram agentes. Tem de haver uma entidade que diga: queremos trabalhar assim, queremos pessoas para cooperar connosco, e vamos fazer as coisas. É simples.” (Músico, 29 anos, Maus Hábitos)</p> <p>“Precisamos de dinheiro para funcionar, á outras coisas que não precisam de dinheiro para funcionar... De que forma é que isto pode ser feito? Dás-me uma coisa eu dou-te uma coisa que tu queres, vamos é sentar-nos para falar...os grandes têm poder de argumentação, nós mais pequenos temos um poder de argumentação menor...se queres fazer a nível de cidade não sei, mas a ideia deve ser sempre a mesma.” (Artista, 33 anos, 10pt)</p> <p>“Neste momento o nosso projeto e a nossa forma de viabilizar a rádio é básica, associarmo-nos a instituições chave da cidade do porto, escola de comunicação social e eventualmente uma ou outra instituição cultural que por um lado nos deem suporte financeiro (...) provavelmente a única via de sobrevivência da rádio no futuro, e depois do ponto de vista de financiamento a nossa estratégia passa também por uma coisa que agora está na moda...”crowdfunding”, uma espécie de caridade não católica, no fundo, pedir dinheiro às pessoas para a sustentabilidade do projeto.” (Produtor Artes Performativas, 34 anos, Ao Cabo Teatro)</p> <p>“Nós temos interesse em que as coisas funcionem e nós lutamos para que elas funcionem mas até onde é viável. Se conseguirmos reunir as condições para que isto funcione, e daí a parceria com a Lipor e com a Câmara começa a ser importante, porque</p>
--	---	---

		<p>se houver aqui uma abertura grande da parte da câmara para nos ceder os terrenos, se a Lipor estiver disposta a entrar com a monitorização, nós aí podemos pensar numa forma de conseguir o apoio a nível de ferramentas e de materiais e ir expandindo este leque de hortas, mas se estas condições não se forem juntando e não funcionarem nós temos de continuar o nosso caminho por outros lados.” (Produtora Cultural, 34 anos, Spot)</p> <p>“Acho que nas coisas não há duas vezes iguais, não há duas situações iguais...acho que o mais importante é conhecer-se coisas que funcionaram, que tiveram resultado e tentar adaptar, criando cumplicidades entre as pessoas. Acho que é através das parcerias e do conhecimento que se vai tendo, acho que o Manobras é fantástico nesse aspeto porque permitiu muitos projetos e muitas ideias que existem.” (Professora Universitária, 54 anos, Casa das Brincadeiras)</p>
--	--	---

Anexo 7 - Grelha da Situação de Observação

Data:		
Horas de Observação:	Início:	Fim:
Posicionamento do Observador face ao cenário de observação:		

Categorias	Dimensões	Descrição
I. Cenário	1. Coordenadas Temporais	Data; Duração da Observação
	2. Coordenadas Espaciais	Identificação do Espaço: Descrição da ambiência geral (sons, cheiros e meteorologia);
II. Atores Sociais	3. Equipa	Equipa Presente; Modos de apresentação; Modos de Interação; Posicionamento no Espaço
III. Tarefas	4. Atividades realizadas	Perspetiva das atividades realizadas na instituição

Anexo 8 - Grelha da Situação de Observação nº1

Data: 16 de Novembro 2011		
Horas de Observação: 1h e 30 m	Início: 11h	Fim: 12.30
Posicionamento do Observador face ao cenário de observação: Situada na mesa principal do escritório, do lado direito da entrada do mesmo, com visão geral para o resto do espaço.		
Categorias	Dimensões	Descrição
I. Cenário	1. Coordenadas Temporais	16/11/2011 1h e 30m
	2. Coordenadas Espaciais	Situada na mesa principal do escritório, do lado direito da entrada do mesmo, com visão geral para o resto do espaço. Lá fora chove intensamente. Dentro do escritório apesar da presença de dois aquecedores a gás, o frio faz-se sentir. O ambiente é calmo e silencioso, não se percebem grandes cheiros
II. Atores Sociais	3. Equipa	Presença de dois técnicos da Opium, da secretária que está mesmo à minha frente. As roupas são quentes, com casacos de inverno. De quando em vez trocam-se algumas palavras a propósito de trabalho, mas cada um dos atores está concentrado na sua mesa de trabalho, olhando atentamente para o computador
III. Tarefas	4. Atividades realizadas	Cada ator está concentrado na sua função. Envio de e-mails, telefonemas, pesquisa.

Anexo 9 - Grelha da Situação de Observação nº2

Data: 25 de Novembro 2011		
Horas de Observação: 1h e 00 m	Início: 14.30h	Fim: 15.30
Posicionamento do Observador face ao cenário de observação: Situada na mesa principal do escritório, do lado direito da entrada do mesmo, com visão geral para o resto do espaço.		
Categorias	Dimensões	Descrição
I. Cenário	1. Coordenadas Temporais	25/11/2011 1h 00m
	2. Coordenadas Espaciais	Situada na mesa principal do escritório, do lado direito da entrada do mesmo, com visão geral para o resto do espaço. No interior do escritório está agradável, uma vez que lá fora está bastante frio. O ambiente é calmo e silencioso, só interrompido pelo tocar do telefone ou pelas conversas paralelas que se vão mantendo. Não se percecionam grandes cheiros.
II. Atores Sociais	3. Equipa	Presença de três técnicos da Opium, e da secretária que está mesmo à minha frente. As roupas são quentes, aparentemente confortáveis, roupa informal. De quando em vez trocam-se algumas palavras a propósito de trabalho ou de outros assuntos, mas cada um dos atores está concentrado na sua mesa de trabalho, olhando atentamente para o

		computador
III. Tarefas	4. Atividades realizadas	Os atores realizam bastantes telefonemas, recebem também. Mas o essencial do trabalho é feito ao computador, através de e-mail. Tive a possibilidade de ter algumas conversas com a directora de conteúdos do Manobras, por forma a ter um conhecimento mais aprofundado do festival.

Anexo 10 - Grelha da Situação de Observação nº3

Data: 2 de Novembro 2011		
Horas de Observação: 1h e 30 m	Início: 14h	Fim: 15.30
Posicionamento do Observador face ao cenário de observação: Situada na mesa principal do escritório, do lado direito da entrada do mesmo, com visão geral para o resto do espaço.		
Categorias	Dimensões	Descrição
I. Cenário	1. Coordenadas Temporais	2/12/2011 1h e 30m
	2. Coordenadas Espaciais	Situada na mesa principal do escritório, do lado direito da entrada do mesmo, com visão geral para o resto do espaço. Lá fora chove intensamente e está bastante frio. Um dos aquecedores avariou e está desagradável dentro do escritório. O ambiente é descontraído, calmo e

		silencioso.
II. Atores Sociais	3. Equipa	<p>Presença de três técnicos da Opium, da secretária que está mesmo à minha frente. Todos têm os casacos de inverno vestidos, devido ao frio que se faz sentir.</p> <p>Vão-se trocando algumas palavras, aproveita-se para tomar um café ou um chá depois da pausa para o almoço. Está tudo calmo e relaxado, retomando o posto de trabalho. Recebem-se telefonemas, vai-se conversando sobre os projetos, entre eles o Manobras, e sobre o balanço da 1ª fase.</p>
III. Tarefas	4. Atividades realizadas	Trabalho sobretudo feito pelo contacto telefónico ou por email, com pessoas envolvidas nos vários projetos que estão a ser desenvolvidos pela equipa.

Anexo 11 - Grelha da Situação de Observação nº4

Data: 3 de Janeiro de 2012		
Horas de Observação: 1h	Início: 10.30h	Fim: 11.30
Posicionamento do Observador face ao cenário de observação:		
Situada na mesa principal do escritório, do lado direito da entrada do mesmo, com visão geral para o resto do espaço.		
Categorias	Dimensões	Descrição
I. Cenário	1. Coordenadas Temporais	3/01/2012 1h

	2. Coordenadas Espaciais	Situada na mesa principal do escritório, do lado direito da entrada do mesmo, com visão geral para o resto do espaço. Dentro do escritório está bastante frio.
II. Atores Sociais	3. Equipa	<p>Presença de dois técnicos da Opium, da secretária que está mesmo à minha frente. Chegada de um novo elemento, que é integrado no projeto Festival do Norte. Está sentado do meu lado esquerdo.</p> <p>As roupas são quentes, com casacos de inverno.</p> <p>O ambiente é descontraído e divertido, a chegada de um novo elemento propicia a novos temas de conversa.</p>
III. Tarefas	4. Atividades realizadas	<p>Trabalho realizado sobretudo ao computador. Vão-se trocando ideias sobre o festival do norte.</p> <p>Tive oportunidade de tirar dúvidas com a coordenadora de conteúdos sobre o Manobras, num ambiente descontraído e informal. Bastante receptividade dos técnicos.</p>

Anexo 12 - Grelha da Situação de Observação nº5

Data: 24 de janeiro de 2012		
Horas de Observação: 1h e 45m	Início: 16h	Fim: 17h e 45m
Posicionamento do Observador face ao cenário de observação:		
Situada na mesa principal do escritório, do lado direito da entrada do mesmo, com visão geral para o resto do espaço.		

Categorias	Dimensões	Descrição
I. Cenário	1. Coordenadas Temporais	24/01/2012
	2. Coordenadas Espaciais	Situada na mesa principal do escritório, do lado direito da entrada do mesmo, com visão geral para o resto do espaço. Os aquecedores tornam o ambiente mais agradável, apesar de se sentir de forma intensa o cheiro a gás.
II. Atores Sociais	3. Equipa	Presença de dois técnicos da Opium, e da secretária que está mesmo à minha frente. Vão-se trocando palavras ora de trabalho ora de outros assuntos. Entretanto chegam duas pessoas, que vêm para uma reunião sobre o Manobras, essa reunião é realizada na sala do lado. O ambiente está calmo e silencioso.
III. Tarefas	4. Atividades realizadas	Cada técnico vai trabalhando na sua secretária, trocando ideias com os colegas.

Anexo 13 - Grelha da Situação de Observação nº6

Data: 17 de fevereiro de 2012		
Horas de Observação: 1h e 30 m	Início: 14h 30m	Fim: 16h
Posicionamento do Observador face ao cenário de observação: Situada na mesa virada para a janela, do meu lado está a coordenadora de conteúdos, à minha frente está a mesa da gerente da Opium.		

Categorias	Dimensões	Descrição
I. Cenário	1. Coordenadas Temporais	17/02/2012 1h 30m
	2. Coordenadas Espaciais	Situada na mesa virada para a janela, do meu lado está a coordenadora de conteúdos, à minha frente a gerente. Lá fora chove bastante. Dentro do escritório a temperatura está agradável. O ambiente é calmo. Cheira a chá de laranja acabado de fazer na chaleira elétrica que está por baixo da janela.
II. Atores Sociais	3. Equipa	Presença de três técnicos da Opium, da secretária que está mesmo à minha frente. O novo elemento em conjunto com a gerente fazem uma pequena reunião, na mesa principal do escritório onde costumo ficar. De quando em vez trocam-se algumas palavras a propósito de trabalho, mas cada um dos atores está concentrado na sua mesa de trabalho. Na mesa principal vão-se trocando ideias de forma descontraída e informal.
III. Tarefas	4. Atividades realizadas	Trabalho focalizado no computador, troca de e-mails, telefonemas.

